

Universidade Federal de Juiz de Fora
Gheysa Lemes Gonçalves Gama

ENFIM SÓS:

Um estudo antropológico sobre o imaginário na viagem de lua-de-mel

Juiz de Fora
2008

Gheysa Lemes Gonçalves Gama

ENFIM SÓS:

Um estudo antropológico sobre o imaginário na viagem de lua-de-mel

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Práticas Sociais e Representações Simbólicas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.
Orientador: Prof. Dr. Euler David de Siqueira.

Juiz de Fora

2008

Gheysa Lemes Gonçalves Gama

ENFIM SÓS:

Um estudo antropológico sobre o imaginário na viagem de lua-de-mel

Dissertação submetida ao Instituto de Ciências Humanas, UFJF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Euler David de Siqueira (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Jurema Gorski Brites
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Rosane Manhães Prado
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Juiz de Fora

2008

Dedico este trabalho de conclusão do mestrado ao professor Gilberto Barbosa Salgado, pelo apoio e incentivo que foram fundamentais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente às orientações sempre bem-vindas do professor Euler David de Siqueira, por compreender meus devaneios e por acreditar neles.

Pela compreensão nas horas de ausência e pelo companheirismo, agradeço aos queridos colegas de trabalho, professor Ricardo Mendonça, professor Anderson Castanha, professor Anderson Valverde, ao Ivan Amorim, à querida Mara Mendonça, e em especial ao professor Marcos Tanure pelos incansáveis exemplos de generosidade e dedicação.

Aos professores do mestrado, em especial aos antropólogos, que me fizeram apaixonar irremediavelmente pela ciência antropológica.

Às professoras Jurema Gorski Brites e Rosane Manhães Prado por aceitarem gentilmente o convite para comporem minha banca de defesa.

Aos casais entrevistados, por me receberem e contribuírem para a confecção deste trabalho.

À minha amada família por estar sempre ao meu lado.

Aos amigos (poderia ser injusto ou extenso demais – graças à Deus – citar todos) pelos momentos de explosão e calma.

Ao Rodrigo, namorado, amigo e companheiro, pela fé inabalável em meu potencial e por ser meu porto seguro, sempre.

Com efeito, tudo na vida social, inclusive a ciência, repousa sobre a opinião. Indubitavelmente, pode-se tomar a opinião como objeto de estudo, fazendo dela uma ciência; nisto consiste, principalmente, a sociologia. Mas a ciência da opinião não faz opinião. Ela só pode esclarece-la, torná-la mais consciente de si.

DURKHEIM

E, de fato, as viagens xamanísticas são viagens verticais (para dentro ou pra cima) muito mais que horizontais, como acontece na viagem clássica dos heróis homéricos. E não é por outra razão que todos aqueles que realizam tais viagens para dentro e para cima são xamãs, curadores, profetas, santos e loucos; ou seja, os que de algum modo se dispuseram a chegar no fundo do poço de sua própria cultura.

DA MATTA

RESUMO

Esse trabalho de dissertação procura compreender alguns sentidos e significados que são colocados em jogo quando refletimos sobre o imaginário, privilegiando um momento em especial: as viagens de lua-de-mel. Assim, o presente estudo pretende analisar, sob a perspectiva antropológica, representações envolvidas no que tange ao imaginário da lua-de-mel num determinado grupo, que abrange sete casais de camada média, que casaram e vivem na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Para tanto, lançaremos mão de conceitos e teorias que nos auxiliarão a pensarmos nosso objeto de pesquisa, como imaginário, turismo, ritual, família, casamento e a própria lua-de-mel. Examinamos, por fim, de que forma os aspectos simbólicos e as categorias que surgem desse campo polissêmico se relacionam e se opõem, nos auxiliando a interpretar a "teia de significados" construída e reconstruída pelos sujeitos envolvidos nessa prática cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário. Lua-de-mel. Viagem. Turismo. Família. Casamento. Ritual.

ABSTRACT

This thesis tries to understand some of the meanings that come into play when we reflect upon the imaginary dimension, and we will focus on a special concept: honeymoon trips. Thus, the present study analyses, under the anthropological perspective, the representations of honeymoon trips in a group of seven middle-class couples who married and live in the city of Juiz de Fora , M.G., Brazil . We will make use of concepts and theories that will help us analyse the following concepts: the imaginary dimension, tourism, rituals, the family, weddings and honeymoon trips. We will also evaluate how symbolic aspects that arise from this polysemic field relate and conflict with one another, enabling an interpretation of the web of meanings that are constructed and reconstructed by individuals involved in this cultural practice.

KEY WORDS: Imaginary dimension. Honeymoon. Trip. Tourism. Family. Wedding. Ritual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. UMA VIAGEM SOBRE OS CONCEITOS DE IMAGINÁRIO E TURISMO.....	13
<u>1.1 Imaginário: uma lógica simbólica de apreensão da realidade.....</u>	<u>14</u>
<u>1.2. “Sombra e água fresca”: as viagens de turismo</u>	<u>25</u>
2. “QUEM CASA, VIAJA”: PERCORRENDO CONCEITOS SOBRE FAMÍLIA, CASAMENTO E LUA-DE-MEL.....	31
<u>2.1. Ponderações sobre conceitos familiares.....</u>	<u>31</u>
<u>2.2. O casamento é uma instituição falida? Reflexões sobre o matrimônio nas camadas médias urbanas.....</u>	<u>36</u>
<u>2.3. “Viagens de sonho”: considerações sobre a lua-de-mel.....</u>	<u>43</u>
3. SOBRE O MÉTODO DE COLETA DE DADOS: APRESENTANDO AS ENTREVISTAS, OS CASAIS E SUAS VIAGENS DE LUA-DE-MEL.....	53
<u>3.1. Juiz de Fora: a mais Gerais das cidades Mineiras.....</u>	<u>54</u>
<u>3.2. Relato de algumas experiências pessoais</u>	<u>55</u>
<u>3.3. Apresentação das entrevistas.....</u>	<u>57</u>
3.3.1. “Aí a tradição já foi por água abaixo”.....	58
3.3.2. “A gente ficava mais no hotel, pra gente namorar”.....	62
3.3.3. “A lua-de-mel é tipo assim uma preparação pra nova vida”.....	65
3.3.4. “É tão bacana, faz tão bem pro casal a viagem”.....	68
3.3.5. “A gente achou muito perfeito pra lua-de-mel porque parece um paraíso”	74
3.3.6. “Se a gente tivesse ido dois meses antes de casar teria sido a mesma coisa, né amor?”.....	77
3.3.7. “Não interessava o lugar, interessava o nosso conhecimento maior, a gente ficar juntos”.....	81
4. LUA-DE-MEL É UMA SÓ? COMPARANDO E ANALISANDO OS DADOS.....	85
<u>4.1. Lazer.....</u>	<u>87</u>
<u>4.2. Família.....</u>	<u>92</u>
<u>4.3. Casamento.....</u>	<u>97</u>
<u>4.4. Lua-de-Mel.....</u>	<u>106</u>
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIAS.....	124

**MALINOWSKI, BRONISLAW KASPER. ARGONAUTAS DO PACÍFICO
OCIDENTAL: UM RELATO DO EMPREENDIMENTO E DA AVENTURA DOS
NATIVOS NOS ARQUIPÉLAGOS DA NOVA GUINÉ MELANÉSIA. 3ª ED. SÃO
PAULO, ABRIL CULTURAL, 1984.....127**

INTRODUÇÃO

Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.

Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam.

GÊNESIS 2,3 – VERSÍCULO 24,25

O trecho bíblico refere-se à criação do primeiro casal na terra, Adão e Eva, habitantes do jardim no Éden, onde havia toda sorte de árvores para alimentá-los (exceto da “árvore do conhecimento do bem e do mal”), ervas e árvores frutíferas, rios e mares, o sol e as estrelas e animais de todas as espécies. A imagem do jardim do Éden se assemelha com a maneira como a lua-de-mel é divulgada pela mídia, como uma “viagem de sonhos”. Alguns casais entrevistados corroboram essa visão, pois citam suas luas-de-mel como um paraíso, um momento de privacidade e intimidade do casal, no qual tudo é permitido e vivido com intensidade. Paraíso, intimidade, privacidade, descanso, assim como vivia o casal antecedente, ou o primeiro casal na terra.

A lua-de-mel é encarada aqui como um rito relacionado aos recém casados, é uma viagem que ocorre logo após o casamento, na qual os noivos desfrutam de momentos de intimidade entre eles. Malgrado não haver consenso sobre a origem da expressão, fato é que até hoje, apesar das mudanças culturais a respeito do casamento, a lua-de-mel ainda é acontecimento importante na vida de milhões de pessoas.

Expressão que representa um momento de bem-estar, em que há uma relação cordial e afetuosa (não é à toa que é utilizada fora do contexto apresentado para representar, ainda que em sentido conotativo, momentos em que certa relação é recíproca no bom entendimento), pensar em lua-de-mel está intimamente ligado a viajar, a momentos de lazer e ócio. Essa viagem em lua-de-mel é povoada de

imaginários, o local em que se pretende passar um momento único do casal deve ser romântico? Exótico? Lúdico? Além, quais as representações desta viagem, como prática cultural, são compartilhadas socialmente? A relação entre imaginário e lua-de-mel é o que pretende investigar esta dissertação de mestrado.

Esta pesquisa foi fruto de algumas inquietações e motivações. Primeiro pela relação entre o imaginário nesse tipo de viagem (quais são as categorias acionadas socialmente que fazem um casal escolher um determinado local para sua viagem de lua-de-mel? Qual a importância simbólica da lua-de-mel na nossa cultura?), e ainda, pelo caráter único que apresenta a lua-de-mel, recheadas de simbolismos, e inédita. A própria expressão, “lua-de-mel”, evoca algo positivo, uma relação generosa, amigável, amorosa, em nossa cultura. Por isso não é raro vermos essa expressão associada a outras relações que não a de noivos, como por exemplo: “Botafogo em lua-de-mel com a torcida¹”, nesse caso a expressão não se refere a uma dada viagem, mas metaforicamente coincide com um estado de espírito em que as pessoas estão bem e felizes.

O imaginário é encarado aqui como uma aura, perceptível, porém não quantificável. Trata-se de um conceito complexo e um tanto polêmico que além é permeado por outros tantos conceitos e categorias que auxiliam em sua compreensão. Para darmos conta desses conceitos lançamos mão de autores como Émile Durkheim (1996, 1995), Gilbert Durand (2001, 1997 e 1988), Michel Maffesoli (2001 e 1987), François Laplantine e Liana Trindade (1997), Euler David de Siqueira (2006 e 2005), Juremir Machado da Silva (2007 e 2006).

A compreensão da lua-de-mel não se dá de modo menos complexo, principalmente por não haver na literatura algo que aborde esse tema com exatidão. Ao tentarmos entender as representações e significações da viagem de lua-de-mel, percorremos um caminho em direção à compreensão de outros conceitos que tangenciam a esse e não são, portanto, menos importantes. Esses conceitos são família e casamento. Estamos visualizando, num primeiro momento, duas características inexoráveis à lua-de-mel: trata-se de uma viagem de turismo e de um ritual, desse modo esses dois conceitos serão também esmiuçados no decorrer da dissertação, pois acreditamos serem importantes para a construção do arcabouço teórico. Todos os conceitos que serão aqui trabalhados são enxergados à luz da

¹Fonte:

<http://globoesporte.globo.com/ESP/Home/0,4399,00.html?gclid=CNfo86bJq4oCFRo8Sgod6EmjpQ>.

ciência antropológica, ou seja, através de um olhar que busca compreender, a partir das culturas, algumas lógicas simbólicas que ordenam uma dada realidade.

A metodologia utilizada para investigar nosso objeto de estudo é a entrevista em profundidade que ocorreu com sete casais da camada média da cidade de Juiz de Fora. Dos sete casais apenas um ainda não havia, na ocasião da entrevista, viajado em lua-de-mel ainda que o casamento e a viagem já estivessem com datas definidas.

A disposição dos capítulos procurou organizar o contexto de teorias e dados a serem apresentados. Assim, o capítulo inicial trabalhará com os conceitos de imaginário e turismo. O capítulo posterior conformará os seguintes conceitos: família, casamento e lua-de-mel, apresentando-os como conceitos complementares. O terceiro capítulo tratará de expor o trabalho de campo e os dados capturados, assim cada entrevista será aduzida, ainda que brevemente, com o intuito de contextualizar o leitor sobre o universo pesquisado. O derradeiro capítulo, seguido pela conclusão, seguirá com a análise dos dados, onde os discursos dos entrevistados estarão condensados em categorias recorrentes, utilizando sempre que necessário as teorias e conceitos trabalhados alhures, como suporte para a construção do nosso saber a respeito das representações em jogo.

Como um trabalho antropológico que pretende ser, essa dissertação foi construída tendo como base seu trabalho de campo. Ainda que fosse delimitado, fui a campo com um horizonte à minha frente. Muitas questões foram trazidas a partir das interações e das conversas estabelecidas. Os meus capítulos teóricos são fruto também dessa relação, já que, por ser um trabalho qualitativo, os conceitos algumas vezes ficaram claros na análise e durante a coleta dos dados. Assim como nos sugeriu Evans-Pritchard: “eu não estava interessado em bruxaria quando cheguei na terra zande, mas os Azande estavam, assim que tive que me deixar guiar por eles” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 26). As impressões e representações - em alguns momentos surpreendentes para mim - dos entrevistados sobre a lua-de-mel são, portanto fundamentais na construção desse trabalho de dissertação.

1. UMA VIAGEM SOBRE OS CONCEITOS DE IMAGINÁRIO E TURISMO

Este capítulo inicial pretende introduzir as discussões teóricas que serão parte substancial do nosso trabalho de dissertação. Como metodologia são utilizadas fontes bibliográficas para a construção do arcabouço teórico.

Seu objetivo consiste em discutir aspectos que permeiam as noções de imaginário e turismo, apresentando a maneira como estamos enxergando estes conceitos no presente trabalho. Para tanto, concentramo-nos em autores cujo trabalho supomos produzir o efeito desejado ao propósito deste estudo.

Nosso olhar sobre essas noções será construído a partir de linhas de argumentações que visam a criar uma interface entre o imaginário, o turismo e a antropologia. A intenção é percorrer um caminho, delimitando nosso olhar para os conceitos que estamos apresentando.

As reflexões sobre imaginário e turismo encimam esse trabalho, pois consideramos como conceitos chaves nesse trabalho de dissertação, que pretende investigar o imaginário na viagem de lua-de-mel, que supomos ser uma viagem de turismo. O segundo capítulo pretenderá dar conta de outras categorias auxiliares para compreendermos nosso objeto de estudo aqui. Não são menos importantes, portanto.

1.1 Imaginário: uma lógica simbólica de apreensão da realidade

A razão e a ciência apenas unem os homens às coisas, mas o que une os homens entre si, no nível humilde das felicidades e penas cotidianas da espécie humana, é essa representação afetiva porque vivida, que constitui o império das imagens.

DURAND

Ao discutir o imaginário, são várias as abordagens possíveis, pois há um intenso debate interdisciplinar em torno do termo. Compreendendo o contexto multidisciplinar que articula diferentes pensadores e linhas de pensamento, cabe ressaltar que o foco de reflexão que permeia todo presente trabalho é antropológico.

Tão diversas quanto as perspectivas teóricas que pretendem elucidar o tema são as possibilidades metodológicas de apreensão do imaginário, que perpassam desde a mitocrítica de Durand, às análises psicanalítica, lingüística, histórica, antropológica, entre outras.

Além das diferentes linhas teóricas de pensamento e metodológicas que conduzem ao entendimento sobre o imaginário, diversos conceitos estão intrínsecos a ele e são essenciais à sua compreensão, sendo que vários fios de definição sustentam a noção de imaginário, num amálgama de conceitos e idéias que devem ser articulados.

Por conseguinte, cabe apresentar, já nesse primeiro momento, as perspectivas que estão colocadas em jogo ao trabalharmos com o imaginário nessa dissertação. Nosso olhar sobre o tema é antropológico e são os autores que se propuseram a entender o imaginário com uma abordagem antropológica que serão utilizados aqui para a construção do arcabouço teórico do trabalho.

Podemos, a partir dos esclarecimentos, realizar um esforço inicial de conceituação, partindo de Durand que entende o imaginário como um “conjunto das

imagens e das relações entre imagens que constituem o capital pensado do *sapiens*” (DURAND, 1997, p. 11), assim esse autor realiza uma associação direta entre o imaginário e as imagens e também para nossos procedimentos de produção de imagens. Siqueira compartilha do pensamento do autor ao afirmar que o imaginário é a própria dinâmica das imagens, sendo que nesse sentido o imaginário “se apodera das imagens apreendidas pelos sujeitos, alterando-as [...] possui a dinâmica de fazer mudar o real. E isso não implica na exclusão total do real, senão na manutenção de uma identidade com ele” (SIQUEIRA, 2005, p. 6).

Durand (1997) se propôs a estudar as estruturas antropológicas do imaginário e sistematizou uma classificação dinâmica e estrutural das imagens a partir de arquétipos de símbolos universais. Para o autor, o imaginário é uma produção manifestada através do mito, sendo assim, em toda época e em cultura há mitos subjacentes que orientam a vida em sociedade; os mitos são, portanto, responsáveis pela dinâmica social representativa do imaginário. Para tanto, Durand desenvolveu a mitanálise, que é um método de análise científica dos mitos, no qual os objetos de exame são as instituições e as práticas sociais. É através da mitoanálise que Durand verifica o que chama de variantes dos mitos clássicos, ou seja, a própria dinâmica cultural permite que os mitos desapareçam e ressurgam conforme os movimentos históricos. A crítica de Laplantine e Trindade ao trabalho de Durand recai justamente nesse ponto, sobre a construção de arquétipos simbólicos universais, pois ao considerarem a universalidade de certos fenômenos sociais, relegam, segundo os autores, o conhecimento de diferentes culturas.

Já para Juremir Machado da Silva (2003) o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor, sendo diferente do imaginado, que é a projeção irreal que poderá se tornar real. Para o mesmo autor o imaginário pode ser entendido como

Um reservatório/motor. Reservatório agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo (SILVA, 2003, p. 3).

Desse modo o imaginário não é para o autor um mero museu da memória individual ou social e nem um exercício de imaginação sobre o mundo, e sim “uma

rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2003, p.2).

Maffesoli (2001) enfatiza o caráter interacional do imaginário, pois o imaginário funciona na interação, criando uma sensibilidade comum, sendo que há processo interacionais que criam auras. Portanto, ele compreende o imaginário como uma aura, que não podemos ver, mas podemos sentir; o imaginário é, então, o imponderável, o que é perceptível, porém não mensurável. Essa característica do imaginário é, para Silva (2003) o desafio da nova sociologia compreensiva, que seja, aceitar a presença do imponderável, do etéreo na cultura.

Laplantine e Trindade (1997) realizam um esforço teórico acerca do imaginário, a partir das diferenças conceituais entre termos como: imagem, símbolo, signo, significante, significado, idéia, real, realidade e imaginário. Eles definem imaginário expondo o que ele não é, ressaltando as diferenças entre os outros termos enumerados. Há aí uma diferença teórica com outros autores da escola antropológica e filosófica substancialista, como Durand, pois estes autores tratam o imaginário e a imagem como sinônimos de símbolo. As conseqüências da identificação das imagens e do imaginário aos símbolos acabam, para Laplantine e Trindade, conduzindo “aos impedimentos no conhecimento das diferentes culturas que passam a ser reduzidas à universalidade de seus fenômenos sociais” (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p. 17).

Por outro lado Laplantine e Trindade produzem um estudo sobre os conceitos que permeiam o imaginário, demonstrando cuidadosamente as diferenças terminológicas que são indiferentes para outros autores. Existe, portanto, uma ligação direta entre imaginário, o simbólico e as imagens, “o imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e, por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária” (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p. 23-24).

Ainda, de acordo com os autores, o imaginário é construído e expresso através de símbolos, os símbolos prevalecem sobre a imagem,

à medida que, enquanto a imagem está mais diretamente identificada ao seu objeto referente – embora não seja a sua reprodução, mas à representação do objeto -, o símbolo ultrapassa o seu referente e contém, através de seus estímulos afetivos, meios para agir, mobilizar os homens e atuar segundo suas próprias regras normativas. (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p.13).

A imagem não é algo concreto, mas criado como parte do ato de pensar. Desse modo a imagem que temos de um objeto não é o próprio, mas o que entendemos e compreendemos sobre esse objeto, ou seja, a imagem é uma representação configurativa da idéia sobre o objeto dado. As representações englobam a tradução e interpretação de uma realidade percebida, o imaginário faz parte do campo das representações, porém não se trata apenas da tradução reprodutora de imagens, está permeado pelo caráter afetivo: “nesse sentido, o imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p.79).

O imaginário está ligado, portanto, à representação simbólica, que é uma interpretação da realidade para apreender o mundo social e nele se relacionar. Assim, o imaginário é uma maneira de interpretação simbólica do mundo, ainda que não seja a única. Apesar de ser uma interpretação da realidade, o imaginário possui um compromisso com o real, não com a realidade, pois a realidade consiste nas coisas, na natureza e o real é a interpretação que os homens atribuem a essas coisas e à natureza, o real é então a maneira subjetiva ou objetiva que os homens se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados, “se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p.79).

Porém o imaginário como um modo de interpretação simbólica do mundo possui maior liberdade e flexibilidade que a interpretação cognitiva, pois a representação cognitiva lida com relações observáveis na realidade, enquanto que o imaginário “pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p.27). E ainda é enfatizado pelos autores que o imaginário não significa a ausência da razão, apenas a exclusão de raciocínios demonstráveis, também não deixa de ser real, porque não é ilusão ou loucura, é uma outra forma de conhecer e perceber a realidade e possui uma lógica própria compartilhada pela coletividade.

“A representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p.25). Assim sendo,

podemos destacar três características importantes para compreender o imaginário: seu caráter interpretativo, afetivo e social.

O caráter social do imaginário também é muito discutido entre os autores. Maffesoli (2001) defende o imaginário como algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou pelo menos parte deste. O imaginário seria algo como “o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, é cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). O autor admite que há certa autonomia individual, ou seja, que cada sujeito está apto a entender, assimilar o imaginário com certa autonomia, porém ressalta que na maior parte do tempo “o imaginário dito individual reflete, no plano sexual, musical, artístico, esportivo, o imaginário de um grupo. O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo” (MAFFESOLI, 2001, p.80).

Silva (2003) defende a idéia do imaginário individual, que se dá essencialmente, por identificação, apropriação e distorção. Já o imaginário social estrutura-se principalmente por contágio, ou pela aceitação do modelo do outro, ou pela imitação, sendo que o imaginário, para o autor, serve para explicar o “eu” no “outro”, “mostra como se permanece individual no grupo e grupal na cultura” (SILVA, 2003, p. 4). Desse modo os imaginários coletivo e individual mantêm relações interativas, ainda que “o primeiro não seja obra do segundo e o segundo somente se constitua tendo o primeiro com condições de operação” (SIQUEIRA, 2005, p.4).

Assim o imaginário guarda proximidade com as representações sociais e a consciência coletiva, ambos conceitos empregados por Émile Durkheim (1995) em sua obra “Da divisão do trabalho social”, sendo que numa sociedade orgânica, como a nossa, a consciência coletiva é menor.

Para Durkheim a sociedade se organiza de duas maneiras, ou pela solidariedade mecânica ou pela orgânica. A solidariedade mecânica tem como característica pouca diferenciação entre os indivíduos, os membros da sociedade se assemelham porque têm os mesmos valores. Já a solidariedade orgânica prevê uma grande diferenciação entre os indivíduos de uma dada sociedade. Durkheim trata ainda do conceito de consciência coletiva, que seria o conjunto de crenças e sentimentos comuns aos membros de uma sociedade. Esta consciência coletiva tem maior ou menor extensão de acordo com a sociedade; nas sociedades dominadas pela solidariedade mecânica, a consciência coletiva tem maior preponderância. Em

contrapartida, quando uma sociedade é considerada de solidariedade orgânica, há uma redução da consciência coletiva.

Mas, mesmo numa sociedade em que “cada um pode e quer ser o mais insubstituível dos seres” (DURKHEIM, 1995, p. 46) o indivíduo ainda é parte da coletividade, e para Durkheim, mesmo vivendo numa sociedade marcada pelo individualismo, há ainda parte da consciência coletiva presente nas consciências individuais, pois uma sociedade não conseguiria se manter sem um vínculo dos indivíduos ao todo social.

Já em sua obra “As formas elementares da vida religiosa” (1996), Durkheim realiza uma introdução à sociologia do conhecimento, através de uma interpretação sociológica das formas do pensamento humano. O autor realiza um estudo de caso das crenças e práticas das tribos australianas, mas não se limita nelas, procura, além, compreender também as maneiras de pensar que estão associadas às crenças religiosas, nesse sentido a religião não é somente o núcleo de onde saíram regras morais e religiosas, mas também a origem do pensamento científico. Essa teoria do conhecimento da realidade social situa-se no campo simbólico, no espaço das representações, que são sociais e coletivas:

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo, encontra-se portanto com que concentrada aí. (DURKHEIM, 1996, p. 23).

Para Durkheim as representações sociais são constituídas por categorias de pensamento, que são categorias que permitem o entendimento da maneira que um grupo compreende e, conseqüentemente, representa o mundo, essas categorias são relacionadas aos modos de pensar que estão associados às práticas sociais. As categorias de pensamento, coletivas e sociais, não são inatas, condições da nossa mente, nem fruto de experiências individuais, são, portanto, “representações sociais, coletivas; são estados de uma consciência de consciências, são históricas” (SIQUEIRA, 2005, p. 5). As categorias são representações coletivas e exprimem a maneira pela qual a sociedade compreende as coisas que lhe são representativas.

Cemim, analisando a obra de Durkheim, relata que as representações sociais são para o autor “como a ‘trama’ que tece o social e que se origina da associação entre os homens, sem dela ser uma decorrência direta, instantânea ou mecânica” (CEMIM, 2001b, p. 1) sendo que esse processo de surgimento das representações pela associação humana “fica tão mais invisível quanto maior for a complexidade social” (CEMIM, 2001b, p. 2).

As representações sociais provêm, de acordo com Durkheim, da idéia de sagrado, que é o incomensurável, o ideal, o simbólico, o imaginário. Para o autor as representações são da ordem do imaginário porque “o modo de instituição do social é o imaginário: a forma como a sociedade imagina, projeta e objetiva denominando e classificando” (CEMIM, 2001b, p. 1).

Além de ser social, o imaginário também é fruto da cultura na qual está inserida. Para Maffesoli (2001), a cultura contém uma parte do imaginário, porém é mais ampla que este, a cultura é um conjunto de elementos e fenômenos passíveis de descrição, o imaginário vai além, tem algo de imponderável, é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental que é perceptível, porém não quantificável, é o estado de espírito que caracteriza um povo.

Nós entendemos cultura, no contexto deste trabalho, como sistemas simbólicos; posição representada por Clifford Geertz. Para esse autor os símbolos e significados são partilhados pelos atores entre eles, desse modo, estudar a cultura é entender um código de símbolos partilhados pelos membros de uma certa cultura na qual estão inseridos. Sobre a compreensão do conceito de Geertz escreveu Velho (1981):

Entender cultura como código, como sistema de comunicação, permite retomá-la enquanto conceito sociológico, propriamente dito. Não mais um repositório estático de hábitos e costumes, ou uma coleção de objetos e tradições, mas o próprio elemento através do qual a vida social se processa – a simbolização (VELHO, 1981, p. 105).

Esse conceito semiótico de Geertz é o que mais se aproxima ao que buscamos nesse presente trabalho:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental à procura de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, 1978, p. 4).

Assim procedendo, Geertz considera que a antropologia busca interpretações desses códigos de símbolos e significados que formam uma cultura. A aproximação do conceito de símbolo ao de cultura é extremamente pertinente ao nosso trabalho, já que estudar o imaginário nada mais é do que entender o conjunto de símbolos sociais que o expressam. O imaginário está intimamente relacionado à cultura, já que é pelo imaginário que o ser constrói-se na cultura, sendo assim, é por meio do imaginário que “o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo” (SILVA, 2003, p. 4). A cultura é mais ampla que o imaginário, “aquilo que separa uma cultura da outra é o imaginário (a representação) que cada cultura engendra para si mesma” (SILVA, 2003, p. 5).

Há uma relação intrínseca entre imaginário e imagem e foi debatida em momento anterior, Siqueira (2005) entende o imaginário como a própria dinâmica das imagens, para Maffesoli não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário, assim, o imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. Laplantine e Trindade entendem a imagem como algo criado no ato de pensar, como uma representação do objeto que vemos, a maneira que o compreendemos.

Flusser ressalta o caráter mágico das imagens, essencial para a compreensão das suas mensagens, o significado das imagens faz parte de um contexto e um tempo mágicos. Esse tempo de magia, de acordo com o autor, é diferente do linear que estabelece relações causais entre os eventos,

no tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. (FLUSSER, 1985, p.7).

Durand compreende o imaginário como o conjunto de imagens e das relações entre imagens, foi esse autor que cunhou o termo conhecido “civilização da imagem”, para qualificar a sociedade ocidental no século XX. Essa civilização da

imagem foi constituída de maneira paradoxal, pois o Ocidente balizado pela lógica binária (apenas dois valores, um falso e um verdadeiro) de Sócrates, sempre privilegiou a racionalidade científica em detrimento da imagem, pois é difícil extrair da sua percepção uma proposição verdadeira ou falsa: “a imaginação, portanto, [...] é suspeita de ser ‘a amante do erro e da falsidade’”. A imagem pode se desnovelar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável” (DURAND, 2001, p. 10).

Essa sociedade baseada numa verdade única e absoluta vai acompanhar uma ruptura com a supremacia da imprensa e da comunicação escrita pela imagem pronta para o consumo. Já as civilizações orientais possuíam uma linguagem e um sistema rico em objetos simbólicos e “nunca separaram as informações (digamos ‘as verdades’) fornecidas pela imagem daquelas fornecidas pelos sistemas da escrita” (DURAND, 2001, p. 6) como os hieróglifos egípcios e os caracteres chineses, por exemplo.

Para entender a relação da imagem com a sociedade ocidental, Gilbert Durand, apresenta em seu livro “O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem”, dados históricos, nos quais a discussão de Aristóteles prevaleceu inclusive entre Galileu, Descartes e Tomás de Aquino que consideravam a razão como o único meio de legitimação e acesso à verdade, ainda que Platão defendesse uma doutrina mais matizada que Sócrates seu mestre e Aristóteles seu sucessor. Apesar de ainda defender o raciocínio dialético, Platão reconhece que muitas verdades escapam dos valores lógicos e assim, acabam desvelando-se através do mito. Através da linguagem imaginária do mito: “Platão admite uma via de acesso para as verdades indemonstráveis: a existência da alma, o além, a morte, os *mistérios do amor...* Ali onde a dialética bloqueada não consegue penetrar, a imagem mítica fala diretamente à alma” (DURAND, 2001, P.16-17, minha ênfase).

Mesmo que aparentemente o esquema científico cartesiano tenha negado a imagem, há uma relação entre o papel da imagem e do imaginário no processo científico, pois a pesquisa, a experimentação e a análise científica procedem da imaginação para que possam enxergar realidades e relações até então desconhecidas, e apesar da lógica científica ter renunciado “às imagens em benefício de conceitos (é o estereótipo de um pensamento científico que seria não figurativo), sempre lançaram mão de uma atividade de representação visual: a

formalização gráfica, o esquema explicativo, a imagem numérica” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 76).

Embora textos expliquem imagens a fim de rasga-las, imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de remagiciza-los. Graças a tal dialética, imaginação e conceituação que mutuamente se negam, vão mutuamente se reforçando. As imagens se tornam cada vez mais conceituais e os textos, cada vez mais imaginativos. Atualmente o maior poder conceitual reside em certas imagens, e o maior poder imaginativo, em determinados textos da ciência exata (FLUSSER, 1985, p. 8).

Não obstante o racionalismo e o positivismo sempre terem negado a imagem a favor da lógica binária, na qual há apenas uma verdade absoluta, foi graças a eles, no século XIX, que foi criada a tecnologia que dará origem à fotografia, TV, cinema, etc, possibilitando a expansão das imagens prontas para consumo e a proliferação dessas como símbolos de grande importância na difusão de conhecimento na nossa cultura, mesmo que esses efeitos não tenham sido previstos pelos cientistas da época. E eis então o grande paradoxo da imagem na sociedade ocidental.

Levando em consideração a relação direta entre imagem e imaginário, podemos concluir então que as mudanças de percepção com as imagens padronizadas influenciam também na construção coletiva do imaginário. Essa é uma característica – apoiada por alguns autores - da “civilização da imagem”, onde a imagem padronizada e pronta para o consumo impõe seu sentido a um espectador passivo, anestesiando aos poucos a criatividade individual da imaginação. Compartilham desse ponto de vista, Laplantine e Trindade, ao afirmarem que apesar das sociedades ocidentais privilegiarem as imagens como maneira de conhecimento e comunicação, como as imagens televisivas ou computadorizadas, por exemplo, esse fenômeno não auxiliou na construção de um imaginário mais rico ou complexo, “as imagens padronizadas não conseguiram construir, através de seus recursos simbólicos, qualquer universo do imaginário social que pudesse superar as antigas narrativas orais” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 8). O contrário também pode ser encontrado em autores como Durand:

E essa verdade tecnológica, nós mesmos a aplicamos às imagens e às famílias de símbolos: a teoria eletrônica, as hipóteses de expansão do universo não são 'mais bem feitas' do que um mito de origem zuñi ou do que a parábola do grão de mostarda. Simplesmente, eles se aplicam a dois objetos diferentes. (DURAND, 1988, p. 107).

Em outro trabalho Durand (2001) defende o ponto de vista de Laplantine e Trindade, ao ressaltar o efeito perverso da explosão do vídeo com a temida “violentação das massas”, cuja consequência é a apresentação da imagem “enlatada” ao espectador passivo e que exige pouca criatividade individual da imaginação. Em Maffesoli (2001), ao contrário, o imaginário é alimentado por tecnologias e a técnica é um fator de estimulação imaginal. Desse modo, ilustra, com os exemplos do cinema e da publicidade, desmistificando a idéia de manipulação embutida nesses veículos de comunicação e criação de imagens, afirmando que esse processo de criação só acontece na medida em que o criador consegue capturar o que circula na sociedade, assim esses não somente forjam imaginários, mas captam o imaginário social para representa-los e afirma-los através dos veículos midiáticos.

Apesar de compartilharmos do ponto de vista de Maffesoli, o mais interessante aqui, em nosso trabalho, é compreendermos as mudanças que estão em jogo quando tratamos do imaginário, realizando um exercício reflexivo do contexto histórico e cultural de cada sociedade.

Entendemos, portanto, que para tentarmos compreender um imaginário devemos dar conta das características culturais de um certo grupo. Ainda é interessante ressaltar que acreditamos que o imaginário permeia toda a vida social e está presente em várias instâncias como a família, o casamento, a lua-de-mel, o lazer e, como veremos a seguir, o turismo.

1.2. “Sombra e água fresca”: as viagens de turismo

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!
Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E a ânsia de o conseguir!
Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

PESSOA

Há várias relações em jogo quando associamos o imaginário às viagens de turismo. Alguns lugares turísticos constroem ou reforçam imaginários, guiados pela lógica simbólica do “melhor lugar do mundo é aqui”², já que auxiliam a destacar certas características do local. Assim imaginários criam uma “aura” - para aproveitar Maffesoli (2001) - de uma localidade turística. Esse imaginário, portanto, agrega imagens, sentimentos, lembranças e experiências ao espaço turístico.

Desse modo há variações de imaginários aliados ao turismo, como o da viagem em si, “a idéia de ir para um paraíso, de buscar cultura, e até de adquirir status” (GASTAL, 2005, p. 83) e também o imaginário sobre o local a ser visitado, se é elegante, radical, animado, calmo, hospitaleiro, chique, entre outros. A associação entre turismo, imaginário e imagens é entendida por Gastal como,

² “O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo” é um trabalho de Siqueira (2006) que demonstra como os discursos midiáticos de revistas especializadas em turismo, tendem a destacar os locais turísticos como únicos, especiais, superiores, chamando essa prática de turicentrismo, ou seja, essas matérias possuem atributos próprios de práticas etnocêntricas.

Imagens porque antes de se deslocarem para um novo lugar, as pessoas já terão entrado em contato com ele visualmente, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas da Internet ou mesmo por intermédio de cartões-postais. Imaginários porque as pessoas terão sentimentos, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local “romântico”, outro “perigoso”, outro “bonito”, outro “civilizado” (GASTAL, 2005, p. 13).

Os lugares turísticos são escolhidos porque existe uma expectativa, que é construída culturalmente. “Tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas e os discos, que constroem e reforçam o olhar” (URRY, 1990, p. 18).

A prática turística, tão comum ao nosso dia-a-dia, é recente. O ato de viajar é remoto³, já o turismo é um fenômeno que advém, por suas próprias características, do capitalismo, sendo assim:

Para que a idéia de viajar por prazer vingasse no imaginário ocidental, foi preciso que uma série de mudanças estéticas e intelectuais fossem gradativamente desenvolvidas: a valorização da natureza, a “descoberta” das paisagens e de cenas “pitorescas”, a noção de lazer como uma forma de relaxar do stress da vida moderna e a ascensão do individualismo. Tudo isso também está relacionado aos fenômenos de urbanização, industrialização, mudança nas condições de trabalho e desenvolvimento do capitalismo (CASTRO, 2002, p. 80).

Apesar de haver uma profusão de conceitos e categorias relacionados ao turismo e divergências quanto a sua origem e significação, esboçaremos a seguir a maneira como o vemos. Apresentar diversos conceitos, trabalhados por diferentes autores é correr um risco de nos perdermos num caminho longo demais, essencialmente, porque os conceitos e origens do turismo são debates acalorados e extensos dentro da academia. Outrossim, cabe acrescentar, que acreditamos que não há apenas um turismo, ou uma forma de praticá-lo, portanto, exibiremos a seguir o conceito de turismo pensado a partir da prática cultural da lua-de-mel.

Assim sendo, nós vemos, no presente trabalho, o turismo como um fenômeno capitalista, por suas características essenciais, dentre elas, porque acontece no período que conhecemos como “tempo livre”. Uma outra característica associada ao

³ Porém não há consenso; certos autores enfatizam o século VIII a.C. quando as pessoas viajavam para assistir aos jogos olímpicos, outros dão destaque aos *grand tours* do século XVI, que eram viagens longas realizadas por jovens meninos e seus professores (BARRETO, 2000).

turismo é o fato de haver deslocamento físico e simbólico; e ainda outro elemento presente nas viagens de turismo é o lazer; portanto o tempo do turismo é um tempo de lazer, entendendo lazer, a partir das palavras do sociólogo Dumazedier como:

único conteúdo do tempo orientado para a realização da pessoa com fim último. Este tempo é outorgado ao indivíduo pela sociedade quando este se desempenhou, segundo as normas sociais do momento, de suas obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas. (DUMAZEDIER, 1999, p. 91).

Ainda de acordo com as idéias do sociólogo, esse tempo de lazer não é o resultado de uma decisão do indivíduo, mas primeiramente, o resultado de uma mudança da economia e da sociedade, é um valor social da pessoa que se traduz por um direito social, direito esse desta pessoa dispor de um tempo cuja finalidade é a auto-satisfação.

A partir das características até então expostas, podemos limitar algumas categorias que constroem nosso entendimento sobre o turismo, sendo essas: tempo livre, deslocamento e lazer, corroborando as pistas de Gastal: “falar em turismo significará fazer referência àquelas pessoas que saem das suas rotinas espaciais e temporais por um período de tempo determinado” (GASTAL, 2005, p. 12).

Além, o turismo é entendido aqui, acima de tudo, como um fenômeno social. Nesse sentido o conceito que mais se aproxima ao modo como o estamos encarando é de Siqueira (2006). Para o autor o turismo é:

uma ação social dialética dotada de sentido interno, subjetiva, de um sujeito que se retira de sua sociedade, permanecendo por um *quantum* de tempo não determinado em um outro lugar e que retorna a seu universo de vida cotidiano transformado através do contato mantido em um outro local. Turismo, nesse sentido, é uma forma social, cuja síntese das ações sociais recíprocas daqueles chamados de turistas e daqueles que os recebem (SIQUEIRA, 2006, p. 4).

Adicionalmente cabe acrescentar para nossa compreensão, uma outra qualidade do turismo, este pressupõe ‘encontros’. Encontros com o outro - sejam outras pessoas ou comunidades, outra paisagem ou outra cultura - e consigo mesmo, num processo de conscientização de sua própria identidade cultural reconhecida a partir da alteridade.

Estes encontros são instituídos dentro de um espaço, cujas relações estabelecidas são variadas, com diversos atores⁴ interagindo, como a comunidade local, profissionais envolvidos com o mercado turístico, o poder público e o turista. Ser turista para Urry (1990) é uma das experiências modernas, que confere status, como ter um carro ou uma casa. É o mesmo autor que estuda a experiência do turista a partir de seu olhar. Para Urry o olhar do turista é culturalmente construído, deste modo não existe um único olhar, mas varia conforme a sociedade na qual está inserido, a sociedade que irá visitar e o período histórico.

É nesse espaço turístico, de encontros e interações, que ocorre também as transformações de identidades, tanto do turista quanto da comunidade receptora, pois as identidades existem em relação a outras, num processo de inclusão e exclusão, o que Frederick Barth (*apud* CUCHE, 1999) chamou de concepção relacional. Nesse sentido as práticas turísticas podem ser associadas a processos de negociações e formações de identidades.

Também é nesse espaço que atrativos turísticos são construídos. Nesse sentido não há lugares com vocação natural para o turismo, seu reconhecimento como local turístico é uma construção cultural “isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada” (CASTRO, 2002, p. 81). Nesse sentido Siqueira (2006) afirma que o turismo supervaloriza seus atrativos:

No processo de turistificação, o que era visto como apenas mais um elemento que compõem a *paisagem normal* do dia a dia, algo naturalizado e banal, desprovido de *valor* e que poderia passar despercebido, ganha novos contornos, novos valores de centralidade em relação a outros elementos que irão passar despercebidos (SIQUEIRA, 2006, p. 12).

A experiência turística presume um processo de sacralização dos atrativos (naturais ou culturais). Daí Urry conclui que os atrativos turísticos são constituídos por uma aura de encantamento - no sentido que são originais e singulares - que é construída pelos responsáveis pelo turismo (empresários do setor e poder público) e reforçado pelos meios de comunicação. Para Siqueira (2006) algumas matérias de revistas especializadas em turismo apresentam certos lugares como dotados de

⁴ Utilizamos a expressão ator social ao invés de agente, pois entendemos que um ator interage com seu ambiente, influenciando e sendo influenciado por ele e também porque representa um papel social estabelecido através de seu interlocutor.

qualidades especiais e únicas. Assim cada localidade turística é tomada como o centro do mundo, num processo que denominou *turiscentrismo*:

Todo e qualquer lugar turístico aspira a encarnar a própria essência de ser um lugar único, belo e incomparável. Vistos sob a ótica do extraordinário, do anormal e do inigualável, o atrativo é fundado a partir da diferença, jamais pela semelhança. Afinal, o que motiva o turista a viajar milhares de quilômetros, gastar somas consideráveis, tempo e aborrecimentos se não for para contemplar e desfrutar de algo exclusivo e inigualável? (SIQUEIRA, 2006, p. 9).

Assim, o referido autor conclui que o turismo também pode ser entendido como um fenômeno social etnocêntrico, já que constrói certas características de distinção, exclusividade, originalidade e superioridade para tornar os lugares turísticos mais atrativos.

Pela complexidade das relações estabelecidas, o tema turismo sempre esteve arraigado a vários outros, tais como: economia, administração, política, geografia, psicologia, ecologia, cultura, dentre outros. Importante aqui, para nosso trabalho, é buscarmos compreender a relação do turismo com a cultura, já que a antropologia é a base para a dissertação. Quando relacionamos turismo e cultura, diversas associações podem ser estudadas, as transformações culturais da comunidade autóctone; o contato entre diferentes culturas: do turista e do habitante local; e ainda, a própria cultura de fazer turismo.

Banducci (2001) nos lembra que o turismo tornou-se foco de estudos sistemáticos na antropologia brasileira a partir da década de 1990, preocupados, sobretudo, com as consequências do turismo para a comunidade receptora, ou seja, em estudar e procurar compreender o que está em jogo nas relações entre os turistas e a comunidade receptora; relações essas estabelecidas no espaço turístico, repleto de significados distintos e, muitas vezes, em conflito⁵.

É trabalho recorrente dentro da academia, o estudo do turismo como promotor da cultura autêntica ou da cultura espúria e o debate acerca desse tema produziu diversos trabalhos e artigos que contribuem positivamente para o enriquecimento do tema. Existe ainda a visão do turista como prisioneiro de construções simbólicas não autênticas, porém esse tipo de equívoco pode ser conduzido, para Castro (2002), por desconhecer a apropriação individual que o turista constrói a partir do que lhe é

⁵ Um exemplo dessa relação e da interação entre os turistas e os “nativos” pode ser encontrada em Prado (2003).

oferecido. Outra associação comum é ao fato do turismo de massa produzir experiências espúrias, nesse sentido,

A massificação não vulgariza ou degrada o turismo “autêntico”: o que ela faz é trazer à tona outras formas de lazer. Não há um modo “autêntico” de se fazer turismo. Aliás, não seria possível congelar qualquer experiência, fruto que ela sempre é do momento presente, mutável e em constante devir (CASTRO, 2002, p. 86).

O fato é que certos autores que escrevem sobre essa interseção, turismo e cultura, tendem a enxergar a cultura como um fenômeno estático, não como um processo dinâmico e interativo em constante modificação e continuidade. O ideal, adaptando as reflexões de Edmund Leach (1995), é estudar o turismo a partir de premissas que são sociedades reais, existentes no tempo e no espaço; entendendo a cultura, portanto, a partir da idéia de mudança, que é parte de um processo social e cultural em qualquer sociedade.

Ainda, de acordo com Santos (2005), podemos e devemos entender as localidades turísticas como lugares híbridos, de culturas híbridas, com a presença da tradição, do local e também o mundial, resultado da globalização do capitalismo. A presença concomitantemente da valorização da tradição junto com a busca do moderno é característica do turismo. Por isso é comum vermos museus, casas com arquitetura típica ao lado de luxuosos hotéis. Porém essa característica não é única ao turismo e sim fruto do momento econômico-político em que vivemos.

O objetivo desse tópico foi entender as características que estamos colocando em evidência quando falamos de viagem de turismo. Delimitando este tema contribuimos para a compreensão da lua-de-mel, pois esta é considerada, também, uma viagem de turismo.

2. “QUEM CASA, VIAJA”⁶: PERCORRENDO CONCEITOS SOBRE FAMÍLIA, CASAMENTO E LUA-DE-MEL

Assim como anunciado na introdução ao capítulo um, este capítulo dois pretende discutir a lua-de-mel. Para dar conta deste conceito introduziremos outras categorias que são importantes para nos ajudar a pensarmos a lua-de-mel, como as noções sobre família e casamento.

Desse modo estudaremos alguns pontos que permeiam as discussões sobre os temas da família e do casamento. Nossa pretensão é, portanto, iluminar essas discussões, dando ênfase a aspectos que tangenciam ao nosso objeto de estudo central: a lua-de-mel.

Num terceiro momento deste capítulo, pensaremos essencialmente na lua-de-mel buscando construir nosso olhar sobre essa categoria de representação social.

2.1. Ponderações sobre conceitos familiares

O substrato da família que nos interessa aprofundar nesse trabalho de dissertação é a aliança matrimonial. Algumas teorias serão trabalhadas com o intuito de contemplar alguma noção geral que conduziremos sobre o assunto família, a fim de iniciar um debate mais pontual, alhures, sobre as alianças de casamento e posteriormente conduzir nossa discussão para o tema desse trabalho de dissertação: a lua-de-mel.

O conceito de família que estamos considerando, seguindo as pistas de Almeida (1987), é a família como representação social das relações de aliança e consangüinidade, sendo uma realidade simbólica e, portanto construída, que expressa, reproduz e legitima valores de um determinado grupo.

⁶ Analogia com a frase de provérbio popular brasileiro: “quem casa, quer casa”. A frase é utilizada em alguns *sítes* de propaganda de hotéis e viagens de lua-de-mel.

As teorias sobre família ao mesmo tempo em que pretendem estabelecer as relações entre os membros pertencentes, em termos de divisão de papéis, poder e autoridade, buscam também precisar que relações são estabelecidas com as outras dimensões da vida social como o trabalho, a política, a economia, o Estado.

Porém, se tivermos um olhar sobre o estudo da família brasileira como um fato empírico, talvez não daremos conta da diversidade de maneiras de organização familiar ao longo do tempo, período histórico, região, segmentos sociais. Desse modo seria impossível conduzir a uma teoria da família. Entendendo essas diferenciações que permitem flexibilizar a teoria trabalhada, pretendemos nesse momento apresentar algumas teorias e pensamentos sobre a família brasileira que contribuam para solidificar a base de nosso trabalho, tendo em mente que não há *uma* família, como bem nos lembra Velho (1987). A antropologia demonstra a existência de vários tipos de família e diversos sistemas de parentesco, embora esses tipos específicos de família sejam limitados. Portanto, não há *uma* família brasileira, há diferenças relacionadas à classe social, a grupos de status, às tradições, etc.

As construções teóricas sobre família no Brasil erigiram a partir de trabalhos clássicos, como Gilberto Freyre, autor cuja análise recai nas classes dominantes, ressaltando os aspectos culturais que contribuíram para as configurações familiares, como o patriarcalismo.

Contudo existem duas leituras da família patriarcal na obra de Freyre, a primeira a entende como comprovação de argumentos empíricos para explicar o que poderíamos chamar de organização familiar; nesse sentido o modelo de Freyre só seria encontrado entre algumas famílias recifenses e alguns vestígios em famílias de camadas médias altas. Uma segunda leitura interpreta o perfil de família patriarcal como uma construção ideológica, e serve de referência para a prática no que tange a padrões de relações, assim essa construção ideológica permite conceber a representação de família enquanto um grupo estruturado numa hierarquia.

Afirmar que o modelo da sociedade é o da família patriarcal não impede que uma viúva ou uma mulher solteira possam viver patriarcalmente; até mesmo um grupo de mulheres pode atualizar um modo de existência de acordo com um paradigma patriarcal, do mesmo modo que um grupo de homens pode viver matriarcalmente (DA MATTA, 1987, p. 126).

Desse modo, “o modelo continua sendo legitimado pela sociedade. Situações de não-atualização do modelo são definidas negativamente: não ser poderoso, ser ‘solteirona’, ser ‘mulher abandonada’” (ALMEIDA, 1987, p. 16).

Apesar de ser encarada como modelo pelos autores, a família patriarcal desmoronou como grupo visível graças, dentre outros, à maior urbanização. Porém o modelo permanece no sistema, em especial nas residências da camada média alta que ainda reproduzem algumas características que compõem a família patriarcal. Já para Fonseca (1995) o modelo de família patriarcal desenvolvido por Gilberto Freyre ecoou tão forte no imaginário da elite que os próprios pesquisadores procuraram a verificação empírica desse modelo em seus dados, assim a família patriarcal não parece ter sido tão comum no passado como parece, assim como as famílias nucleares e as mulheres como chefe de família não são invenções da modernidade.

A livre escolha do cônjuge e o amor romântico incorporado ao laço conjugal, o aconchego do lar que se torna refúgio contra pressões do mundo público, a importância central dos filhos e o papel da mãe como socializadora deles são algumas características que compõem a família moderna. Essa família é consequência de um determinado contexto histórico, onde há um nível de segurança econômica, a importância da instituição escolar e um Estado central capaz de disciplinar seus sujeitos. A família, portanto, tem sido aproveitada como arma do Estado, seja porque essa transmite atitudes compatíveis com o exercício da cidadania, vista como instrumento de socialização de crianças e da personalidade adulta; ou porque, especificamente no caso brasileiro, “a idéia do amor conjugal, e especialmente da livre escolha do cônjuge, ajudou a retirar o poder dos patriarcas e entregá-lo nas mãos dos agentes do Estado” (FONSECA, 1995, p. 82).

As representações sobre família e parentes são fundamentais para a constituição de uma visão de mundo em que o indivíduo está dentro de limites dados, mesmo ou até principalmente quando pretende romper ou renunciar. Principalmente em uma sociedade como a brasileira, “em que a hierarquia exerce papel crucial, com a forte crença de que cada coisa tem e deve estar em seu lugar, o pertencimento a uma família específica é elemento fundamental no sistema de classificação dos universos investigados” (VELHO, 1981, p.119).

Além disso, o termo família na cultura brasileira é utilizado com outras conotações, lembradas por Da Matta (1987), como um qualificativo positivo como “esse lugar é familiar” ou “aquela moça é de família”, e ainda outras associações

importantes observadas em expressões como “em ter um nome de família” ou “ter nascido numa família importante”. A família é vista como um valor em nossa cultura, de modo que quem não tem família desperta na maioria de nós compaixão, e quem rejeita a família, desperta nossa antipatia.

De fato a relação da família com a cultura brasileira também é diferente de outras culturas do mundo, aqui é vista como um valor, investindo regras na sociedade, “a tal ponto que todo político populista sabe que a melhor imagem de tranqüilidade para o país é o grande paradigma da nação como uma família, onde o povo é a prole e os pais são os governantes” (DA MATTA, 1987, p. 135).

É possível observar que as diferenças na análise brasileira sobre a família ocorreram de acordo com as próprias transformações da sociedade brasileira: a constituição de uma classe operária mais representativa a partir da década de 70, período no qual a análise se desloca das camadas dominantes para as camadas populares e a emergência das camadas médias quando a análise da família incide sobre essa camada, sobre seus valores, visão de mundo e dos estilos de vida.

Os estudos sobre família permeiam essas três classes, alta, média e popular, porém convém esclarecer que, consoante as finalidades desse trabalho de dissertação, preocuparemos em aprofundar e sintonizar com os estudos que contemplem a família nas camadas médias.

Bilac (1995), analisando as características que compõem a camada média, esclarece que são famílias que possuem um nível grande de participação social, como empregos bem remunerados, direitos trabalhistas definidos, acesso à escola e à habitação, entre outros. Contudo, enfatiza outra característica que é o crescente número de divórcios e separações nessa camada.

Um ponto interessante destacado pela autora é a presença estratégica da empregada doméstica no cotidiano familiar que “seguramente, tem implicações não desprezíveis no desempenho dos papéis femininos de mãe e esposa” (BILAC, 1995, p. 56).

Da Matta (1987) ressalta outro aspecto interessante, o paradoxo entre a casa de camada média, que vive intensamente o individualismo contemporâneo, no qual marido e mulher têm empregos e carreiras e de outro lado uma massa anônima, de mulheres que são empregadas nesta casa, permitindo que esse modelo individualista seja concretizado.

O modelo de família para a classe média é multidimensional, pois atribui à família a “responsabilidade pela satisfação de um conjunto complexo de necessidades afetivas, econômicas e sociais de seus membros” (BILAC, 1995, p. 56-57), além o modelo é centrado na criança, nos filhos e o chamado “fluxo de riqueza” que para Bilac se orienta no sentido do pai para o filho.

Para Velho (1981), a configuração do que deveria ser a família de camada média urbana se refere ao que chama de projeto individualizante de família nuclear, cujas características são: ênfase no consumo e no sucesso material, “é quando insistentemente se enfatiza e se constrói o modelo de família que compra, investe, *viaja*, etc” (VELHO, 1981, p. 70, minha ênfase). Essa família nuclear estreitou a rede de relações sociais, antes mais ampla pelo contato com outros parentes como tios, avós e relações de vizinhança, sendo que houve alta concentração de interações sociais e afetivas no limitado âmbito da família.

Os pais dessa geração, de acordo com a pesquisa de Velho (1981), tinham expectativas e um projeto claro que se estendiam aos filhos, almejavam que a família continuasse ascendendo socialmente, prosperando. Esses pais se afastam de seus próprios pais por serem estes uma família mais aproximada do modelo tradicional, patriarcal, com várias gerações habitando ou na vizinhança ou na própria casa e forte vínculo e solidariedade entre os parentes. Os pais estudados por Velho tomam a família nuclear como indivíduo coletivo, como uma entidade individualizada.

Trata-se de um modelo que reforça o individualismo nos homens adultos sendo seus desejos e necessidades predominantes na relação conjugal, e também na criança, que é o centro das atenções. Essa característica conduz a um traço básico dessa classe, que é a “complementaridade assimétrica dos papéis sexuais” (BILAC, 1995, p. 57), cujas mulheres são “supersocializadas” como administradoras das relações interpessoais, sobrepondo seus papéis de mãe, esposa, filha, mulher, trabalhadora, etc. A autora ainda se refere a algumas mudanças de gênero a partir da década de 80, com o aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho para suprir os níveis e padrões de consumo necessários à classe média; o aumento do trabalho feminino se deve, outrossim, à escolarização das mulheres e à existência da empregada doméstica, que além de auxiliar suprimindo parte dos trabalhos domésticos, pode também amenizar “os efeitos possíveis do trabalho feminino na transformação das relações de gênero, na medida em que este trabalho

não vai se constituir em fonte de forte pressão para a alteração dos papéis domésticos masculinos e femininos” (BILAC, 1995, p. 58).

2.2. O casamento é uma instituição falida? Reflexões sobre o matrimônio nas camadas médias urbanas.

Se queres sentir a felicidade de amar,
esquece a tua alma.
A alma é quem estraga o amor.
Só em Deus ela pode encontrar satisfação.
Não em outra alma.
Só em Deus ou fora do mundo.
As almas são incomunicáveis.
Deixa o teu corpo entender-se com outro
corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas
não.

BANDEIRA

O título desse sub-capítulo faz alusão a uma frase popularmente utilizada em nossa cultura. Interessante é que vários colegas do mestrado e outros me fizeram essa pergunta, em tom de brincadeira, do tipo: “como você vai estudar o casamento se é uma instituição falida?”. Também em homenagem a esses irei investigar em breves laudas se a proposição é afirmativa ou não.

A vertente de estudos da antropologia que busca contrastar as sociedades tribais e tradicionais para definir as características da sociedade moderna encontra, nos estudos de códigos de alianças, importâncias na obra de Lévi-Strauss (1976) e também Malinowski (1984) e Mauss (2001) quando associado ao tema da reciprocidade. Logo, compreender os códigos de aliança de determinada cultura é importante para a construção de teorias sobre a sociedade, sua organização e estrutura.

Dentro dos códigos de aliança, a ênfase aqui, nesse momento, é o casamento, que estabelece relações entre grupos através da união de seus membros. Ao mesmo tempo pressupõe reciprocidade, comunicação e construção de identidades. Por outro lado há o caráter individualista da sociedade moderna, expresso, outrossim, nas camadas médias urbanas. Eis aí o paradoxo dessas relações!

Para compreender o casamento moderno nas camadas médias urbanas e, além, o imaginário do casamento como aliança em nossa sociedade e o papel do amor nessas relações afetivos-sexuais, cabe conhecer um pouco da história do casamento na moral cristã, como foi construída a importância do matrimônio em nossa cultura.

A chamada moral cristã tem alguns traços básicos, como a vigilância do sexo e o casamento sacramentado. Porém a história desta é muito mais complexa do que possa parecer à primeira vista. Nos inícios do cristianismo, por exemplo, a primeira literatura de cunho moral não priorizou nem o casamento nem a família, mas o ascetismo, cujos valores vitais eram a virgindade e a continência.

Diferentemente de hoje, a mensagem cristã era, inicialmente, hostil ao casamento “alertando contra os perigos da vida conjugal, desde as dificuldades da convivência diária com o marido à escravidão de se submeter a ele carnalmente” (VAINFAS, 1992, p. 9). Desse modo orientavam a apologia da virgindade, principalmente para o público feminino. Pregavam que a virgindade era a espiritualização absoluta do corpo e que o corpo virgem era o templo da alma apta para a ascendência junto à Deus. O casamento, ao contrário, impedia a ascese da alma pelo apego à carne. Entretanto,

Os teólogos se viam face a um dilema: defendiam a virgindade execrando o casamento, mas tinham de resguarda-lo como freio ao desejo desregrado. Afinal, homens e mulheres se casavam ou se uniam de algum modo, e era preciso normatizar esta união (VAINFAS, 1992, p. 12).

Foi desse modo que o casamento tornou-se aceito pela moral cristã, como uma alternativa secundária, o contraponto da virgindade, foi elevado à categoria de símbolo da união entre Cristo e a Igreja.

Apesar de aceitar o casamento, o sexo era um mal absoluto para a Igreja, apenas tolerável pela necessidade de procriação. A era cristã inaugura assim um parâmetro de vida: a recusa pelo prazer. Não comer, não beber, não dar conforto ao corpo faziam parte desse princípio. Para frear a libido do casal proibiram relações carnavais durante a gravidez, resguardo, aleitamento, menstruação, além dos dias de festa e jejum, “dias que chegavam, durante a Idade Média, a totalizar 273 dias do ano” (FONSECA apud FLANDRIN, 1995, p. 78). É nesse contexto de recusa do prazer que “o pecado original de Adão e Eva – antes um pecado de desobediência e curiosidade – se sexualiza e se transforma num pecado da carne” (ALMEIDA, 1987, p. 59).

Com a Reforma Protestante o sexo torna-se menos pecaminoso assim como comer, beber e outras atividades, desde que a serviço de Deus. Contudo é no Renascimento que surge outro fenômeno que contestará a recusa do prazer apregoada pela Igreja: o mundanismo.

No mundanismo a mulher aristocrata assume o prazer sexual quase em igualdade de condições com o homem, aspira ascender aos lugares ocupados pelo homem no mundo da política, das ciências e das artes, “reina” nos salões, nos bailes e em outros lazeres, mas em contrapartida rejeita a maternidade (ALMEIDA, 1987, p. 60).

No século V a união dos casais e a celebração das núpcias conservaram-se como atos domésticos nos quais o clero praticamente não intervinha. Vainfas (1992) descreve como eram os ritos de casamento e núpcias, exemplificando com o Muntehe, casamento na tradição dos francos que unia famílias da nobreza feudal. A cerimônia ocorria na casa da esposa onde se reuniam os parentes do noivo e algumas testemunhas. O pai da moça transferia a tutela de sua filha ao futuro marido, que retribuía com uma doação. Em seguida havia o rito nupcial que era uma grande festa na casa da família do noivo, e ao redor do leito no quarto nupcial reuniam-se testemunhas e o pai do rapaz celebrava a união. Todos ficavam observando o casal despido para constatar a intenção de união carnal e da procriação. Somente a partir do século XI esses ritos passaram a ser representados na igreja e o papel do padre cresceu notadamente.

No final do Império Romano o casamento apresentava sinais de maior freqüência e estabilização enquanto prática social, permanecendo ainda vinculado à transmissão do patrimônio e embora fosse uma prática essencialmente aristocrática

já apresentava sinais de difusão no conjunto da sociedade e o próprio Estado parecia envolver-se mais com o assunto.

O modelo de casamento monogâmico e indissolúvel triunfou nos séculos XII e XIII. No bojo desse processo a Igreja afirmou-se como o poder supremo no Ocidente, “a sacramentalização do casamento foi a base, portanto, do triunfo político da Igreja, e matéria privilegiada da codificação moral da cristandade” (VAINFAS, 1992, p. 36).

A Igreja estabeleceu um abismo entre o amor e o casamento, transformou o primeiro em caridade e o segundo em rito. No discurso dos teólogos, o amor era fruto da relação com Deus, era sinônimo de ascese e contemplação. Amar significava entrar na religião, dedicar-se à caridade. Já o amor no casamento só era admitido quando submetido à disciplina da continência. “Excluído da moral conjugal, o amor não pôde se manifestar senão em ‘textos profanos’ e, banido do casamento, foi buscar o seu estímulo no mundo das relações ilícitas” (VAINFAS, 1992, p. 52).

Para entendermos o imaginário do amor na sociedade ocidental, temos que compreender que faz parte de uma trajetória complexa. O amor conjugal, que conhecemos como valor ideal do casamento data do século XIX. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, os filósofos e poetas imaginaram o amor como ascese, sensível e sexualizado. Desse modo era um privilégio dos homens e excluía o casamento.

Além do prazer junto ao cônjuge ser desestimulado até o Renascimento, também o amor romântico não existia no casamento tradicional. Todavia, a partir do século XVII, o amor romântico foi instituído como elemento indispensável ao casamento feliz. Ainda assim, marido e mulher buscam outros relacionamentos amorosos fora do casamento: “esta busca é fruto de um paradoxo inerente nos valores da ideologia individualista. Se a paixão é aquilo que evoca a quintessência do indivíduo, então é, por definição incompatível com os arranjos duradouros” (FONSECA, 1995, p. 79).

Assim Fonseca conclui que a incorporação do amor na relação conjugal construiu um novo culto, não do amor, mas do prazer: “curiosamente a dicotomia que se ergue agora não é o casamento por interesse versus amor, mas sim casamento por amor versus prazer” (FONSECA, 1995, p. 79). É essa idéia que o poema do modernista Manuel Bandeira exposto no início desse sub-capítulo ilustra, da associação do amor ao prazer e da alma à espiritualidade em Deus.

O casal moderno estrutura-se na crença do sentimento amoroso. Sua ordenação simbólica é regida pelo princípio da igualdade, que rejeita diferenças entre os gêneros em consonância com o individualismo,

na prática cotidiana tal valor exprime-se por uma acerba reivindicação de equanimidade na divisão das tarefas domésticas e pela exigência de paridade entre os membros no tocante ao aporte financeiro. As despesas podem ser efetuadas em comum, mas prevalece a expectativa de que não haja dependência econômica entre os parceiros. (HEILBORN, 1995, p.94).

Desse modo, para a autora, o casal moderno tem como regra sociológica a mutualidade e contém algumas características da amizade enquanto relação social, como o companheirismo, o apoio psicológico, a preservação da autonomia individual e da singularidade.

Há ainda outras características do casal moderno enumeradas por Heilborn, como a proximidade emocional entre os parceiros, a intimidade e a cumplicidade. O dilema da distância configura-se como central na vida a dois, pois a intimidade e privacidade “refletem respectivamente os aspectos positivos da proximidade assim como os negativos, que acenam para a ‘invasão’ (ou ‘sufoco’) quando incidem sobre a autonomia e liberdade, valores centrais da pessoa moderna” (HEILBORN, 1995, p. 97).

Essa exacerbação do individualismo e, como conseqüência, a reivindicação de espaço e de realização pessoal têm prejudicado quaisquer esforços de tolerância necessários para uma convivência matrimonial pacífica.

Um motivo para essa dificuldade de convivência é a maior autonomia e independência femininas, onde as mulheres passaram a exigir muito mais de seus relacionamentos. Quanto mais independente economicamente, mais exigente é a mulher com relação à escolha de seu parceiro amoroso.

Capas recentes de revistas brasileiras e americanas mostram que as mulheres não querem mais casar a qualquer preço. Preferem viver sós do que mal acompanhada e têm mais medo da solidão a dois do que da vida sem um companheiro amoroso. (GOLDENBERG, 2001, p. 93).

Ao mesmo tempo há mulheres em nossa sociedade que assumem a característica de donas-de-casa, ou seja, abrem mão da autonomia e da realização

profissional para viverem em função da educação dos filhos e dos cuidados com o marido e com o lar.

Estamos vivendo um processo de transformação dos papéis masculino e feminino na sociedade brasileira; que transformam também as atitudes com relação ao casamento, como respeito às diferenças e ao espaço do outro, negociação, troca e crescimento mútuo.

É nesse sentido que Goldenberg (2001) explora a idéia de invenção do casal, pois, para ela, homens e mulheres têm que inventar suas formas de parceria amorosa, como casar, separar, cada um na sua casa, ter amantes, ter filho sem casar, etc. Apesar dessas alternativas de conjugalidade, o modelo tradicional de família e casamento ainda persiste. Porém a forma tradicional de relacionamento afetivo-sexual sofreu algumas modificações: homens e mulheres são quase iguais e há mais liberdade de escolha, há entre o casal menor diferença de idade, maior autonomia, algumas vezes dividem os cuidados da casa, dos filhos e também das responsabilidades econômicas da família.

O casamento, dentro da camada média, pode ser caracterizado como sendo uma escolha recíproca, baseada em critérios afetivos, sexuais e na noção de amor, “a idéia do sujeito atuando, operando e optando é dominante” (VELHO, 2006, p. 26). Velho (2006) chama a atenção sobre a importância da opinião das famílias de origem na efetivação de matrimônios, na expressão “fazer gosto”, popularmente empregada em nossa cultura. Geralmente a opinião, aceitação ou rejeição por parte da família exerce alguma influência nas decisões sobre o casamento, mesmo no caso dos casais modernos, ou seja, “que valorizam fortemente o aspecto intransferível da escolha pessoal” (VELHO, 2006, p. 27).

Goldenberg (2006) cita o trabalho de Elza Berquó, demógrafa, que analisou os dados do censo de 1980 e 1994. A demógrafa demonstra que a população brasileira envelheceu e que a composição da faixa mais idosa é majoritariamente de mulheres, “o que mais me chamou atenção foi a existência de um determinismo social que dá ao homem brasileiro mais chances de encontrar novas companheiras até a idade madura” (GOLBENBERG, 2006, p. 27). A maior mortalidade dos homens gera um superávit de mulheres. Na população com mais de 65 anos 76% dos homens estavam casados e apenas 32% das mulheres. Hoje em dia apenas até 24 anos o número de mulheres que casa é maior, sendo que na faixa etária até mais de 60 anos o predomínio é de homens. E entre as pessoas com mais 60 anos, a

diferença por sexo nas taxas de casamentos é significativa 3,4% para os homens e de 0,9% para as mulheres⁷.

O gráfico que Berquó chama de pirâmide dos não-casados mostra que à medida que avança a idade o número de homens não casados permanece quase constante, enquanto para mulheres cresce muito. Para os homens 12,5% em média entre 35 e 59 anos, para mulheres na mesma idade, de 20 a 37%.

Uma matéria publicada na revista *Veja* de 26 de novembro de 2006, intitulada “A vida sem casamento”, nos traz reflexões importantes, primeiramente pelos dados apresentados a partir de pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e do departamento de estatísticas e demografia da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), com dados entre 1991 e 2000, cujo resultado corrobora a pesquisa apresentada anteriormente, demonstrando que as chances de uma mulher casar com o avançar da idade diminui consideravelmente, de 27,6% ao 30 anos, para 10,1% aos 45. Para o professor Marcelo Néri da FVG (Fundação Getúlio Vargas) a partir dos dados apresentados: “quanto mais renda, mais sozinha; quanto maior a idade, menor o número de acompanhadas; e nas cidades grandes há mais sozinhas que nas cidades menores ou nas zonas rurais” (MOHERDAUI, 2006, p. 87). Outra reflexão importante que podemos inferir na reportagem apresentada é sobre a importância de matérias como essas, em revistas como a *Veja* de circulação nacional, na consolidação de imaginários e reafirmação de valores culturais, expressos em frases como “a maioria absoluta das mulheres aspira a encontrar um companheiro, casar-se” (MOHERDAUI, 2006, p. 85), “quando sou apresentada a alguém e digo que nunca me casei, as pessoas começam a procurar o que eu tenho de errado” (MOHERDAUI, 2006, p. 90), a abordagem desse tema auxilia na reconstrução de imaginários e na consolidação de culturas.

Visualizando outros dados, em 1994 os homens se casavam, em média, aos 27,6 anos e as mulheres 24,1 anos. Em 2006 a idade média dos homens foi 28,3 anos e 25,4 anos para as mulheres. Manteve-se a cultura de ser o homem mais velho do que a mulher no ato do casamento legal. Apesar desse dado, o número de casamentos nos quais a mulher é mais velha que o homem cresceu 36% entre 1996 e 2006⁸. Esse dado é comprovado nas entrevistas realizadas para esse trabalho de

⁷ Fonte: site do IBGE 2007, http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1046&id_pagina=1

⁸ Fonte: Jornal Hoje, dia 07/03/2008, <http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VJS0-3076-20080307-317657,00.html>

mestrado, pois em alguns casais - 3 dos 7 – as mulheres são mais velhas que os homens.

Os dados recentes do IBGE, apresentados em 06/12/2007, que analisam o ano de 2006, mostram que o número de separações judiciais concedidas foi 1,4% maior que em 2005 e 2,6% menor o índice de natalidade. Todavia, o número de casamentos no Brasil cresceu 6,5%, seguindo uma tendência observada desde 2002 que resulta, também, da legalização das uniões consensuais. Desse modo fica visível que mais do que não ser uma instituição falida, o casamento é desejado como forma de aliança dentro de nossa cultura.

2.3. “Viagens de sonho”⁹: considerações sobre a lua-de-mel

Lua-de-mel
Mamãe
Eu to em lua-de-mel
Eu to morando num pedaço do céu
Como o diabo gosta!
LULU SANTOS

Todo desfrute tem permissão, tudo que dá prazer, tentação. O trecho da música de Lulu Santos revela algumas características da lua-de-mel, presentes no imaginário da nossa cultura. Através desta música popular, conhecida em âmbito nacional, podemos ter idéia que a lua-de-mel é considerada um momento de prazer, de felicidade, como um paraíso no qual tudo é permitido.

Além do mais, a idéia embutida nesse discurso é que o exagero é admitido e até esperado, tudo isso porque a lógica binária presente na viagem de lua-de-mel é contrária ao dia-a-dia, ao cotidiano, no qual fazemos restrições. Não é à toa que nas declarações dos nossos entrevistados aparecem de maneira recorrente idéias do tipo “não nos preocupamos com dinheiro”, “comemos bastante, o dia inteiro”, “o hotel era luxuoso”, justificadas pela idéia de que “lua-de-mel é uma só”.

⁹ O subtítulo é inspirado numa frase recorrente nos meios de comunicação, em mensagens de divulgação da lua-de-mel, através de propagandas de hotéis, cruzeiros, lugares e da viagem em si.

Podemos agora apontar outra característica importante quando tratamos da lua-de-mel: trata-se de um momento único e o ineditismo está presente em todos os discursos dos casais entrevistados.

Entretanto, ao tratarmos de conceitos que nos auxiliam a embasar nosso estudo, encontramos algumas dificuldades, pois nenhum material específico ao tema, de cunho acadêmico, foi encontrado. Partimos então para duas características inexoráveis que nos ajudarão na construção do arcabouço teórico sobre o tema: sabemos que a lua-de-mel é uma viagem de turismo e também parte de um ritual. Sendo assim trabalharemos nas próximas páginas esses conceitos para tentarmos entender um pouco mais sobre o objeto de estudo central do nosso trabalho de dissertação.

O conceito de viagem de turismo já foi abordado quando falamos sobre imaginário no primeiro capítulo, tornando-se redundante tal análise no atual ponto do estudo. Sabemos, portanto, que são viagens que ocorrem no tempo livre de um sujeito, um tempo de lazer e que pressupõe que este se desloca de sua sociedade, permanecendo por um período de tempo em outro lugar e retorna “transformado através do contato mantido em um outro local” (SIQUEIRA, 2006, p.4).

Partimos então para apresentarmos como estamos compreendendo o ritual. Os rituais podem ser considerados eventos sociais sendo que em todas sociedades existem eventos que são considerados especiais. Para Da Matta (1997) algumas características dos eventos sociais brasileiros são: primeiro a separação nítida entre o mundo cotidiano e o outro, chamado de acontecimentos extraordinários, sendo que a passagem entre um acontecimento e outro é marcada por mudanças no comportamento. Outra característica é que, no Brasil, os eventos extraordinários são segmentados entre eventos previstos e imprevistos pelo sistema social, e entre os eventos previstos há os acontecimentos altamente ordenados (como a cerimônia do casamento) e os eventos dominados pela brincadeira e diversão, que é o caso do carnaval.

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Nesse sentido os rituais são especialmente adequados para compreendermos uma sociedade. Peirano (2003) enumera algumas características que auxiliam a entender os rituais, afirmando que são performativos e definidos em termos nativos.

É através da análise de rituais que podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, pensa e transforma. O ritual é

um fenômeno interessante para análise justamente porque, no longo processo de reflexão sobre suas características intrínsecas, reconheceu-se que ele tem o poder de ampliar, iluminar e realçar uma série de idéias e valores que, de outra forma, seriam difíceis de discernir (PEIRANO, 2003, p. 49).

Para examinar os processos de sociabilidade, Durkheim (1996) propõe uma concepção de sociedade que estabelece um vínculo essencial entre rituais e representações, “rituais e representações formam, à vista disso, um par indissociável. Mas, para sua sobrevivência é necessário um grupo de pessoas, uma comunidade moral relativamente unida em torno de determinados valores” (PEIRANO, 2003, p. 19).

Entre os fenômenos que ilustram as representações sociais das diferentes sociedades, Durkheim destaca a importância de dois: os símbolos e os ritos. O autor, a partir de uma teoria dos ritos, examina suas funções e tipos. Os ritos teriam por função proporcionar a coesão social, mantendo e renovando o sentimento de pertencimento e participação no grupo. Distingue três tipos de ritos, os negativos, os positivos e os de expiação. Desses o que mais interessa aqui, em nosso trabalho, são os ritos positivos que tratam de atos de comunhão, como as refeições rituais. “Todos esses ritos têm uma função social importante; seu objetivo é manter a comunidade, acentuar o sentido de participação num grupo, revigorar a crença e a fé”. (ARON, 2003, p. 515).

Da Matta faz uma crítica a teóricos que concebem o rito como uma ação especial ou como um momento substantivamente diferente. Para o autor já que o mundo social é fundado em convenções e símbolos todas as ações sociais são realmente atos rituais ou passíveis de ritualização, “estou pois, assumindo uma posição radical, em que não procuro ver distinções entre a matéria-prima do mundo cotidiano e aquela que constituiria o mundo ritual” (Da Matta, 1997, p. 72). Ele se refere ao fato de que os rituais não devem ser tomados como momentos essencialmente diferentes daqueles que formam e informam a vida cotidiana,

Nesse sentido, o estudo dos rituais não seria um modo de procurar as essências de um momento especial e qualitativamente diferente, mas uma maneira de estudar como os elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim, transformados em símbolos que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário (Da Matta, 1997, p. 76).

O ritual então, como um discurso simbólico, destaca alguns aspectos da realidade, tornando certos elementos do mundo social mais presentes do que outros. É desse modo que Da Matta informa que tanto o rito quanto o mito conseguem colocar em *close up* coisas do mundo social. Para ilustrar o autor utiliza um exemplo caro ao nosso trabalho:

Um dedo é apenas um dedo integrado a uma mão, e essa mão a um braço, e esse braço a um corpo. Mas, no momento em que se coloca no dedo um anel que marcará o status matrimonial de uma pessoa, esse dedo muda de posição. Continua a ser um dedo, mas é ao mesmo tempo muito mais que isso. De fato, esse dedo é agora algo que pode ser destotalizado e visto como um elemento independente, associado a um anel e a uma posição social (Da Matta, 1997, p. 77).

Assim, colocou-se o dedo em *close up* e houve uma transposição de sentidos. O dedo que é visto cotidianamente como integrante de um universo biológico passa a ser visto como símbolo de um conjunto de relações sociais.

Os rituais, assim, podem ser entendidos como um sistema de comunicação simbólica, sendo que qualquer tipo de ritual utiliza uma linguagem. Nesse sentido para Vianna, seguindo o caminho traçado por Leach, “o ritual está sempre dizendo alguma coisa sobre algo que não é o próprio ritual” (VIANNA, 1988, p. 58).

A cerimônia do casamento utiliza variadas linguagens enquanto ritual, seja através da linguagem verbal, as palavras proferidas por uma autoridade religiosa ou legal ou o discurso de agradecimento dos noivos; a linguagem corporal, observada pelo vestuário típico da noiva, noivo e convidados; e também pelos gestos como cortar o bolo, entrelaçar taças para o brinde e jogar o bouquet da noiva. Portanto, tanto a cerimônia do casamento quanto a lua-de-mel são importantes, pois revelam, como rituais, aspectos da estrutura social. São rituais que renovam valores, reafirmam práticas culturais e resgatam um sentimento de pertencimento (re)construindo identidades. Um momento interessante que confirma esse pensamento foi em uma conversa informal com o casal 1 quando retornaram da lua-de-mel e me disseram que casar na Igreja foi uma experiência interessante porque eles já se sentiam casados antes, mas as pessoas somente os enxergaram como casados depois do ritual.

Assim, o ritual também possibilita o deslocamento de um ponto ou tempo distinto a outro, instaurando o tempo e o espaço sociais, onde o indivíduo,

passa de um estatuto social a outro, através de uma série de saltos descontínuos: de criança a adulto, *de solteiro a casado*, de doente a saudável, de vivo a morto. A permanência em cada um dos estatutos origina um período de tempo social, dotado de duração social, mas a transição é assinalada pelo ritual, o rito da puberdade, *o casamento*, o rito da cura, o funeral, como sendo um intervalo de atemporalidade social (LEACH, 1992, p. 51, minhas ênfases).

Arnold Van Gennep (1978), que foi um dos primeiros autores a distanciar o conceito de religião ao estudo do ritual em si, se propôs a uma classificação dos rituais de acordo com o papel que desempenhavam na sociedade, estudando os “ritos de passagem”. Os ritos de passagem para Van Gennep não dependiam da crença em poderes sobrenaturais, simplesmente marcavam uma mudança na vida de um indivíduo ou grupo.

Estes podem ser conceituados como “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social, de idade” (VAN GENNEP *apud* TURNER, 1974, p.116). O antropólogo Victor Turner trabalha esse conceito de ritos de passagem, ou seja, a passagem entre estados, sendo a noção de estado nos rituais de passagem como algo que se estende além do status e posição social, englobando estados mentais, sentimentais e afetivos e “a qualquer tipo de condição estável ou recorrente, culturalmente aceita” (TURNER, 1974, p.116).

Esses rituais de passagem são caracterizados por três fases: a primeira que é a separação, onde o indivíduo ou grupo se afasta de um ponto da estrutura social ou de um conjunto de condições culturais; a segunda, conhecida como “liminar”, nesse momento o indivíduo ou grupo não pertencem às classificações que permitem localiza-los num espaço cultural, é nesse momento que os indivíduos passam a ser considerados de algum modo iguais, sujeitos às regras das autoridades dos rituais. E finalmente, a terceira fase da passagem, onde o sujeito ritual realiza a comunhão com todos os envolvidos que compartilham das mesmas normas culturais.

Turner (1974) percebe esses rituais de passagem como um momento de distanciamento do indivíduo da sua estrutura social e, depois, um retorno com novo status, e destaca duas características importantes desse tipo de ritual: a liminaridade e a *communitas*. A liminaridade ou fase liminar é o momento intermediário entre o

distanciamento e a reaproximação, momento no qual as características do indivíduo que está transitando são ambíguas, como sagradas e profanas. Esse estado liminar é caracterizado também pelo distanciamento simbólico da estrutura hierárquica da sociedade, distanciamento ao que ele chama de *communitas*, modalidade de relação social de uma área de vida comum. A *communitas* para Turner surge onde não existe estrutura social, sendo de natureza espontânea e imediata, em oposição à natureza governada por normas institucionalizada da estrutura social. Assim: “nos *rites de passage* os homens são libertados da estrutura e entram na ‘*communitas*’ apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da ‘*communitas*’” (TURNER, 1974, p. 157).

O trabalho de Turner ao estudar a estrutura das peregrinações marianas na Europa e no México é lembrado por Calvelli (2006), pois Turner aproxima a experiência da peregrinação à da “*communitas*” já que a peregrinação produz um espaço simbólico onde regras e valores morais são suspensos temporariamente em função da comunhão de indivíduos que estão partilhando da mesma experiência. No entanto Calvelli conclui que o modelo proposto por Turner não se confirma etnograficamente, sendo que ao contrário, os trabalhos sobre o tema mostraram a manutenção das distinções sociais no contexto das peregrinações. Não obstante, Calvelli chega a uma conclusão relevante para nosso estudo, pois a não confirmação do modelo de Turner na prática,

não significa a ausência da ‘*communitas*’ como uma experiência presente nas peregrinações, mas chama a atenção para os limites de aplicação de um modelo fechado e universal em um fenômeno complexo e variado como a peregrinação, inserida em diversos contextos históricos e culturais (CALVELLI, 2006, p. 144).

Desse modo, os ritos de passagem marcam mudanças dos indivíduos na estrutura social sendo que essa passagem envolve algo como um renascimento. Para mudar de estado o indivíduo primeiramente, distancia-se de sua estrutura social, como se morresse ou deixasse de existir naquela posição que ocupava na sociedade. Após sua passagem pelo momento de liminaridade o indivíduo volta a ser integrado à estrutura social ocupando uma nova posição, como se renascesse. Esse momento de liminaridade exige uma separação tanto física quanto de papéis, que Leach chama de marginalidade prolongada,

exemplos desta situação de marginalidade prolongada, são a *lua-de-mel da noiva* e o luto da viúva. Estes ritos de marginalização caracterizam-se, sobretudo, pelo afastamento físico do iniciado em relação às pessoas comuns. O iniciado é, pura e simplesmente, retirado dos lugares habituais (LEACH, 1992, p. 112, minha ênfase).

Outra separação é a de papéis, que é uma instância importante da ritualização. Na lua-de-mel, por exemplo, o marido e a mulher estão ali exclusivamente para exercer esse papel social, de marido e mulher, separando de outros, como filho, irmão, empregado, etc. Essa separação é vista por DaMatta (1997) como um caso especial de reforço desses papéis.

Essas características do rito de passagem podem perfeitamente ser assimiladas ao casamento e à lua-de-mel, primeiro por se tratar de um momento carregado de simbolismos, em que os neófitos (novatos) devem se submeter a uma autoridade da comunidade,

Esta comunidade é a depositária da gama completa dos valores da cultura, normas, atitudes, sentimentos e relações. Seus representantes nos diversos ritos – e podem variar, de ritual a ritual – representam a autoridade genérica da tradição. (TURNER, 1974, p. 127).

Situação similar à encontrada nos ritos de casamento em que os noivos devem se submeter a alguma autoridade seja religiosa ou legal. Unida a essa característica está o fato de na liminaridade os neófitos (nosso caso os noivos) estarem aptos a receberem as palavras dessa autoridade, remodelando esses indivíduos, assim, “o neófito na liminaridade deve ser uma *tabula rasa*, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo ‘status’” (TURNER, 1974, p. 127).

Outra característica que assemelha os ritos de passagem à lua-de-mel, é que esses ritos supõem momentos nos quais indivíduos mudam seu estado, sua posição social. Um sujeito solteiro, após o ritual do casamento e da lua-de-mel, retorna casado e com outro posicionamento perante a sociedade. Desse modo podemos entender esses momentos, do casamento, em especial da lua-de-mel, como momentos de liminaridades, em que há um distanciamento dos indivíduos da sua vida social, e um retorno com novo posicionamento social.

A lua-de-mel, portanto, supõe momentos especiais, carregados de simbolismos. Como momento, a viagem de lua-de-mel é delimitada por duas

oposições; a primeira, contrariamente ao cotidiano, é marcada pelo inusitado, pelo diferente da rotina do dia-a-dia e pelo exagero como dito anteriormente. A segunda oposição é ao próprio casamento, que é um evento público, com a presença de amigos e familiares e a lua-de-mel que é um momento de intimidade e privacidade do próprio casal; alguns casais entrevistados relataram justamente essa oposição, que a lua-de-mel é um momento reconfortante após os preparativos para a cerimônia do casamento.

Para tentarmos entender a lua-de-mel no contexto do nosso país, o documento produzido pela EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo – nos servirá como orientação¹⁰, pois fornece dados interessantes para nossa compreensão. Esse documento, de 2006, tem por objetivo estudar o mercado brasileiro e promover o Brasil como destino para viagens de lua-de-mel.

Alguns dados apresentados são sobre as empresas que prestam serviços para recém-casados em viagens de lua-de-mel. Estas oferecem produtos específicos ao seu público como roteiros especializados, flores, garrafas de espumante em hotéis; isso tudo “porque o público a ser atingido é exigente e espera que as expectativas sejam superadas” (EMBRATUR, 2006, p. 10). A idéia é que se os especialistas devem planejar as viagens em cada detalhe, nas viagens de lua-de-mel essa exigência é ainda maior, pois há a ênfase de ser um momento especial a dois, no qual nada pode dar errado e a viagem deve ser inesquecível.

Esse documento informa sobre o tempo médio das viagens, em torno de 7 a 12 dias, e que apesar de maio ser o mês das noivas, dezembro e janeiro têm o maior número de casamentos (e conseqüentemente viagens) devido ao período de férias e ao décimo terceiro. “Todos planejam e criam seus itinerários com cuidado e antecedência para realizarem a viagem dos sonhos” (EMBRATUR, 2006, p. 11), e apontam os destinos mais procurados do mundo pelos brasileiros para a lua-de-mel: Caribe, África do Sul e Tahiti e nacionais: Fernando de Noronha, Natal, Fortaleza, Rio de Janeiro, Maceió, Santa Catarina, Paraná e Cidades da Serra Gaúcha, apesar de Alagoas trabalhar uma campanha publicitária como representante oficial da lua-de-mel no país. Outras localidades também trabalham para veicular seu nome à viagem de lua-de-mel, como o Tahiti: “o centro universal do romance” e a cidade canadense Ontário: “a capital mundial da lua-de-mel”.

¹⁰ É interessante também para entendermos como pensa o poder público sobre esse momento do casal, essa viagem, já que podemos considerar o poder público como importante ator na construção de imaginários na nossa cultura.

Sobre a motivação da viagem:

Está relacionada à vivência de momentos especiais. Em geral os casais procuram lugares calmos, como serras, estâncias hidrominerais, ilhas e praias. Isto se deve ao fato de que o casal que se desloca para uma viagem de lua-de-mel procura por algo diferente, almeja fugir da realidade do cotidiano, busca qualidade nos serviços oferecidos e infra-estrutura local, para que possam esquecer de tudo e aproveitarem a vida parelha (EMBRATUR, 2006, p. 13).

O documento apresenta vários dados sobre casamento e sobre as localidades acima enumeradas e conclui afirmando uma característica peculiar desta viagem de turismo, que é o fato da compra ser efetuada bem antes do consumo, ou seja, de ser uma viagem planejada, portanto, “*a imagem criada no imaginário do turista é de suma importância para que este possa colocar em seus planos o Brasil como seu destino de visitaçã*” (EMBRATUR, 2006, p. 70, minha ênfase).

O *site* americano da “Associação Nacional dos Ministros de Casamento”¹¹ fornece alguns dados sobre as viagens de lua-de-mel naquele país e são interessantes para pensarmos sobre o tema. Os dados nos informam que, entre os casais que escolheram um casamento tradicional, a partir de 2005, 99% deles tiveram uma lua-de-mel. E ainda no documento da EMBRATUR, a empresa BlessingTour informou que esse tipo de viagem cresceu 250% em 2005. Uma explicação para esse crescimento pode ser encontrada no tipo de relacionamento afetivo-sexual estabelecido hodiernamente. Já não é incomum casais que moram juntos e decidem legalizar a união, ou seja, já moram numa casa mobiliada. Uma saída então são as listas de casamento com quotas para contribuição da lua-de-mel. Os convidados para o casamento, ao invés de presentear com utensílios domésticos, ajudam a custear a viagem. Assim a viagem de lua-de-mel se torna mais acessível.

Ainda assim é interessante pensarmos que os relacionamentos afetivo-sexuais são diferentes de gerações passadas, onde a lua-de-mel era, geralmente, o primeiro momento de intimidade de um casal. Entretanto, não obstante as relações estabelecidas atualmente na maioria dos casais já terem ultrapassado esse momento de intimidade, as viagens de lua-de-mel estão em voga e crescendo como podemos observar pelos números. Não seria um aparente paradoxo? Qual a

¹¹ Fonte consultada: <http://www.aweddingministers.com/wedding/statistics.htm>

simbologia da lua-de-mel para os casais dessa nova geração e em que diferem das viagens de seus pais e avós? Algumas dessas perguntas serão respondidas no decorrer do trabalho. Cabe agora introduzir a parte empírica desse trabalho de dissertação na tentativa de avançarmos na compreensão do imaginário nas viagens de lua-de-mel.

3. SOBRE O MÉTODO DE COLETA DE DADOS: APRESENTANDO AS ENTREVISTAS, OS CASAIS E SUAS VIAGENS DE LUA-DE-MEL

Este terceiro capítulo pretende iniciar a exposição dos dados empíricos obtidos através do trabalho de campo, culminando com a apresentação das entrevistas realizadas.

A dissertação, por ter uma abordagem eminentemente antropológica, utiliza-se da metodologia qualitativa. Pelo caráter do tema deste trabalho, é a que torna-se mais adequada, pois “é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de quantificar, *como sentimentos, motivações e, crenças*” (GOLDENBERG, 2005, p. 63, minha ênfase). Assim, apoiados nos objetivos e nas variáveis que se pretende investigar, utilizaremos os dados da pesquisa qualitativa, já que objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais. Estes dados da pesquisa qualitativa são freqüentemente mensurados nas palavras escritas ou faladas, nas ações, símbolos, entre outros.

O método de coleta de dados utilizado neste trabalho foi a entrevista em profundidade. As entrevistas aconteceram com sete casais que já viajaram em lua-de-mel (menos o casal 1, que entrevistei antes da viagem). Estes casais são moradores da cidade de Juiz de Fora e pertencem à classe média. Eu cheguei até eles através da indicação de amigos e colegas e alguns eu mesma conhecia. Os casais são de idades diferentes e, além, dois deles casaram em gerações diferentes dos demais (com respectivamente 23 e 19 anos de casados).

Há algumas semelhanças entre mim e os casais pesquisados como a classe social, a idade de alguns (tenho 25 anos), o lugar de moradia (Juiz de Fora) e de termos amigos em comum, apesar de que sou solteira (e nunca viajei em lua-de-mel). Essas características em comum podem ser um fator de dificuldade, já que há

a necessidade de estranhar o familiar, ou tornar o familiar exótico¹², porém Salem¹³ (1978), ressalta o lado positivo dessa relação:

Esse traço de afinidade possivelmente interferiu nas entrevistas mas, por outro lado, me convertia numa pessoa, a seus olhos, menos estranha, e por conseguinte deve ter facilitado minha entrada em suas casas (SALEM, 1978, p. 55).

As entrevistas serão exibidas nesse capítulo, porém cabe anteriormente, apresentar alguns aspectos sobre o universo pesquisado e também alguns relatos pessoais sobre a pesquisa de campo.

3.1. Juiz de Fora: a mais Gerais das cidades Mineiras

Esse item tem por objetivo contextualizar a cidade de Juiz de Fora, apresentando algumas características da cidade e um breve relato sobre sua história.

A cidade de Juiz de Fora nasceu na estrada do Caminho Novo, que ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro, e servia para passagem do ouro extraído nas minas. O Caminho Novo surgiu com o intuito de evitar o contrabando de ouro no país, que eram transportados por outros caminhos evitando assim pagar os altos tributos incididos pela extração. Isso em 1853, quando a então Santo Antônio do Paraibuna é elevada à categoria de cidade. Em 1865 muda seu nome para o atual, devido à sesmaria vendida à Bustamante e Sá, aposentado na carreira jurídica no cargo de Juiz de Fora¹⁴.

A expansão da cafeicultura transformou a então Santo Antônio do Paraibuna no principal núcleo urbano da região.

A proximidade com Rio de Janeiro fez com que Juiz de Fora não participasse da cultura colonial mineira, se tornando uma cidade mais européia - com teatros,

¹² Essa idéia de estranhar o familiar ou torná-lo exótico é discutida em Da Matta (1978) e Velho (1978).

¹³ Há muitas semelhanças entre esse trabalho e o de Salem, pois a autora, na década de 1980, estudou famílias de classe média e o texto no qual retirei o fragmento acima expõe a relação entre entrevistado e entrevistador realizando reflexões pertinentes à dissertação.

¹⁴ O Juiz de Fora era um magistrado, do tempo colonial, nomeado pela Coroa Portuguesa, para atuar onde não havia Juiz de Direito (Oliveira, 1994).

cinemas, atividades literárias, além das fábricas - do que colonial. Por isso foi conhecida como Manchester Mineira, por conta de seu pioneirismo na industrialização, sendo os setores que mais se desenvolveram: o da indústria têxtil e o da produção de alimentos e bebidas; apesar de hodiernamente a cidade ser caracterizada pelo setor de serviço, que é responsável por um PIB maior que o setor industrial¹⁵.

Desse modo Juiz de Fora incorporou essa característica de cidade cosmopolita, moderna e industrializada, ao contrário de outras cidades mineiras, conhecidas pela tradição, pelo artesanato e pelo barroco. Outra característica cultural considerável deve-se a proximidade geográfica com a cidade do Rio de Janeiro, sendo juizforanos conhecidos como “cariocas do brejo”.

De acordo com o censo do IBGE, em 2007, a população da cidade é de 513.348 pessoas e uma média de 2.000 casamentos por ano, sendo que o Censo da Cultura de Juiz de Fora informa que entre os anos de 1994 até 2005 foram realizados 23.621 casamentos na cidade. Infelizmente não há fonte direta do número de viagens de lua-de-mel.

3.2. Relato de algumas experiências pessoais

Inicialmente, tinha como escolha do tema da dissertação a relação entre o imaginário, construído culturalmente, e as viagens de turismo. Gostaria de investigar, com um olhar antropológico, como são criadas certas categorias que levam um indivíduo a optar por certo local em detrimento de outros. Entretanto, ainda me faltava um objeto de estudo em que pudesse me debruçar para testar minhas teorias, conceitos e categorias e a relação entre eles. Foi então que a relação entre imaginário e viagens de lua-de-mel me pareceu bastante oportuna e significativa, meu objetivo então, era tentar compreender qual o imaginário da lua-de-mel e sua representação social para um determinado grupo.

¹⁵ De acordo com dados do IBGE, em 2005, o valor adicionado na Indústria para o PIB foi de 1.270.541 reais contra 3.189.275 reais do setor de serviços. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>.

Desse modo, definidos o tema e o objeto de estudo, faltava ainda investigar qual metodologia auxiliaria meus estudos e objetivos propostos. Por ser um trabalho com abordagem antropológica adotei, portanto, uma perspectiva qualitativa, com entrevistas em profundidade. Coube ainda, a meu orientador e eu, chegarmos a um consenso sobre o número de casais a ser pesquisado. Assim, chegamos à conclusão que seis ou sete casais seria um número suficiente, dado à profundidade que necessita a pesquisa, não em termos quantitativos, mas pela qualidade das relações.

Acertada a metodologia, a etapa seguinte para o desenvolvimento da dissertação seria então encontrar casais dispostos a auxiliar minha pesquisa. Além de contar com a “boa vontade” dos casais em serem entrevistados, esses deveriam ser portadores de certas características como: terem casado em Juiz de Fora, e, claro, viajado em lua-de-mel. Além, cabe acrescentar, que todos os casais entrevistados são pertencentes à classe média.

A primeira atitude foi comunicar ao maior número de amigos, colegas e conhecidos para que, se conhecessem algum casal com as devidas características, me indicassem para que eu pudesse realizar minha pesquisa. Na realidade meu primeiro pensamento foi recorrer às igrejas católicas, já que, em curso preparatório para o casamento, estas costumam indagar aos noivos se pretendem ou não viajarem em lua-de-mel. Esta idéia foi logo descartada, já que, se me limitasse a procurar em igrejas, filtraria ainda mais, entrevistando somente casais católicos, e esta não era minha intenção. É claro que a religião e a religiosidade do casal foi assunto presente nas entrevistas, porém não queria especificar, entrevistando apenas casais da religião católica – tanto é que entre meus entrevistados, tem, além de católicos, presbiterianos e umbandistas.

Sendo assim, utilizei toda comunicação possível, conversas, telefone, e-mails para pedir auxílio aos conhecidos. Era proposital também, pois chegar aos casais através de alguém conhecido ajudaria a dar credibilidade ao meu trabalho, assim como para Goldenberg: “no caso da entrevista, é importante a apresentação do pesquisador por uma pessoa de confiança do pesquisado – esta pessoa que irá intermediar o primeiro contato será responsável pela primeira imagem” (GOLDENBERG, 2005, p. 87).

Outra fonte de comunicação muito importante foi o Orkut, uma rede de comunicação via internet, nele encontrei duas comunidades intituladas: “Noivas de

Juiz de Fora” e “Casamento 2007 – Juiz de Fora”. Em tais comunidades pude expor meu trabalho e pedir a cooperação de algum membro e também, pela mesma rede, encontrei mais alguns colegas que pedi auxílio diretamente.

Foi assim que estabeleci uma rede de contatos e através de amigos e conhecidos cheguei aos sete casais entrevistados. Contudo não foi fácil conseguir casais dispostos a concederem entrevistas, por vários fatores, o primeiro é que minha proposta era realizar a entrevista com o casal, e nem sempre os dois estavam dispostos e havia coincidência de horários, depois porque alguns ficaram desconfiados com o tema, me lembro que antes de entrevistar o casal 4, conversando com a esposa, expliquei como era a entrevista e ela me disse “meu marido é tranquilo, eu que não sei se vou dar conta de responder a tudo”. Nesse momento eu percebi que havia intrínseca uma conotação sexual relacionada à própria viagem de lua-de-mel. Por fim uma última dificuldade encontrada foi devido à cultura de intimidade presente na classe média.

3.3. Apresentação das entrevistas

As entrevistas foram realizadas no período de outubro de 2007 até janeiro de 2008, sempre nas casas dos entrevistados¹⁶. Duraram entre 40 minutos a duas horas e meia e foram gravadas. No começo, além de explicar sumariamente meu tema, deixava claro que os nomes verdadeiros seriam preservados e que eles poderiam não responder a alguma questão se não se sentissem à vontade para tanto. Todos os casais, depois de terminada a entrevista, quiseram saber um pouco mais a fundo sobre meu tema e ao final conversávamos mais profundamente sobre o que estava pretendendo investigar. Alguns deles, nessas conversas informais, me auxiliaram muito a pensar sobre meu objeto de estudo, o imaginário da lua-de-mel.

A proposta agora é apresentar, de maneira sintética, as entrevistas, apresentando os casais, suas histórias de vida e suas viagens de lua-de-mel. A análise destas e suas interseções com a teoria serão realizadas no derradeiro capítulo. Cabe acrescentar que as entrevistas serão expostas aqui apresentando um

¹⁶ As entrevistas foram realizadas com o casal, desse modo – ainda que tenha sido cogitada a idéia – não optamos por entrevistar cada sujeito separadamente, pois nosso objetivo era identificar o imaginário do casal, analisando o discurso dos dois enquanto casal.

pouco das impressões anteriores e durante a entrevista pela pesquisadora e o seu conteúdo, enfatizando, quando necessário, os diálogos estabelecidos entre o casal, já que consideramos ser relevante para nosso objeto de pesquisa.

3.3.1. “Aí a tradição já foi por água abaixo”

O primeiro casal entrevistado foi o único que ainda não havia viajado em lua-de-mel. A entrevista ocorreu em outubro de 2007 e o casamento aconteceu em fevereiro de 2008. Na ocasião da mesma, eles tinham acabado de escolher o local e fechado o contrato com a operadora de viagem.

Já conhecia Alice há algum tempo. Nós temos laços de amizade que não interferiram no objetivo de minhas indagações na construção da minha dissertação. Apesar de, como amiga, conhecer um pouco do tema da dissertação, os dois não conheciam a linha teórica adotada. Outrossim, cabe acrescentar que não fui a campo testar alguma hipótese definida, portanto tinha um horizonte, ainda que delimitado, pela frente. Desse modo, o fato de conhecer o casal pode ter alguma influência, mas não compromete o resultado final deste trabalho.

Cheguei à casa dos dois no começo da noite, eles moram num bairro de classe média, na avenida principal da cidade. Sempre moraram em Juiz de Fora e já tinham tido a experiência de sair da casa dos pais antes de morarem juntos. Na ocasião da entrevista eles estavam juntos há oito meses, porém com dois meses de relacionamento resolveram que iriam casar. Durante os preparativos para a cerimônia, em fevereiro de 2008, resolveram morar juntos. Ambos já se consideravam casados.

Tanto Alice quanto Antônio têm 30 anos e ela tem um filho de 10 anos de outro relacionamento amoroso. Eles pertencem à classe média alta, estudaram em colégios conhecidos como tradicionais na cidade e têm curso superior concluído, ela é graduada em turismo e ele trabalha como bancário. De uma maneira geral, os dois falaram bastante e com desenvoltura sobre todos os assuntos.

Quando cheguei à casa do casal Alice me informou que teríamos que fazer a entrevista no quarto, já que por causa de um exame que havia feito, tinha que ficar de repouso. Então fui ao quarto, onde conversamos um pouco até a chegada de Antônio (que estava na casa da mãe).

Ela estava com a televisão no quarto ligada e perguntei se os dois têm hábito de ver tv e Antônio me disse que vê o tempo todo, apesar de não irem ao cinema e nem terem o hábito de alugarem filmes em locadoras. Disseram-me ainda que têm pouco tempo de lazer e geralmente o utilizam para ir ao clube ou jogar buraco e que procuram encaixar programas nos quais o filho dela também possa participar.

Sobre a família eles disseram que das três irmãs que possuem (duas dela e uma dele) tanto a irmã de Antônio quanto uma irmã de Alice já casaram e viajaram em lua-de-mel, a irmã dele e o noivo foram para o Chile e a Argentina (*“Eles queriam ir a um lugar que nenhum dos dois tivessem ido” - Antônio¹⁷*) e a irmã de Alice e o noivo foram para Trindade (*“A minha irmã foi pra Trindade e não gostou da experiência porque ela foi pra uma praia e só choveu” - Alice*). Os pais dos dois também casaram e viajaram em lua-de-mel.

Na ocasião da entrevista eles estavam juntos há oito meses. Perguntei então como que o relacionamento afetivo iniciou e Alice me respondeu:

Olha, a gente já se conhece antes do relacionamento. Temos amigos em comum, começamos a construir uma amizade, que foi realmente uma amizade, com aquela coisa de se conhecer sem pudor, sem aquela coisa da relação afetiva. Isso vem de bastante tempo.

Antônio completou afirmando que o fato de se conhecerem antes como amigos influenciou no fato de decidirem casar com pouco tempo de namoro. Eles noivaram há cinco meses e decidiram “formalizar o pedido de casamento” (nas palavras de Antônio) por uma vontade dele. Perguntei então se já se consideravam casados pelo fato de já morarem juntos e ambos responderam que sim. Então indaguei o porquê de realizar a cerimônia religiosa e o casamento no civil:

Porque eu quero uma benção na minha religião, independente de “ta” casado, eu me sinto casado, só que eu quero uma benção na minha religião. O civil eu acho mais importante, que é o seguinte, a minha religião e a religião dela é uma coisa mais divina, espiritual, agora no civil eu acho importante porque é formalizar,

¹⁷ Daqui em diante, todas as frases em formato itálico representam falas extraídas das entrevistas gravadas.

não ficar aquela coisa os dois só moram juntos... questões práticas, sabe? Tem vários lados que fizeram querer casar no civil: uma é questões práticas, como plano de saúde, essa parte jurídica vamos colocar assim... (Antônio)

De dependência, um responder pelo outro, ontem eu fui pro hospital, o que que ele era meu? Nada... Eu fui cadastrada como solteira e era ele quem tava assinando a responsabilidade sobre mim e era ele quem tava me acompanhando e ele não era nada meu. Assim, a gente mora junto.(Alice)

Teve uma no hotel também que a gente vai preencher uma ficha no hotel, dependendo do nível do lugar – um hotel simples até que não – mas dependendo do nível do lugar, pensa assim: ta entrando deve ser uma amante, assim o cara ta viajando levou a amante e ta deixando a mulher em casa, umas coisas dessas.(Antônio)

Nesse momento Alice me informa que também por esse motivo Antônio fez questão que ela mudasse de nome após o casamento, inserindo o sobrenome dele.

Agora, no civil é mais isso é formalizar, não ficar aquela coisa assim ah, a gente com quarenta anos vivendo juntos e que que nós somos? Somos nada... (Antônio)

E infelizmente por mais que a gente tenha muito bem determinado o que é o casamento pra gente, isso recai sobre a gente no meio social, infelizmente, mesmo que você negue isso, ache uma grande babaquice. (Alice)

Então eles me deram detalhes sobre o casamento no religioso e da vontade de realizar uma cerimônia tanto na religião dele – católica – quanto na dela – umbanda. A cerimônia na Igreja já estava marcada para o dia 16 de fevereiro.

Eles me disseram também sobre a vontade de oferecer uma festa após o casamento no religioso, mas ponderaram também os custos que eram além do que haviam imaginado em princípio:

Só pra poder casar lá (na Igreja)... Fora o que tem de prático, não tem como você entrar na igreja sem música, não tem como você casar na igreja sem flor, não tem como você não distribuir um bem-casado na igreja, entendeu, não tem como você ir com qualquer vestido. Então existem condutas pré-estipuladas e que são muito caras, então pro civil já foi essa grana, pro religioso tem mais essa.(Alice)

E fora que a gente não vai casar enganado, a gente já mora juntos, a gente já divide as contas, a gente já sabe quanto é que a gente tem que gastar no final do mês, então a gente já tem uma vida de casado. Então junto com todo esse custo,

ainda tem o custo de cada mês, então a gente não tá arrumando tudo pra depois a partir daí assumir esse papel, é muito dinheiro. (Alice)

Alice sinalizou uma dificuldade pelo fato de seu pai já ter falecido. Ela diz que se o pai ainda estivesse vivo: “*arcaria com tudo do jeito que eu quisesse*”, então eu perguntei, “será que ainda hoje tem pai da noiva que arca com todos os custos do casamento?” e Antônio me responde: “*meu pai arcou com tudo no casamento da minha irmã*”.

Perguntei a eles se tiveram que optar, por questões financeiras, entre a festa e a viagem de lua-de-mel e os dois me respondem afirmativamente. Então questionei o que fez com que ambos escolhessem a viagem:

Bom, aí vem as opiniões, muita gente dá opinião. Já vieram falar pra gente várias vezes. Viagem de lua-de-mel, nunca mais... (Alice)

Eu vi casos de pessoas que falaram que viagem de lua-de-mel é uma só se você deixar pra viajar, um ano depois, já não é a mesma coisa. Quem viaja na lua-de-mel, depois faz as outras viagens, nunca vai ser igual àquela da lua-de-mel... (Antônio)

Mesmo que seja pro mesmo lugar. (Alice)

Então eu provoco: “mas se vocês forem pensar, quem deu esses conselhos pra vocês não morou junto antes de casar...” Ambos respondem que não e ficam em silêncio.

Pergunto então sobre o local que escolheram para viverem a lua-de-mel e Alice me diz que a idéia inicial era o Taiti pois é o sonho de consumo dos dois, mas é uma viagem muito cara. Descobriram então a lista de casamento de algumas operadoras de viagem, nas quais o convidado presenteia os noivos com cotas da viagem de lua-de-mel. Alice me disse que antes conversou com duas pessoas que “*como a gente, já moravam juntos, já tinham a casa pronta, qualquer presente de casamento que recebessem seria um entulho, porque a casa já funciona*” e assim resolveu optar por esse pacote de presente de casamento.

Então tiveram que resolver o local, “*a gente estava pensando em lugares que a gente não conhecia, nenhum dos dois*” (Alice) e acabaram optando pelo nordeste, Recife, Porto de Galinhas e Fernando de Noronha, apesar de Alice já conhecer esse último local:

E eu consegui convencer o Antônio a ir pra Fernando de Noronha. Ele ficou um pouco preocupado de eu ficar um pouco chata...

Eu ainda não to assim totalmente... A gente ta indo em Porto de Galinhas antes, depois a gente vai pra Fernando de Noronha, e dizem que são as praias mais lindas, então tem duas coisas: uma que não vai ser novidade pra ela, o lugarejo pode ter mudado mais as praias são as mesmas, e segundo que pode ser chato da gente estar em Porto de Galinhas e ficar “ah, mas a praia de Fernando de Noronha é mais bonita”.

Eu perguntei se eles tinham vontade de ir para um local urbano, porque lembrei que uma vez ele me disse que tinha vontade de conhecer Las Vegas:

Não, não pra lua-de-mel, tenho vontade de ir pra Las Vegas, esse lado mais urbano eu gosto, mas eu acho que pra lua-de-mel não, eu gosto desse lado de praia, mato, mas passar a lua-de-mel num centro muito urbano não é a minha não. (Antônio)

É, não é muito romântico, né?! A nossa pousada de Porto, é uma pousada de Charme (Roteiro de Charme) que não aceita nem criança nem cachorro, ou seja, pra casal que ta a fim de sossego, que teoricamente a lua-de-mel é pra ser um primeiro namoro, né?! Apesar de não ser mais o primeiro, vai ser namoro. (Alice)

Finalmente perguntei porque optaram em viajar pelo Brasil, não para o exterior:

Lua-de-mel tem uma coisa que a Alice falou e é verdade, a gente não quer peleja, a gente vai pra esses países são vistos diferentes, línguas diferentes. (Antônio)

A gente não quer trabalho. (Alice)

3.3.2. “A gente ficava mais no hotel, pra gente namorar”

Conheci Bárbara através do meu trabalho (ela é aluna de um curso de administração à distância, no qual trabalho). Ela sempre se mostrou solícita e ainda me indicou outros casais para realizar outras entrevistas. O casal é muito simpático e me diverti muito nos momentos em que estivemos juntos. Na ocasião da entrevista, em 06 de dezembro de 2007, estavam casados há 23 anos. A cumplicidade entre eles é visível nas falas e em certos momentos (quando falavam

de seus irmãos, por exemplo) não sabia se falavam do irmão de um ou do outro. O casal é uma unidade. Ambos falaram bastante sobre os assuntos propostos e em algumas ocasiões Bernardo fez algumas provocações às falas de Bárbara, em tom de brincadeira, o que tornou cômico certos momentos.

O casal mora na avenida principal da cidade num bairro de classe média alta, um apartamento grande e bem decorado. Ela é funcionária pública, ele representante de vendas. Bárbara tem 47 anos e Bernardo 45. Eles têm dois filhos de 21 e 19 anos.

São animados, por isso quando indaguei o que costumam fazer no tempo de lazer, Bárbara me disse que eles sempre saem nos finais de semana, e se não saem ficam em casa “tomando uma cervejinha”. Gostam muito de viajar, ir ao clube, ver televisão, embora raramente freqüentam o cinema ou teatro.

Bernardo tem dois irmãos, um casado que viajou em lua-de-mel, outra que não casou e ainda um, falecido, que também viajou em lua-de-mel. Bárbara tem três irmãos, todos casados, *“o mais velho separou, e nós casamos no mesmo mês, ele casou dia 08 e nós dia 27 de janeiro, em 84”* (Bárbara). Perguntei se sabiam se os pais também tinham tido lua-de-mel e Bernardo afirmou não saber, entretanto Bárbara afirmou que seus pais viajaram sim quando casaram.

Perguntei como eles se conheceram (*“Você lembra Bernardo? Lembra que ontem fez 26 anos?”*) e Bárbara me contou que foi numa festa de criança, por terem amigos em comum, nesse mesmo dia saíram após a festinha com alguns amigos:

Depois eles deixaram a gente na pensão e eu continuei conversando com o Bernardo, aí depois ele me ligou, a gente saiu, e por aí começou...

Eu liguei? Eu morava ali perto, eu te cerquei na rua...

Me cercou na rua foi outro dia que eu tava saindo com a Ângela.

Ela fez pouco caso...

Namoraram durante dois anos e ficaram noivos algum tempo antes do casamento:

Noivamos, foi um noivado simbólico, porque há 24 anos atrás, hoje não tem esse negócio de noivado, né?! Nós ficamos noivos uns seis meses antes de casar, só pra oficializar. (Bernardo)

Casaram no religioso e no civil em dezembro de 1984, na Igreja Católica, pois ambos pertencem a esta religião. Eles não tiveram festa, Bárbara não era de Juiz de Fora (era de uma cidade menor e veio para estudar e trabalhar) e não tinha como

acomodar seus parentes de fora, pois morava numa pensão até então. Assim eles fizeram um almoço, mas “coisa simples” nas palavras dela.

E viajaram no dia seguinte, em lua-de-mel, para Teresópolis. Bernardo disse que foram no dia seguinte porque na época não tinham carro e tiveram que ir de ônibus. Bárbara conta que o irmão estava retornando da lua-de-mel e os deixou na rodoviária, onde seguiram para Petrópolis e em seguida Teresópolis.

No quarto do hotel tinha uma cozinha e assim eles puderam levar alguma comida, “*é só tomar suco de caju que eu lembro da minha lua-de-mel*” (Bárbara). O hotel, conhecido como hotel turismo, no qual um sócio paga cotas durante ano e depois pode usufruir estadia, era simples pelo que disseram, “*foi uma lua-de-mel meio frustrada, porque não tinha a situação que a gente tem hoje*” (Bernardo). Ele disse também que não tinha televisão no quarto, somente na sala principal, porém “*quem tava numa lua-de-mel não ia ver televisão*” (Bernardo). Quando perguntei se eles conheceram bem a cidade, me disseram que saíam de noite para passear, mas que ficavam mais no hotel. Ficaram em Teresópolis quatro ou cinco dias:

Aí a boba aqui, né, morava em pensão e nós dois já estávamos com o apartamento montadinho, eu doida pra ir pra minha casa, aí vim embora antes, hoje eu tenho um arrependimento, devia ter ficado mais, tava tão bom, devia ter ficado lá. (Bárbara)

Perguntei sobre o porquê de terem optado por Teresópolis e Bárbara disse que o cunhado ofereceu na época e que tinha opção de ir para Teresópolis ou Cabo Frio. Bernardo disse que preferia ir para Cabo Frio por ser verão e cidade serrana ser melhor no inverno, mas como era alta temporada eles não conseguiram. Perguntei a Bárbara se preferia Cabo Frio também e ela: “*Olha, eu acho que essa coisa de lua-de-mel não tem muita preferência o lugar*”.

Por fim perguntei se eles já tiveram algo que consideraram uma segunda lua-de-mel:

Um monte. (Bernardo)

A gente larga os meninos e vamos embora. (Bárbara)

Após a entrevista o casal me ofereceu um lanche com quitutes que Bernardo tinha comprado para a ocasião. Conversamos mais um pouco, agradeci a entrevista e fui para minha casa que era próxima dali.

3.3.3. “A lua-de-mel é tipo assim uma preparação pra nova vida”

Foi uma colega de mestrado quem me apresentou Clara. Me disse que ela tinha casado há pouco tempo, que havia viajado em lua-de-mel e que era muito gentil e não se importaria em me ceder uma entrevista. Marquei com ela e Caetano num sábado a tarde, dia 08 de dezembro de 2007. Eles moram num bairro de classe média, afastado da cidade. Ela é jornalista e tem 29 anos e ele é industrial, 24 anos. Os dois foram solícitos, respondendo as perguntas, porém foram objetivos em suas respostas, tornando a entrevista mais curta que as anteriores. Clara, quase sempre, soltava uma risada aos finais de frase.

No tempo de lazer disseram que costumam fazer várias atividades, como sair à noite, ir a bares, confraternizar com amigos, assistir a filmes e principalmente viajar. Eles não têm o hábito de assistir televisão, assistem aos jornais e alguns programas da Sky e costumam ficar na internet.

Clara é filha única e Caetano tem um irmão casado, e quando perguntei se viajou em lua-de-mel: *“não. Ele casou só no civil, na época ele tava viajando, ele e a esposa dele depois fizeram uma viagem, perde até um pouco o caráter de lua-de-mel, mas fizeram uma viagem depois que valeu”* (Caetano). Quanto aos pais deles, Clara disse que os seus não viajaram em lua-de-mel, *“eles iam pra Campos de Jordão, mas não deu pra ir e acho que por causa de grana”* (Clara) e Caetano não soube informar.

Eles estão juntos faz cinco anos e meio e se conheceram numa sala de bate-papo na internet, marcaram um encontro e começaram a namorar um mês depois. Percebi nesse momento que eles ficaram levemente incomodados e eu disse que era uma experiência interessante e que a internet é um espaço de interação como tantos outros:

É uma vez eu fui entrevistada pra falar sobre essa questão de namoro virtual e pra mim, do mesmo modo que você conhece alguém no bar, na night, a internet é uma outra ferramenta, um outro veículo, entendeu?! (Clara)

É a mesma coisa, eu to num bar poderia não dar em nada. (Caetano)

É, poderia não ter dado em nada, virado amigo. É que tem gente que acha estranho. Porque até pouco tempo atrás as pessoas achavam que a gente era maníaco, maluco, ficava o dia inteiro no computador, com batata, coca-cola,

passava 12 horas... Eu nunca fui assim, nem ele. A gente tem vida social também, mas era legal, era novidade, eu adoro essa parte de novas tecnologias e o bate-papo veio a calhar, um novo caminho de conhecer pessoas, você pode ir à Igreja, pode ir ao cinema, escola... (Clara)

Nesse momento falei um pouco da minha experiência, que trabalho com educação à distância e que também ainda há preconceito e senti que o casal ficou mais confortável.

Com três anos de namoro eles noivaram e com quatro anos e meio casaram. Perguntei como tinha sido o casamento deles e Clara me disse que foi um casamento tradicional, dia 14 de outubro de 2006. Disse que queria casar na Igreja São Sebastião¹⁸ e que Caetano teve que ir bem cedo para a fila no único dia do ano para marcar datas. Disse que apesar do marido ter chegado às seis da manhã, sua senha era 36, mas que os casais deram preferência ao mês de maio por ser o mês das noivas ou dezembro e janeiro para aproveitarem o décimo terceiro. Então conseguiram marcar em outubro na primavera como ela queria, casaram antes no civil e tiveram uma festa depois da cerimônia na Igreja.

Clara disse que tiveram uma festa restrita porque não queriam gastar muito e queriam viajar, *“aí, eu não sabia essa questão a gente ia pagar não ia não sei quê, família da noiva, família do noivo” (Clara)*. Então o pai da noiva arcou com uma festa, que inicialmente seria um bolo no salão anexo à igreja, mas depois acabaram fazendo uma festa num salão para um “público seletivo”.

Perguntei a eles se tivessem que escolher se fariam a viagem de lua-de-mel ou a festa:

Deu pra fazer os dois. (Clara)

Mas na verdade a gente tinha priorizado a viagem, seu pai que lançou a idéia da festa. A gente não faria a festa que fez com buffett, a gente faria uma coisa muito mais simples com um bolo e guaraná e teria investido na viagem. (Caetano)

Provoquei dando a sugestão que a viagem poderia ser em outra época:

Olha, essa questão de viajar em outra época, calhou dele conseguir folga e eu também no nosso trabalho. Em fevereiro eram nossas férias e a gente poderia ter deixado pra viajar em fevereiro, mas aí com a folga, também não ia ter significado viajar depois... (Clara)

¹⁸ São católicos e respeitam “muito a ideologia católica” (Clara).

É e viajar recém casado também é legal, porque acaba aquela correria da organização, pronto acabou vamos relaxar, onde a gente ia começar mesmo a passar bastante tempo juntos, passar bastante tempo junto como casado, quando voltar é nova vida. (Caetano)

O casal foi em lua-de-mel para Natal, Rio Grande do Norte.

Foi bem interessante, quando a gente chegou no nosso destino lá, foi bem diferente das outras viagens, até mesmo pelo clima, o hotel prepara, tem toda uma pompa, quando você tá em lua-de-mel. (Clara)

Perguntei se tinham preferência para outro lugar, mas disseram que queriam mesmo ir para Natal.

Eu queria praia, desde o início, as pessoas falavam “ah, não é muito romântico e não sei o quê”, quero praia, quero clima de festa, eu tava num momento de festividade. (Clara)

Ficaram uma semana em lua-de-mel na cidade:

Domingo na hora que a gente tava voltando bateu aquela depressão, nós ficamos uma semana, uma semana muito intensa, passeamos muito, descobrimos a cidade. Eu tenho o costume de tentar não cair nas armadilhas que as agências proporcionam e aí a gente tenta disfarçar do cidadão da cidade, daquela localidade, por exemplo, o que um cidadão natalense faz pra se divertir? E aí a gente pegava referências da cidade, não dos turistas, apesar de sermos turistas a gente queria ter outra opção, porque tudo pra turista é muito mais caro... (Clara)

Perguntei se saíram bastante e se conheceram bem a cidade:

Conhecemos, todo o dia a gente saía, a praia do hotel, o hotel ficava de frente pra praia, a gente deve ter ido umas duas vezes, porque a gente foi pra Pipa, fez passeio de bugre, tem dias que a gente ficou no hotel, teve um dia que a gente foi pro centro da cidade, no shopping, a gente procura alternativas. (Clara)

Perguntei sobre os equipamentos de turismo e se havia alguma diferença pelo fato de serem recém casados e estarem em lua-de-mel.

No quarto do hotel tinha algumas coisas, uma flor, uma cesta, vinho, frutas... O quarto era de frente pra praia, tinha quarto de fundos, o nosso era de frente pro mar, quando chegamos tava tudo preparado, esses mimos. (Clara)

Já que eles gostaram tanto da viagem, perguntei se pensavam em realizar uma outra viagem, como uma segunda lua-de-mel:

A gente ta pensando em ir pra Europa, mas a gente ta meio perdido ainda, pra 2009 só, planejar mesmo, sabe, juntar dinheiro, pra poder ir. Tem que planejar mesmo, é uma viagem cara, não pode fazer de qualquer jeito. (Clara)

3.3.4. “É tão bacana, faz tão bem pro casal a viagem”

Diana é professora universitária. Sabia que tinha casado há pouco tempo e que, por ter concluído seu mestrado recentemente poderia entender algumas angústias de uma mestranda em busca de seus entrevistados.

Eu sabia também que ela é protestante e que seu marido também pertencia à igreja, apesar de ainda não saber que seu pai é pastor. Sabia também que ambos são engajados em sua Igreja.

Confesso que até então, embora introduzida nas técnicas da pesquisa antropológica, estava imbuída por sentimentos etnocêntricos (e percebi isso ao final da entrevista) e por estereótipos que carregam os crentes em nossa cultura. E foi assim e por isso também que a entrevista com esse casal me trouxe uma agradável surpresa. De fato foi a entrevista que mais me impressionou e me fez repensar diversas condutas e valores. Saí da casa de Diana e Daniel feliz por ter enveredado em caminhos antropológicos que me permitiam esse tipo de experiência.

Outro fator que acredito ter contribuído, foi ter sido a entrevista mais duradoura e ambos falaram à vontade sobre cada uma das minhas perguntas, emendando em outras histórias. O casal também me mostrou o álbum de fotografias e rendeu várias histórias sobre o casamento e a festa. Houve uma preocupação recorrente se o que estavam dizendo era satisfatório para minha pesquisa:

A não sei... Eu fico pensando o que pode ser interessante, não que eu queira negar informação... (Daniel)

Uai, mas isso quem sabe é ela... (Diana)

Não sei se eu to fazendo uma entrevista religiosa demais, mas é o que eu sou. (Daniel)

A entrevista ocorreu no dia 18 de dezembro de 2007, às 20 horas, na casa deles. Moram num bairro de classe média de Juiz de Fora, Manoel Honório, em um

bonito prédio e belo apartamento. Diana tem 27 anos e é professora universitária e Daniel é assessor de apoio parlamentar e tem 26 anos de idade. Eles moram sozinhos na casa e não têm filhos.

Quando perguntei sobre o tempo de lazer do casal, me disseram que os dois têm muitos compromissos durante a semana e que geralmente o tempo de lazer é no final de semana, sendo que o domingo inteiro eles têm compromissos com a igreja. Na sexta-feira à noite eles recebem alguns amigos para uma reunião, também da igreja, *“mas são amigos que vem e tem sempre um lanchinho no final, então acaba se tornando um momento de lazer, por mais que seja um compromisso. Normalmente tá vinculado a isso, nossos amigos, normalmente amigos da igreja”* (Diana).

Também disseram que costumam ir ao teatro, restaurante, lanchonete, embora faça mais um ano que não vão ao cinema: *“depois que a gente casou a gente aluga muito filme pra ver em casa. Então às vezes o cansaço, a fila grande, dependendo do filme tem que comprar antes, a gente acha melhor alugar e ver em casa”* (Daniel). Perguntei a eles que tipo de filme gostam de ver e Diana respondeu na hora que gosta de suspense, Daniel disse que gosta de ver filmes com alguma história bíblica e que gosta muito de comédia romântica, emendando: *“assim eu acho que sou a mulher da relação”*, e Diana completou: *“ele é muito apaixonado, eu sou muito nervosa”*.

Diana disse também que eles viajam bastante, que é um investimento para o casal, sendo que Daniel construiu esse hábito após o casamento, *“eu tenho um dinheiro é pra viagem, não quero investir em casa, não quero nada, quero viajar”* (Diana).

Ambos têm três irmãos, contudo somente a irmã mais velha de Diana está casada, ela viajou em lua-de-mel para as Serras Gaúchas, e me disseram que eles “amaram” a viagem, *“um dos motivos que me animou, pelo menos a mim, da gente ter ido foi as histórias que os dois contaram da viagem”* (Daniel). Também me disseram que os pais também viveram a lua-de-mel.

Na ocasião da entrevista havia seis anos que os dois estavam juntos, quatro anos de namoro e dois de casamento. Perguntei sobre como o romance começou:

Na Igreja. Eu nasci na Igreja, ele não, foi pra lá mais velho, com 18 anos. Conta a nossa história amor... (Diana).

Depois que eu fui pra Igreja, que eu me converti, eu conheci a Di, a gente ficou amigo durante um certo tempo e eu comecei a gostar dela só que ela começou a namorar um rapaz, eu falei, bom não tem espaço pra mim, aí fiquei um tempão assim, aí depois ela veio a terminar, aí a gente começou a namorar. (Daniel)

Resumido (Diana).

Eles ficaram noivos em janeiro de 2005 e casaram em novembro do mesmo ano. Daniel me disse que queria fazer uma surpresa ao pedi-la em casamento e noivar: “a gente ficou três anos e pouquinho namorando. Porque assim, eu tava pensando em fazer alguma coisa diferente pra que a gente pudesse ficar noivos. Só que tudo que eu pensava em fazer ela pensava que era naquele dia” (Daniel). Ele me disse que gostaria de fazer o pedido na igreja, mas percebeu que Diana não gostaria. Ela disse que acha o noivado um ato mais pessoal, do casal, e que nem teve almoço ou jantar que foi surpresa mesmo.

E realmente eu não podia nem imaginar... Aí quando ele foi me deixar em casa... Chorou... Eu não choro não, eu não sou romântica. (Diana)

Eu sou muito emotivo, sou muito sentimental, quando eu gosto, gosto muito, quando eu me decepciono me decepciono demais, quando eu acredito em algo eu sonho, sonho alto, se não me puxar eu vou embora. (Daniel)

Ele é muito passional... No casamento alguns amigos falaram, nossa eu nunca vi um homem chorar tanto num casamento. É impressionante, eu sou completamente fria, eu não consigo chorar quase. Quando eu choro é porque o negócio é feio. A gente acaba equilibrando... (Diana)

Perguntei sobre a cerimônia do casamento e eles me disseram que tiveram uma festa grande e viajaram em lua-de-mel, e que se envolveram com os preparativos, com cada detalhe.

A gente planejou um tempão, eu era louca por uma festa, eu sempre quis a festa, por mais que eu seja turismóloga, pra mim era mais importante a festa do que a viagem, porque sempre pensei que a festa não poderia dar em outro momento, então eu não poderia dar uma festa de casamento daqui a cinco anos. Uma viagem super legal talvez eu pudesse fazer em outro momento e talvez fosse muito melhor do que a lua-de-mel em si, de fato, porque ali é um momento que você tá conhecendo muito mais profundamente a pessoa com quem você tá casando, a partir dali você pensa: ‘eu vou passar minha vida com essa pessoa’, aí você começa a ver mania, você começa a ver tudo que você não via quando tava namorando,

então assim eu sempre preferi a festa à viagem, ele não, ele queria a viagem, mas depois comprou a minha idéia de fazer a festa (Diana).

Foi uma festa dos sonhos pra gente, mas a gente gastou uma grana... (Daniel).

Diana me contou que para ter a festa como gostaria eles fizeram sacrifícios, como quando mudaram para a casa, eles não tinham cama, compraram somente no outro mês: *“as outras coisas pra mim, depois eu poderia conquistar, então a gente veio pra cá, a gente não tinha cama ainda, em dezembro a gente comprou a cama que chegou em fevereiro” (Diana).*

A família da Diana é muito grande e ela é filha do pastor da igreja, que tem cerca de 1000 membros, disseram que foi uma situação difícil, pois não poderiam convidar todos para a festa. Ainda assim teve cerca de 400 convidados. Quis saber se o pai dela ajudou a custear a festa ou o casamento e eles me disseram que ele não deu um valor específico para o casamento, na época Diana tinha ganhado um dinheiro do pai, mas me disse que o mesmo valor que ganhou todos os outros irmãos também haviam ganhado e ela investiu o dinheiro no casamento. No mais ele pagou o aluguel do vestido e o hotel no qual passaram a noite de núpcias.

Perguntei sobre a cerimônia do casamento:

O casamento em si, por nós sermos religiosos, era muito importante, não uma solenidade simplesmente para cumprir um ritual de passagem, mas uma cerimônia mesmo de consagração do nosso casamento à Deus, então a gente esteve orando, nós mesmos, pegamos o microfone oramos pela nossa união, as músicas que foram cantadas, são músicas que fazem parte da nossa vida, pedindo a benção de Deus sobre o nosso casamento. (Diana)

É claro que a gente sabe que acaba tendo um momento assim de um certo compromisso de uma solenidade desta questão social, mas o foco sempre foi na benção de Deus sobre o compromisso que a gente tava assumindo um com o outro, com as pessoas que estavam ali, principalmente com Deus. (Daniel)

Perguntei a Diana se ela tinha mudado de nome após o casamento:

Foi uma guerra isso... (Diana)

Ela não queria não... (Daniel)

Homem é machista, acha que tem que por o nome. (Diana)

Foi uma bobeira, mas eu falava pra ela: “Di quando eu era pequeno, via o pessoal assinar o cheque como minha mãe, eu achava lindo colocar o sobrenome do meu pai”, tipo aquela ali é esposa do fulano de tal. (Daniel)

Ela me disse que ainda assina o nome de solteira em determinadas situações, que quando casou já era professora universitária concursada e já escrevia artigos (onde você é citado pelo último sobrenome) e por isso não queria colocar o nome dele.

Sobre a lua-de-mel eles me disseram que foram para Natal:

A gente ficou numa certa dúvida né?! Eu não fiquei em dúvida nenhuma, eu nunca fui pra lugar nenhum... Mas eu não queria, tipo assim, eu sempre ouvi falar muito bem de Fortaleza, mas a Di já tinha ido e eu não queria ir com a Diana pra um lugar que ela já tinha ido, entendeu, a gente tinha que ir pra um lugar novo. (Daniel)

Eu não gosto muito de frio, então eu queria ir pra praia, sol e calor. (Diana)

Comentei com eles que já havia entrevistado outro casal que tinha ido também para Natal, e eles me disseram que lá há muitos casais em lua-de-mel. Diana me disse que não gosta de lugar frio e que pra ela na lua-de-mel as pessoas vão, em sua maioria, para lugares frios:

Pelo menos por aqui o imaginário é totalmente diferente, quando o casal não vai pra longe, vai pra Tiradentes, para Petrópolis, para Mauá, para Penedo, pelo menos na minha cabeça se a pessoa não vai viajar pras serras gaúchas, vai pra essa região... (Diana)

Indaguei sobre como tinha sido a viagem e a experiência da lua-de-mel:

Eu fiquei com raiva cheguei lá a Diana não queria ficar comigo, queria ir pra praia... (Daniel)

Sobre o hotel no qual se hospedaram, disseram que era um resort, muito bonito:

Mas eu acho que eles não estavam preparados para receberem casais em lua-de-mel. (Daniel)

A gente quase foi embora no primeiro dia, aí eu liguei pra ela (a agente de viagem) era domingo e a CVC mandou uma van para nos mandar em outros hotéis, mas aí a gente acabou ficando por lá mesmo. No primeiro dia, assim eles batem na porta e entram, do nada... Assim casal em lua-de-mel, pelo amor de Deus. (Diana)

A agente de viagem tinha pedido um especial para núpcias, geralmente eles dão um espumante, uns bombons, chegamos lá não tinha nada disso, então quando

mandaram pra gente tinha o espumante, as trufas parece que tinham sido feitas na hora... Tipo você tem o imaginário do casal é uma vez só assim de núpcias. (Diana)

Não tivemos quase nada... E normalmente nesses hotéis você tem que mandar o convite de casamento, pra comprovar que estão em lua-de-mel, então foi uma decepção. Mas assim o hotel era lindo, o atendimento que deixou a desejar. (Diana)

Ficaram em Natal por sete dias e disseram que passearam bastante, (“a Diana me leva pra todas as coisas típicas”):

Quando a gente voltou, a gente teve um gasto e graças a Deus, fizemos uma lua-de-mel assim muito à vontade, sabe?! A gente teve um conforto, assim a gente quis aproveitar isso. (Daniel)

Ao final da entrevista Daniel me contou que seriam padrinhos de casamento de um casal amigo:

A gente tem amigos que vão casar e nós vamos ser padrinhos, a gente queria dar a viagem, mas não temos condições e a gente queria juntar com os outros padrinhos e dar a viagem, e eu acho que eles não vão viajar e é tão bacana, faz tão bem pro casal a viagem. (Daniel)

Perguntei finalmente se eles tinham o hábito de viajar antes de casar e Diana disse que viajava muito e Daniel:

Eu não. Mas nós nunca viajamos juntos. A gente só viajava pra coisas relacionadas à igreja, acampamento da igreja, congressos, pra ir pra praia a gente nunca tinha ido.

E atualmente, depois de casados?

Eu acho que a gente tem viajado legal, a Diana acha que a gente devia viajar 3 vezes por mês, mas viajar é muito bom, não sabia que era tão bacana. Hoje é um investimento. (Daniel)

Assim que eu desliguei o gravador, começamos a conversar e ambos muito atenciosos queriam saber se a contribuição tinha sido suficiente. Além, conversamos mais profundamente sobre meu tema e a antropologia (que também é área de estudo da Diana). Daniel me disse então um fato relevante, que eu percebi que pelo fato do gravador estar desligado o deixou mais à vontade para falar. Ele me disse que geralmente, no círculo de amizade deles que são pessoas da igreja, as mulheres sempre querem a festa e “os homens ficam doidos pra viajar em lua-de-mel, né?!”. Percebi então a conotação sexual da viagem para esse casal.

3.3.5. “A gente achou muito perfeito pra lua-de-mel porque parece um paraíso”

Eu conheci o Emanuel quando era menina, pois até antes de casar ele era meu vizinho. Apesar de nos conhecermos há anos, nós nunca estabelecemos uma relação de amizade, nos conhecíamos e conversávamos esporadicamente.

Soube através de uma outra vizinha que ele havia casado e que provavelmente não se importaria em me ceder uma entrevista. Essa ocorreu no dia 20 de dezembro, às 20 horas na casa deles. Eles moram num bairro de classe média juizforano, São Mateus. Ele é engenheiro civil e tem 35 anos de idade e ela, Elis, tem 32 anos e é dentista. Não têm filhos e moram sozinhos em seu apartamento.

Esta foi a entrevista mais curta de todas, eles foram muito educados e me trataram com cordialidade, mas não estenderam muito os assuntos. Emanuel foi sucinto e em assuntos como a cerimônia do casamento chegou a ficar 5 minutos em silêncio e quase não tocou no assunto, acontecimento também inédito, já que em todas as entrevistas o casal sempre participou junto dos assuntos. Alguns momentos renderam boas risadas, Emanuel trocou fatos e datas, o que gerou alguma discussão breve entre o casal. Elis é delicada e calma, sua voz ficou praticamente inaudível ao gravador; quase todas suas frases terminavam com algum sorriso.

Comecei a entrevista como de praxe, perguntando o que o casal costuma fazer no tempo de lazer. Eles me disseram que gostam de ir a restaurantes, pizzarias, ao Carrefour, ao sítio, e ele gosta muito de ir voar com seus aeromodelitos (os chama de filhos), disse que sempre vai ao domingo, pela manhã ou à tarde, e quando ela o acompanha eles aproveitam e almoçam no restaurante onde ocorrem os encontros do clube. Elis me contou que as esposas formaram um clube: *“tem camiseta e tudo, fica numa futilidade só, é só cabeleireiro, roupas. Eu não gosto de ir todo domingo, porque pra mim fica cansativo, enjoa, mas sempre que dá eu vou com ele”* (Elis). Me disseram que gostam de ir ao cinema, mas ultimamente têm visto filmes em casa, e enquanto ele disse gostar de filmes de ação e comédia, ela gosta de filmes românticos.

Cada um tem um irmão e ambos são casados, embora “o dela é juntado” (Emanuel). Perguntei se os irmãos deles haviam viajado em lua-de-mel: “minha irmã? Não... Viajou assim prum municipozinho aqui, prum hotel fazenda aqui perto” (Emanuel). Os pais dele viajaram para o sul de minas e os dela não tiveram lua-de-mel.

Eles namoraram durante sete anos e na ocasião da entrevista tinham oito meses de casados. Perguntei se eles tinham ficado noivos:

Não. (Elis)

A gente ficou noivo uma semana antes do casamento. (Emanuel)

Não... A gente não ficou noivo não. Amor, a gente não ficou noivo não... (Elis)

Ficou ué. (Emanuel)

Não... Ficar noivo é colocar a aliança na mão direita. A gente não colocou não. (Elis)

A não? (Emanuel)

Você deve estar confundindo porque a gente casou no dia anterior, e no civil a gente colocou a aliança de casado... Nós não ficamos noivos... (Elis)

A é... É isso aí, é verdade... (Emanuel)

Foi o casamento civil, aí a gente chegou em casa com a aliança e tirou, guardou. Essa questão de ficar noivos a gente até ia ficar, porque a gente tinha comprado a aliança tinha um tempão, mas não ficava noivo, porque assim eu não gosto desse tipo de ritual, de ficar noivo essas coisas, eu não dava muito importância pra isso e ele também não, então era besteira a gente ficar noivos, a gente tinha sete anos de namoro e ficar noivos, acho que não tinha necessidade daquilo. Então a gente combinou, quando tiver faltando um mês a gente fica, e acabou não ficando, por isso acho que ele se confundiu. (Elis)

Me contaram que se conheceram numa festa do DCE, o Diretório Central do Estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, a sede do DCE era na parte baixa do centro da cidade e sempre ocorriam festas de diversas faculdade. Eles me disseram que era uma festa da bioquímica e que apesar de entrarem no mesmo ano na faculdade, se conheceram apenas no final. Perguntei se eles gostavam de sair: “a gente não era de sair, foi uma grande coincidência mesmo. Destino, só pode ser” (Elis).

Quanto ao casamento, eles casaram no religioso e no civil. Elis disse que foi contra a vontade de Emanuel, que era uma vontade dela, católica praticante, de

casar na igreja: “*não era só uma questão de ritual, tanto que eu não fazia questão que fosse uma coisa chique, fazia questão de uma benção, sempre falei isso pra ele*” (Elis).

Eu até propus pra gente casar no sítio, uma coisa assim, mas também ele não queria, ele queria a festa... A proposta dele era a gente casar no civil, não chamar ninguém e aí fazia um jantar lá no sítio. (Elis)

O que eu queria era casar aqui em Juiz de Fora rapidinho e vazar... (Emanuel)

Perguntei como foi o processo de convencimento:

Convenci, a muito custo convenci. A gente já tinha comprado o apartamento, então eu fiz o seguinte, eu disse: “então a gente vende o apartamento, porque eu não vou casar só no civil”. Aí ele disse “então faz do jeito que você quiser”. Eu fiz tudo bem simples, uma igreja perto da minha casa, onde minha mãe casou. (Elis)

Eles fizeram uma festa de casamento, que foi nas palavras deles uma “festinha íntima” que não foi para todos os convidados, convidaram somente os parentes.

A nossa opção não foi pela festa, foi pela lua-de-mel. Foi por isso que a gente não fez a festa. (Elis)

Eles foram para Porto de Galinhas na lua-de-mel e ficaram lá por sete dias. Adoraram o local escolhido:

Muito bom e pra mim, a gente achou muito perfeito pra lua-de-mel porque parece um paraíso assim mesmo e a gente foi numa época de baixa temporada em abril e tava mais tranquilo, muito bom. (Elis)

Perguntei sobre a escolha do local para viajarem e me disseram que estavam na dúvida entre o nordeste e o sul e decidiram na agência de viagem:

Porque não era nem verão nem inverno e a gente tava na dúvida. E na agência a gente começou a ver essas fotos de viagem e a gente optou pelo nordeste. (Emanuel)

Eu queria ir pra Gramado, era a minha primeira opção, eu queria sul, o problema é que não ia estar frio e perdia um pouco o sentido, abril o risco de estar calor era enorme e a gente ia pro sul e não ia aproveitar e aí a gente até pensou “o ano que vem a gente vai pro sul, mas no inverno”. Mas a gente tinha outras opções que a gente também viu na agência, de ir pra Buenos Aires, mas também não ia

estar frio e era mais barato que Porto de Galinhas. Além do que você ta em outro país, é interessante você conhecer outro lugar. (Elis)

Perguntei se eles já conheciam o sul ou o nordeste antes do casamento e Elis disse que conhecia o nordeste, mas outra cidade e que nenhum dos dois já tinham viajado a Porto de Galinhas.

Elis me disse que lá eles optaram por passeios que contemplavam mais as belezas naturais que históricas da região, então não conheceram Olinda, por exemplo, outro motivo é que ouviram de pessoas do local que lá é uma região muito violenta. Também se hospedaram num hotel perto da rua principal e *“toda noite a gente tava lá, no point” (Elis)*. Elis também contou sobre o serviço do hotel *“é, tem uma série de coisas que a gente ganha por estar em lua-de-mel, é legal”*.

E lá é o seguinte, no primeiro dia nós passeamos em Porto de Galinhas, aí já no segundo dia a gente conheceu as pessoas do hotel e a gente fez amizade com mais dois casais em lua-de-mel. Então a gente alugou um carro pra rodar tudo lá, que aí a gente rachava o carro, era um Doblô e eram três casais, cabia todo mundo. Então a gente foi pra Maragogi, Calhetas, prum monte praia lá e a gente conheceu aquilo tudo lá, fizemos amizades e tudo que a gente fazia era rachado para três casais, então ficou bem mais em conta. (Emanuel)

3.3.6. “Se a gente tivesse ido dois meses antes de casar teria sido a mesma coisa, né amor?”

Conheci a Fátima e o Francisco através do meu namorado, já que Francisco e ele trabalham juntos num escritório de advocacia. A entrevista ocorreu no dia 25 de janeiro de 2008, às 21 horas, na casa deles. Confesso que ao final da entrevista, quando voltei à minha casa, estava intrigada, pois o casal, em seus argumentos e discursos, estava num caminho contrário a tudo que eu havia encarado até agora em minhas entrevistas. Para eles o casamento não foi permeado por desejos, idealizações e nem fruto de um sonho, como ouvira de outros casais, e nem tampouco a viagem de lua-de-mel parecia para eles fruto de muita expectativas. Desse modo quando ouvi frases do tipo “se a gente tivesse ido dois meses antes de

casar teria sido a mesma coisa” proferida por Francisco, confesso que fiquei confusa quanto aos rumos que minha pesquisa tomaria a partir de então. Eu só não imaginava, até o momento, que essa entrevista se constituiria numa das principais para a compreensão do imaginário nas viagens de lua-de-mel, dentro do meu universo pesquisado.

A entrevista foi uma das mais rápidas e eles responderam sucintamente todas as perguntas aparentando uma certa apatia com os assuntos em questão sem alongar muito o assunto, sendo que os dois participaram de todas as respostas. Os dois moram num bairro de classe média da cidade, Boa Vista, bem próximo à avenida central, Rio Branco. Ele é advogado e tem 28 anos de idade e ela professora, 24; ambos possuem curso superior e moram sozinhos na casa.

Eles costumam ficar em casa no tempo de lazer, assistem filmes em DVD, geralmente Francisco aluga filmes de suspense ou drama e Fátima o deixa escolher, pois, como disse, são poucos os filmes que assiste do início ao fim. Saem raramente à noite, optam por fazer pequenas reuniões com amigos dentro de casa, vão muito nas casas dos pais. Quase não vão ao cinema, porém têm o hábito de assistirem televisão.

Cada um tem dois irmãos, entretanto nenhum deles é casado, e os pais de Fátima viajaram em lua-de-mel (*Meu pai viajou. Meu pai foi pra Maceió, mentira foi pro Rio, acho*) e Francisco não sabe se os pais tiveram uma lua-de-mel.

Me disseram que estão juntos há seis anos e se conheceram no carnaval de 2002 em São João Nepomuceno (uma cidade pequena próxima à Juiz de Fora cujo carnaval é famoso), pois ela é irmã de um amigo de Francisco:

É, ela pediu pelo amor de Deus pra ficar comigo...

Ele fala assim porque ta gravando, né?!

Na verdade eu sabia da existência dele através do meu irmão e lá a gente se encontrou. Eu sabia muito quem era assim, tinha o apelido de Palito, aí meu irmão falava: “ah vou na casa do Palito, vou buscar não sei o que com o Palito”, eu até então nunca tinha visto, tinha até um amigo dele que me ligou queria sair comigo e tal, aí a minha vó, eu morava com a minha vó na época, ela disse assim: “é o loirinho?” Eu falei “não é o moreno”, aí ela disse “achei que era o loirinho, o loirinho é lindo, acabou de terminar com a namorada”, aí a minha vó que me aguçou para saber quem era o loirinho, aí eu fiquei sabendo lá em São João que eu perguntei, “quem é o loirinho?”, aí ele me mostrou.

Casaram em novembro de 2006 e antes já eram noivos. Noivaram com dois anos e meio de namoro, só os dois, não houve festa em família apesar de os pais de ambos saberem que iriam noivar.

Tem gente que fica noivo anunciando um casamento, a gente não tinha aquela coisa de vamos ficar noivo, juntar dinheiro e vamos casar, não. A gente ficou noivo até pra fortalecer mais a relação, muito tempo, desgastado, pra ir dando um passo de cada vez. E quando a gente viu que dava, financeiramente, pra gente casar, se tivesse ficado um ano, três anos noiva, eu não tava ligada nesse tempo. Foi assim, o dia que deu a gente marcou. (Fátima)

Aí a gente saiu, mas a gente sabia o que ia acontecer, a gente escolheu a aliança juntos e tal, não era nada assim ohh. O nosso assim foi até mais racional, os dois pensando numa coisa. (Francisco)

Eles casaram na Catedral, na Paróquia de Santo Antônio, em novembro, escolheram o local porque ela queria ou a Catedral ou a Igreja da Glória, mas na segunda opção os pajens não poderiam ser menores de 4 anos e também teriam que enfrentar fila para marcarem a data, portanto, optaram pela Catedral e casaram na data disponível; tiveram uma festa no clube Dom Pedro. Casaram no civil um dia antes:

Casamos no civil um dia antes, minha mãe nem foi no civil, nada... Só foram as duas testemunhas, a minha prima e a irmã dele, mas não teve nada, fui até de roupa de ginástica. (Fátima)

O pessoal depois da gente foi arrumado, teve a maior cerimônia. (Francisco)

Sobre a festa, Fátima me disse que aproveitou do início ao fim, que dançaram a noite inteira e saíram da festa 6 horas da manhã.

Já pensamos em fazer festa, pensamos em não fazer, não sei, a gente não tinha com relação ao casamento aquele negócio sonho de princesa, muito idealizado, a gente sempre foi muito realista, sabe, colocamos no lápis, se a gente não fizer a festa, vamos viajar, mas viajar a gente pode viajar daqui a cinco anos, fazer a festa só vai ser agora, entendeu, aí chegamos nessa conclusão, a grana tava apertada, mas a gente conseguiu fazer o que a gente queria... (Francisco)

É minha mãe ajudou, a mãe dele ajudou, aí a gente fez... Eu nem tenho muito disso, o meu pai tem que pagar, até porque o pai dele assim, não levava fé no casamento e na hora que de fato aconteceu, ele queria chamar fulano, fulano, assim, se fosse botar na lista tinha muito mais convidado dele, do que do meu pai,

minha família é bem menor. Então acaba que, nada mais do que justo que ele ajudasse. (Fátima)

Perguntei a eles se tiveram que optar pela festa ou a viagem e eles disseram que não, quando decidiram se casar, Francisco fez um consórcio no Bancorbrás (no qual por uma mensalidade uma pessoa tem direito a alguns dias de hospedagem em algum dos hotéis conveniados) e então eles pesquisaram qual local seria interessante pensando no custo benefício, como enfatizou Fátima. Assim tiveram em mãos uma lista dos locais conveniados ao Bancorbrás e escolheram Buenos Aires, na Argentina.

Se eu não tivesse feito a festa, ainda assim eu não iria pra Europa, não ia fazer isso. (Francisco)

Porque tinha a casa pra montar, eu não ia dispor disso, 10 mil reais pra viajar pra fora, mesmo se eu não fizesse a festa eu não iria. Nunca pensei em fazer uma mega viagem agora. (Fátima)

Escolheram Buenos Aires porque não tinham vontade de viajar para o nordeste do Brasil (*E nordeste a gente não queria. Não é muito a minha cara e nem a dela.*) e a passagem era mais barata do que viajar para alguns locais dentro do país.

O lugar era legal, era uma viagem internacional, eu nunca tinha saído pra fora do país ela também não. Tava barato, bem barato por sinal. (Francisco)

Eles não viajaram por intermédio de nenhuma agência de turismo, e foi Francisco quem comprou as passagens aéreas e programou toda a viagem por pesquisas via internet:

E eu pesquisei muito, na verdade a gente não foi por agência de viagem, mas eu tinha o roteiro completo que fiz e pesquisei pela internet. Sabia aonde iria se eu quisesse comer legal, tinha o mapa da cidade inteira, a gente foi na cara e na coragem, compramos passagem na Gol e fomos. Sei lá, não era sonho ir pra Buenos Aires, sei lá, era um lugar legal dentro das nossas possibilidades que a gente podia curtir. (Francisco)

Ficaram 10 dias em lua-de-mel e gostaram da viagem, passearam bastante, o hotel era legal, apesar de:

Eu fiquei com o pé machucado, tomei antibiótico 6 dias. Ela também, o sapato machucou, então não aproveitamos assim... (Francisco)

Me contaram que gostaram muito da viagem e que pretendem voltar, até marcaram a viagem porém tiveram que adia-la por enquanto.

O negócio é o seguinte, a gente tava lá, só nós dois, não conhecíamos ninguém, fazíamos as coisas que gostamos de fazer, passeava, andava, fazia compra, mas a lua-de-mel em si não era diferencial, se fossemos casados ou noivos ou namorando, acho que não ia ser a diferença, entendeu? (Francisco)

Perguntei se têm em mente alguma outra viagem que poderiam considerar uma nova lua-de-mel e me disseram que sim, que têm planejado, mas Francisco tem vontade de conhecer a Europa e Fátima os EUA, então concluíram que ainda terão que negociar e um terá que ceder.

Depois que desligamos o gravador, Fátima me mostrou o álbum do casamento e diante das fotos começamos a conversar sobre a maneira como vê o casamento, suas expectativas e como foi a cerimônia e a festa, me disse que de tudo fazia questão de casar na Catedral e de usar um vestido “legal” e confortável, mas o resto não tinha muitos desejos específicos, me contou que o casamento estava marcado para as 20 horas e que faltando 10 minutos o cabeleireiro estava refazendo o penteado que não tinha dado certo e ela não se importou, me disse que “não tinha aquela coisa do tipo: eu quero meu cabelo assim”. Me contou também que o buquê não era o que tinha escolhido, que com relação à festa a única coisa que opinou foi na cor das flores e que gostaria de mesas de vidro. Lembrou a história de uma prima que havia casado há pouco tempo e quando viu que o véu não era como ela desejava chorou bastante e no dia seguinte foi casar “com a cara empapuçada porque o véu não era o que ela queria”, concluindo que ela tinha em mente, antes do casamento, “que nada ia me estressar naquele dia”.

3.3.7. “Não interessava o lugar, interessava o nosso conhecimento maior, a gente ficar juntos”

Foi através de Bárbara, a segunda entrevistada, que cheguei ao sétimo e último casal entrevistado. Gilberto e Glória moram num local afastado do bairro de classe média juizforano São Pedro, numa casa aconchegante, porém simples. A

entrevista ocorreu no dia 28 de janeiro, às 14 horas. Ele tem 43 anos e é funcionário público federal e ela é vendedora e tem 40 anos, juntos têm dois filhos, um garoto de 17 anos e uma menina de 12.

Os dois foram muito gentis e me receberam muito bem, mas nessa entrevista aconteceu algo até então inédito, a mulher (no caso a Glória) falou quase a entrevista inteira, praticamente somente ela. Gilberto entreviu em alguns momentos, prestava atenção no que conversávamos e consentiu com a cabeça algumas vezes, porém quase não se expressou verbalmente.

Outro fator interessante desse casal, que confirmei na hora da transcrição, é a referência a questões financeiras que aparecem em várias frases do diálogo, como *“pelas dificuldades que tinham na época”, “não teve gasto, foi uma coisa bem simples mesmo”, “não tenho aquele trauma de ‘ah eu podia ter tido dinheiro”, “a gente comprou uma granjinha, a gente chama de roça, é coisa pequena, ainda ta construindo, é coisa simples”, “tem gente que fala ‘ah se eu tivesse mais dinheiro”*, todas frases de Glória.

Eles me disseram que gostam muito de sair, ir para bares, saem sozinhos ou com os filhos, ela costuma ver filmes (de comédia ou romance) e ele não porque não tem muita paciência. Entretanto costumam ver um pouco de televisão, em especial programas de esporte.

Glória tem dois irmãos e Gilberto quatro, dos irmãos quatro (dois dela e dois dele) eram casados e se separaram, um é solteiro e o outro continua casado, os irmãos de Glória não viajaram em lua-de-mel, mas os 3 irmãos de Gilberto que casaram sim. Eles não souberam me informar se os pais viajaram em lua-de-mel.

Estão juntos há 25 anos, 6 de namoro e 19 de casamento. Perguntei como tinham se conhecido:

(Risos) nossa a história é grande... ela vai falar muito... (Gilberto)

(Risos) eu conheci ele assim, primo de uma amiga, eu tinha uma amiga que paquerava ele, aí eu arrumei pros dois namorarem, aí os dois namoraram e terminaram, aí depois nós começamos a namorar, isso com 13 anos. Aí com 16 ele trabalhava no quartel, eu namorei uns 8 meses um rapaz que servia o quartel com ele, ele também namorava, aí terminamos pertinho, um dia a gente acabou ficando, ficando, ficando e estamos até hoje.

Me disseram que noivaram com um ano e meio para o casamento, eles noivaram quando Gilberto passou no concurso, então marcaram a data do casamento e começaram a montar a casa.

É, geladeira compramos e ficou dois anos guardada. A gente pensou porque ele já tinha um emprego fixo, dava estabilidade e podia pensar em casamento, aí a gente ficou noivo porque até então não tinha porque, né?! (Glória)

Glória disse que marcou o casamento no mesmo dia em que os pais dela comemorariam as bodas de prata:

Minha mãe ia fazer 25 anos de casada aí eu pensei, vou aproveitar, e fazer uma coisa só. Foi uma cerimônia com duas comemorações. Se Deus quiser daqui a 6 anos será bodas de ouro dos meus pais e bodas de prata nossa. (Glória)

Eles casaram na igreja do Rosário, no bairro Grambery, não casaram na igreja de São Pedro porque era muito pequena. Me contaram que são católicos praticantes, apesar de que não o eram quando se casaram:

Não éramos tão praticantes quando casamos não. Não freqüentávamos muito, só em ocasiões especiais, época de corpus Christi, Natal, Páscoa, tem uns dez anos que a gente ta envolvido mesmo. Eu não ia tanto não, eu meio que misturei, eu freqüentava o espiritismo, aquela coisa, mistura mesmo. Mas graças a Deus, ficar uma coisa só, não adianta, ou uma coisa ou outra. (Glória)

Perguntei se fizeram alguma festa após a cerimônia e disseram que não, apenas *“teve um pessoal que veio, a gente fez um almoço, era o pessoal mais chegado, coisa simples” (Glória)*. Indaguei a eles, se tivessem que escolher entre a festa e a viagem e eles disseram que escolheriam viajar com certeza.

Eles foram para uma cidade chamada Desterro do Melo, próxima à cidade de Barbacena, uma cidade bem pequena, na época nem era asfaltada, ficaram numa casa no centro da cidade:

Até uma casa muito bonita, deu pra curtir, no sentido de que eu não me arrependo nem um cadiquinho, de pensar assim “ah eu podia ir pra outro lugar”, não. Não tenho aquele trauma de “ah eu podia ter tido dinheiro”. A casa enorme comia aquelas comidinhas de roça, não fazia não, a gente comprava lá pertinho. (Glória)

Ficaram cinco dias na cidade e disseram que gostaram muito da lua-de-mel. Perguntei se conheceram a região, se passearam e me disseram que não, que ficaram mais em casa porque estava frio.

Perguntei a eles se pudessem voltar atrás se viajariam para outro lugar:

Não. Nós gostamos, né?! Tem gente que fala “ah se eu tivesse mais dinheiro”, não, nesse sentido foi bem aproveitado. Não interessava o lugar, interessava o nosso conhecimento maior, a gente ficar juntos. (Glória)

Também perguntei se já tiveram algo que consideram uma segunda lua-de-mel:

Sempre, a gente namora até hoje. (Glória)

Com certeza. (Gilberto)

Depois eles me contaram sobre o relacionamento, que tiveram muita dificuldade para se relacionar nos primeiros cinco anos, porque tiveram que aprender a lidar com as diferenças no dia-a-dia. Glória me contou ainda sobre algumas dificuldades do início do casamento, por morar próximo demais à mãe, por ter engravidado com seis meses do casamento e a superação de ambos frente aos problemas.

Terminei a entrevista, tomei um copo d'água e ganhei uma carona na moto de Glória até meu trabalho.

4. LUA-DE-MEL É UMA SÓ? COMPARANDO E ANALISANDO OS DADOS

Pessoas falaram que viagem de lua-de-mel é uma só se você deixar pra viajar, um ano depois, já não é a mesma coisa, quem viaja na lua-de-mel, depois faz as outras viagens, nunca vai ser igual àquela da lua-de-mel... Mesmo que seja pro mesmo lugar.

CASAL 1

Para compreendermos as representações do universo pesquisado, procuramos verificar quais categorias são acionadas pelos casais ao abordarem assuntos relacionados ao casamento e à viagem de lua-de-mel. Estamos preocupados aqui com sistemas de classificação, ou seja, como determinado grupo (no caso os entrevistados) ordena e hierarquiza seu sistema social. Essa ordenação é construída a partir de categorias que se relacionam e se opõem.

Para tanto, precisamos conhecer o contexto no qual se insere os pesquisados. O nosso universo de pesquisa situa-se na cidade de Juiz de Fora, sendo que todos os casais entrevistados pertencem à classe média, percebida através do local de residência (moram em bairros considerados de classe média ou classe média alta na cidade) e de suas profissões. Todos os casais casaram em Juiz de Fora, sendo que varia entre 1 à 23 anos de casamento. Todos os casais tiveram uma viagem que consideram uma lua-de-mel. Outrossim, cabe acrescentar que existem diferenças consideráveis entre os discursos e pontos de vista dos casais. Apesar de pertencerem a uma mesma sociedade e a cultura da classe média juizforana, pertencem a subculturas diferentes. As distinções serão consideradas e ressaltadas, mas nos atentaremos também aos pontos de convergência, pois acreditamos serem eles importantes para a compreensão do imaginário, que é social.

O presente capítulo pretende analisar os dados obtidos nas entrevistas pelos 7 casais. Assim, iniciaremos apresentando alguns dados relevantes para posterior análise.

No roteiro das entrevistas, quatro itens foram utilizados a fim de compreendermos, no tempo limitado de uma entrevista, como se dá a (re) construção dos imaginários. Estes itens trabalhados foram: lazer, família, casamento e lua-de-mel¹⁹, e são apresentados agora, separadamente, sendo que posteriormente realizaremos a análise dos discursos, entrelaçando suas histórias. Para apresentar estes itens utilizaremos a metodologia de Velho (1978) no livro “A Utopia Urbana” no qual analisa as entrevistas realizadas com moradores do bairro de Copacabana com o objetivo de compreender as visões e expectativas destes sobre o bairro da zona sul carioca.

Para ordenar a análise das 251 entrevistas que realizou junto aos moradores de Copacabana e outros bairros do Rio de Janeiro, Velho teve a preocupação de constatar quais as categorias apareciam com maior frequência e as chamou de “unidades mínimas ideológicas²⁰” que foram representadas por uma frase típica para situá-las. Nosso caso, ainda que o número de entrevistas seja representativamente menor²¹, seguirá a mesma linha de exposição dos dados, porém como o que estamos interessados aqui é o imaginário chamaremos nossas categorias de “unidades mínimas do imaginário” que serão representadas com algumas frases ilustrativas do que pretendemos demonstrar.

¹⁹ Nenhuma pergunta sobre imaginário foi feita diretamente, pois acreditamos que este se encontra nas entrelinhas. Se o imaginário é a aura perceptível, porém não mensurável como assinalamos acreditar no primeiro capítulo, então podemos perceber e interpretar os imaginários revestindo todos os discursos em todas as categorias mencionadas. Desse modo o imaginário será analisado permeando e entrelaçando cada uma dessas quatro categorias.

²⁰ Por acreditar que, ao verificar o fato de morarem em Copacabana e o porquê de terem optado por ir ou ficar neste bairro, o que está em questão é o problema da mobilidade social, já que se refere à prestígio e status dentro de uma sociedade e um estrato social determinados. Assim, o autor fala em ideologia, pois acredita que o que está em jogo são as idéias que esses indivíduos têm a respeito da “distribuição do poder dentro da sociedade” (VELHO, 1978, p. 66).

²¹ Nesse caso a quantidade é substituída pela intensidade e imersão nas entrevistas, estamos preocupados, portanto, com a interpretação dos discursos e a qualidade das relações em jogo.

4.1. Lazer

Iniciei as entrevistas perguntando aos casais o que costumavam fazer no tempo de lazer. Havia várias intenções em principiar nossas conversas desse modo, primeiro porque gostaria de começar perguntando sobre atualidades, momentos do cotidiano do casal, para que eles entendessem um pouco o tom da entrevista e ficassem mais à vontade quando perguntasse sobre histórias mais íntimas deles. Além, entender o que o casal compreende como lazer e como eles vivem esse tempo livre é importante para minha pesquisa já que a lua-de-mel foi vivida, em princípio, num momento de lazer. Também era interessante verificar qual era a prioridade dos casais na hora de escolher o que fazer em seu tempo de lazer. Provavelmente suas escolhas poderiam me dar algumas pistas de como o imaginário da viagem de lua-de-mel é construído nesse grupo de pessoas.

As categorias mais citadas e suas respectivas frases típicas (ou ilustrativas) são apresentadas a seguir:

<i>Unidades Mínimas do Imaginário</i>	<i>Frases Ilustrativas</i>
“Sair: ir a bares, restaurantes”	<p>“Esse último mês a gente quase não saiu, mas a gente gosta de sair, ir pra barzinho pra caramba” (casal 1).</p> <p>“A gente sai bastante, vai pra barzinho, sai pra jantar” (casal 2).</p> <p>“Quase todo final de semana é certo da gente sair, confraternização com amigos, barzinho” (casal 3).</p> <p>“De vez em quando a gente vai a um restaurante, lanchonete, teatro, que mais... cinema tem mais de um ano que a gente não vai” (casal 4).</p> <p>“A gente não é muito de sair pra balada não. A gente até sai bastante, mas é ou pra um restaurante à noite ou pizzaria” (casal 5).</p> <p>“Muito raro sair à noite assim, às vezes encontra, mas é dentro de casa mesmo, mas é uma reuniãozinha aqui, mais tranquilo mesmo...” (casal 6).</p>

“A gente sai muito, né?! Sozinho, com os filhos, a gente vai pra barzinho. Sempre que possível, a gente dá uma saidinha” (casal 7).

“Assistir televisão”

“A gente vê tv o tempo todo” (casal 1).

“É... Até com o negócio da tv a cabo, eu tenho tv completa, então passa muito filme, eu acabo alugando pouco DVD” (casal 2).

“Televisão? Mais noticiário ou quando tem algum filme bom. Mas eu acho também que rouba um pouquinho a cena da televisão é o computador, né?! A internet. A gente acaba ficando muito mais na internet” (casal 3).

“Eu gosto muito de tv nesse sentido de desligar. A gente não tem muito tempo, mas o tempo que a gente tem, quando dá, a gente assiste alguma coisa. Às vezes deixa a televisão ligada e fica lá...” (casal 4).

“Porque eu saio 8 horas e volto 8 horas, então o tempo que eu to em casa, eu tô com a tv ligada. A gente chega em casa, lancha, toma banho e deita pra assistir tv, sabe assim?” (casal 5).

“Assistir a filmes, ir ao cinema”

“Depois que a gente casou a gente aluga muito filme pra ver em casa” (casal 4).

“A gente tem mais ficado em casa vendo filme” (casal 5).

“Ficar em casa. Ver filme, eu pelo menos gosto muito” (casal 6).

“Viajar”

“A gente viaja bastante” (casal 2).

“A gente gosta muito de viajar, principalmente com amigos, mas sozinho também” (casal 3).

“Agora, se não for de final de semana assim a gente tem costumado a viajar bem, né amor? Eu tenho um dinheiro é pra viagem, não quero investir em casa, não quero nada, quero viajar” (casal 4).

Outros programas de lazer foram citados, ainda que em menor ocorrência como ir ao clube, jogar buraco, jogar xadrez, internet, leitura, voar com aeromodelitos, reunião na casa de amigos. Todas as respostas, quando indagados sobre o que costumam fazer no tempo de lazer deles, foram condizentes com o que acreditamos ser o lazer, ou seja, um “tempo orientado para a realização da pessoa com fim último” (DUMAZEDIER, 1999, p. 91), tempo esse no qual o indivíduo está livre de obrigações, sejam elas de trabalho, espirituais ou políticas. Essa visão pode ser comprovada na fala de Diana:

Os nossos amigos também, a gente recebe em casa, toda sexta-feira, tem uma reunião que é vinculada à igreja, mas são amigos que vem e tem sempre um lanchinho no final, então acaba se tornando um momento de lazer, por mais que seja um compromisso (casal 4).

Para os casais entrevistados os momentos de lazer estão geralmente ligados à diversão e ao descanso. A categoria mais recorrente quando perguntados sobre o tempo de lazer foi “sair/ir”, se opondo a outra categoria, “ficar”, que pôde ser visualizada quando citaram o fato de ficarem em casa vendo televisão ou assistindo algum filme.

Uma categoria que apareceu na maioria das entrevistas foi o hábito de viajar, sendo que um casal prioriza esse costume (“*eu tenho um dinheiro é pra viagem, casal 4*”). O fato dos casais gostarem de viajar pode nos auxiliar a pensar pelo fato de terem optado pela lua-de-mel, que como vimos se caracteriza também por ser uma viagem de turismo; mas esse fato pode nos dar algumas pistas, mas não dão conta do imaginário da lua-de-mel, e o mesmo casal que enfatizou a importância de viajar também disse na entrevista que: “*pra mim era mais importante a festa do que a viagem, porque sempre pensei que a festa não poderia dar em outro momento*” (casal 4).

Outra categoria bastante citada e que é importante para pensarmos na construção de imaginários são os filmes. Ainda que todos os casais tenham alegado que não têm costume de ir ao cinema (uns porque acham muito caro, outros porque acham mais cômodo assistir em casa), todos afirmaram gostar de ver filmes e a maioria disse ter o hábito ver sempre, apenas duas pessoas disseram, uma que não tem paciência para ver filmes e outra que sempre dorme quando os assiste “*são poucos que eu assisti do início ao fim*” (casal 6).

O filme (em DVD ou no cinema), a televisão (que foi citada por todos os casais), a internet, o teatro são considerados, por Silva (2006), como tecnologias do imaginário. Essas tecnologias são, para Silva, dispositivos de intervenção e construção dos imaginários, pois estabelecem o “laço social” (Maffesoli) que serve de cimento à vida em sociedade,

As tecnologias do imaginário são, portanto, dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida. Mas não são imposições (SILVA, 2006, p. 22).

Assim, essas tecnologias não seriam veículos de manipulação que apresentam uma imagem “enlatada” a um espectador passivo, incapaz de argumentar e interagir com o que lhe é apresentado.

Compartilhamos do ponto de vista de Maffesoli (2001), no qual o imaginário é alimentado por técnicas que auxiliam na sua (re)construção. Assim, o cinema e a publicidade como exemplos, nos mostram que imaginários não são forjados para um espectador passivo, mas o criador interpreta o que circula na sociedade para representá-los através de veículos midiáticos. Assim sociedade e mídia se alimentam mutuamente, ressignificando e reconstruindo realidades. Não há manipulação.

O conceito de tecnologias do imaginário pretende, ao mesmo tempo, superar o reducionismo da noção de indústria cultural e engloba-la, permanecendo parte dela, mas enfatizando a margem, o ruído, em relação à manipulação, assim como a “adesão” em oposição à imposição. Somos o que a técnica faz de nós e também o que fazemos dela. Somos objetos e sujeitos numa relação dialógica de sujeição/emancipação. Também manipulamos os nossos manipuladores. Os dados nunca estão lançados (SILVA, 2006. p. 99).

Assim, para Silva, essas técnicas do imaginário não se tratam de persuasão nem manipulação, mas de sedução. A manipulação pressupõe a passividade do destinatário, “funciona a partir da convicção de que o outro não possui filtros perceptivos suficientes para impor suas próprias convicções contra o assalto da sua mente” (SILVA, 2006, p. 26). Já a sedução implica a adesão do destinatário e “necessita sempre de um interlocutor real, capaz, idealmente, de recusar-se ao jogo” (SILVA, 2006, p. 27). Desse modo o referido autor conclui que a manipulação utiliza

a razão como arma e a sedução desliga-se da razão para investir na interação lúdico/emocional.

Já que as tecnologias do imaginário utilizam a emoção e a afetividade, podemos encontrar uma sintonia com os temas que estamos estudando aqui como o casamento, o amor, o romantismo, a família, a lua-de-mel. Todos esses temas são amplamente demonstrados nas tecnologias de imaginário que os entrevistados citaram como os filmes, a televisão, o teatro e até a internet. Um dos fatos mais divulgado nesses veículos são os finais felizes, onde os casais românticos “feitos um para o outro” vivem “felizes para sempre”. Acreditamos, pois, que principalmente no nosso universo pesquisado, os filmes e a televisão tem uma grande influência na construção de imaginários.

Houve algumas semelhanças entre os gêneros de filmes escolhidos entre os casais, sendo que há uma tendência do homem a gostar mais de filmes de suspense e ação e da mulher de filmes românticos. Quando há uma exceção ela é ressaltada como diferente do comum:

Eu gosto de ver filme que tem tiro, de guerra, só não gosto de ver filme de terror (Antônio, casal 1).

Eu gosto de assistir de ação e de comédia (Emanuel, casal 5).

Ah, eu gosto de filme romântico... (Elis, casal 5).

Ele pega muito drama e suspense, né Francisco? (Fátima, casal 6).

A gente tenta alugar comédia, só que comédia hoje tá muito fraco, então a gente assiste policial, ação, suspense, filme nacional, filme que tem uma trama, um segredo, eu gosto muito (Carlos, casal 3).

Romance ou então comédia (Geni, casal 7).

Suspense (Diana, casal 4).

Ultimamente eu tenho gostado muito de filmes que tenham uma história bíblica, mas eu gosto muito de comédia romântica, assim eu acho que sou a mulher da relação (Daniel, casal 4).

Assim, entendendo a relação entre as imagens e o imaginário, já que o imaginário é um conjunto de imagens que se fundem e se dinamizam - apesar de não se tratar apenas da tradução reprodutora de imagens, pois está permeado pelo caráter afetivo que o compõe - podemos compreender que as tecnologias supramencionadas, que agregam imagens, são importantes na (re)construção de

imaginários. Em seguida veremos outra categoria e tentaremos pensar se ela também auxilia na formação de imaginários.

4.2. Família

A família foi citada em alguns momentos ao longo das entrevistas, ou seja, em algumas ocasiões, citavam o irmão ou irmã, a mãe, o pai, o sogro, a sogra, filhos e avó. Houve um momento que perguntei aos entrevistados se tinham irmãos, se eram casados e se tinham viajado em lua-de-mel; também perguntei se sabiam se os pais deles tinham tido uma lua-de-mel. O objetivo central dessa pergunta era saber se havia uma ligação ao fato da família ter viajado em lua-de-mel, como uma tradição. Junto com a pergunta vieram respostas interessantes sobre as impressões que os casais tinham das viagens dos irmãos, cunhados, pais ou sogros.

Dos sete casais entrevistados apenas três têm filhos, os dois casais casados há mais tempo têm um casal cada e também o primeiro casal, onde a mulher (Alice) tem um filho de outro relacionamento amoroso.

Algumas categorias recorrentes foram ressaltadas:

<i>Unidades Mínimas do Imaginário</i>	<i>Frases Ilustrativas</i>
“Irmãos”	<p>“Minha irmã foi pro Chile e pra Argentina. Eles queriam ir a um lugar que nenhum dos dois tivessem ido. Eles ficaram procurando lugares que nenhum dos dois tivessem ido ainda” (casal 1).</p> <p>“A minha irmã foi pra Trindade e não gostou da experiência porque ela foi pra uma praia e só choveu” (casal 1).</p> <p>“Não. Ele casou só no civil, na época ele tava viajando, ele e a esposa dele depois fizeram uma viagem, perde até um pouco o caráter de lua-de-mel, mas fizeram uma viagem depois que valeu” (casal 3).</p> <p>“A minha irmã mais velha foi pra Serras Gaúchas. Eles amaram, era inverno. Um dos motivos, que me animou,</p>

pelo menos a mim, da gente ter ido foram as histórias que os dois contaram da viagem” (casal 4).

“O irmão dela é juntado. Minha irmã? Não teve lua-de-mel não... Viajou assim prum municípiozinho aqui, prum hotel fazenda aqui perto” (casal 5).

“Pro meu lado não, mas os dele os três viajaram” (casal 7).

“Pais”

“Meus pais foram pra Foz do Iguaçu. E os meus pro Rio” (casal 1).

“Esses dias minha filha tava conversando com eles sobre as Bodas de Ouro, aí falou negócio da lua-de-mel, eles falaram que foram pra Barbacena, depois foi pra Belo Horizonte, é, viajaram, ficaram num hotel lá” (casal 2).

“Minha mãe eu não sei não, nunca perguntei. Meu pai morreu quando eu tinha 4 anos, então eu não sei se teve lua-de-mel não” (casal 2).

“Os meus não viajaram, acho que por causa de grana. Eu perguntei uma vez pra minha mãe, um tempão antes de ficar com ele, aí ela falou que eles iam pra Campos de Jordão, mas não deu pra ir e acho que eles nem tiveram” (casal 3).

“Meus pais foram pro sul de minas e Campos do Jordão” (casal 4).

“A minha mãe eu me lembro que falou alguma coisa sobre o hotel e a cidade, mas eu não me lembro. Mas viajou com certeza. Eu sei que ela teve que voltar antes porque teve um problema com minha avó paterna – elas nunca se deram muito bem, aí ficou um clima meio pesado” (casal 4).

“Meu pai viajou, na época meu pai morava no Rio, eu acho que eles foram pra São Lourenço ou Caxambu” (casal 5).

“Meus pais não” (casal 5).

“Meu pai viajou. Meu pai foi pra Maceió, mentira foi pro Rio, acho” (casal 6).

“Meu pai, sinceramente, eu não sei” (casal 6).

“Sabe que eu nunca tive a curiosidade de perguntar... Mas eu acredito que diante das circunstâncias não, pelas dificuldades que tinham na época, antigamente era tudo mais difícil, acredito que não” (casal 7).

“Meu também eu não sei” (casal 7).

Tentar compreender se há alguma relação entre os entrevistados e suas famílias, no que concerne às atitudes de casamento e lua-de-mel, pode nos auxiliar a pensarmos no imaginário da lua-de-mel. Mas temos que ter em mente que não há uma família, há diferenças relacionadas à classe social, a grupos de status, a tradições, dentre outros. Neste sentido a teoria que trabalhamos nos dois primeiros capítulos pode nos auxiliar a dar conta dessa relação.

Ainda que existam diferentes configurações de família em Juiz de Fora e no Brasil, devemos levar em consideração que o modelo de família que ainda permanece aqui é aquele que reproduz algumas características que compõem a família patriarcal. Esse modelo pode ser observado em algumas falas dos entrevistados:

E eu tenho certeza que se meu pai estivesse vivo ele arcaria com tudo do jeito que eu quisesse (Alice, casal 1).

O casamento da minha irmã foi, foi literalmente assim: o pai do noivo montou a casa e o pai da noiva fez o casamento (Antônio, casal1).

Aí, eu não sabia essa questão: a gente ia pagar, não ia, não sei quê, família da noiva, família do noivo. Aí meu pai falou que tinha uma certa quantia pra ter um bolo com guaraná, e eu queria ter um bolo pra pelo menos fazer uma foto, porque eu acho tão estranho você casar, ir embora da porta da igreja e dar tchau (Clarisse, casal 3).

É minha mãe ajudou, a mãe dele ajudou, aí a gente fez... Eu nem tenho muito disso, o meu pai tem que pagar, até porque o pai dele assim, não levava fé no casamento e na hora que de fato aconteceu, ele queria chamar fulano, fulano, assim, se fosse botar na lista tinha muito mais convidado dele, do que do meu pai, minha família é bem menor. Então acaba que, nada mais do que justo que ele ajudasse (Fátima, casal 6).

Não foi perguntado diretamente aos entrevistados se o pai da noiva foi o responsável financeiro pelo casamento, mas esse assunto surgiu nessas três entrevistas, ressaltando o fato presente no imaginário desses casais que permanece uma tradição, na qual o pai da noiva arca com os custos do casamento e da festa.

Numa sociedade como a brasileira, cuja hierarquia exerce um papel importante, as representações sobre família são fundamentais para a construção de uma visão de mundo de um indivíduo, mesmo quando ele pretende renunciar ou romper com essa visão, como nos lembra Velho (1981). Assim, podemos entender que a família - suas opiniões e valores - é um elemento importante no sistema de classificação dos entrevistados. Acreditando nisso podemos crer que o fato dos pais ou irmãos terem casado e viajado em lua-de-mel teve alguma influência na construção do imaginário dos casais. Tiveram influência também as impressões que alguns da família deixaram sobre a viagem e foram ressaltadas como nestas falas:

A minha irmã foi pra Trindade e não gostou da experiência porque ela foi pra uma praia e só choveu (casal 1).

A minha irmã mais velha foi pra Serras Gaúchas. Eles amaram, era inverno. Um dos motivos, que me animou, pelo menos a mim, da gente ter ido foram as histórias que os dois contaram da viagem (casal 4).

Outra fala que não se refere especificamente sobre como foi a lua-de-mel, mas no processo de escolha do local:

Minha irmã foi pro Chile e pra Argentina. Eles queriam ir a um lugar que nenhum dos dois tivessem ido. Eles ficaram procurando lugares que nenhum dos dois tivessem ido ainda (casal 1).

O casal 1 destacou bem a importância de viajar em lua-de-mel para um lugar onde nenhum dos dois conhecesse ainda.

Finalmente, nos discursos apresentados, podemos visualizar como alguns casais enxergam a lua-de-mel. Em dois momentos falaram que não consideraram lua-de-mel a viagem dos irmãos, um porque o irmão não viajou em seguida do casamento e outro porque foi para uma cidade pequena:

Não. Ele casou só no civil, na época ele tava viajando, ele e a esposa dele depois fizeram uma viagem, perde até um pouco o caráter de lua-de-mel, mas fizeram uma viagem depois que valeu (casal 3).

Minha irmã? Não teve lua-de-mel não... Viajou assim prum municípiozinho aqui, prum hotel fazenda aqui perto (casal 5).

Nessas duas falas podemos perceber os elementos que contribuem para a imagem desses casais em questão sobre a lua-de-mel, na oposição simbólica: “viagem que vale” e “viagem que não vale como uma lua-de-mel”, os sentidos e significados que são colocados aqui, variam de um casal para o outro. Por exemplo, a viagem que acontece depois de um tempo do casamento “perde um pouco o caráter de lua-de-mel”, diferente de outro casal que afirmou: *uma viagem super legal talvez eu pudesse fazer em outro momento e talvez fosse muito melhor do que a lua-de-mel em si (casal 4)*. Outro exemplo, o casal afirma que a irmã não teve lua-de-mel porque viajou “prum municípiuzinho”, “prum hotel fazenda”; mais uma vez há diferença, agora no discurso de dois casais (os casados há mais tempo, 2 e 7) que frisaram bem que a lua-de-mel não importava o lugar, mas o fato de estarem juntos e sozinhos, o casal 7, quando perguntei para onde tinham viajado em lua-de-mel, a primeira coisa que falaram: *nós fomos pra roça*.

Além disso, a família é vista como um valor em nossa cultura. É por isso que Da Matta (1987) lembra que o termo família assume outras conotações na cultura brasileira, como um qualificativo positivo, visto no caso da expressão “ter um nome de família”. A questão do nome, da esposa assumir o sobrenome do marido após o casamento também apresentou controvérsia entre os casais, alguns consideravam desnecessário, como Diana do casal 4:

Homem é machista, acha que tem que por o nome (Diana).

Foi uma bobeira, mas eu falava pra ela: “Di quando eu era pequeno, via o pessoal assinar o cheque como minha mãe, eu achava lindo colocar o sobrenome do meu pai”, tipo aquela ali é esposa do fulano de tal (Daniel).

Ou seja, o nome demonstra socialmente que há uma família, somente com uma assinatura, já sabem que ela é “esposa do fulano de tal”, uma assinatura carregada de símbolos. Outro casal confirmou esse ato simbólico, o casal 1:

Teve uma no hotel também que a gente vai preencher uma ficha no hotel, dependendo do nível do lugar – um hotel simples até que não – mas dependendo do nível do lugar, pensa assim: tá entrando deve ser uma amante, assim o cara tá viajando levou a amante e tá deixando a mulher em casa, umas coisas dessas (Antônio).

Por esse motivo a vontade dele que eu use o sobrenome (Alice).

Velho (1981) nos auxilia a pensar especificamente o caso da família de camada média urbana, que é o perfil dos entrevistados, cuja configuração se refere

ao projeto individualizante de família nuclear, onde a ênfase é no consumo e no sucesso material, “é quando insistentemente se enfatiza e se constrói o modelo de família que compra, investe, viaja, etc” (VELHO, 1981, p. 70). Exemplo claro dessa característica da família urbana de camada média é a fala do casal 4, que destaca a viagem como um investimento: *eu acho que a gente tem viajado legal, a Diana acha que a gente devia viajar 3 vezes por mês, mas viajar é muito bom, não sabia que era tão bacana. Hoje é um investimento.*

As relações com a família refletem a maneira como os casais pensam sobre seu próprio casamento, onde uma nova família nuclear foi constituída. Também por compreendermos o imaginário como social, ou seja, possui uma lógica própria que é compartilhada pela coletividade; e também como cultural, é fruto da cultura na qual está inserido, podemos inferir que as influências da família e suas representações sobre casamento auxiliaram a construir (ou destruir como vimos ser possível) o imaginário dos casais sobre a instituição do casamento e seus simbolismos.

4.3. Casamento

Antes de entrar especificamente no assunto da cerimônia do casamento, foi perguntado aos casais quanto tempo estavam juntos e como tinham se conhecido. Apesar de cada casal ter uma história particular sobre o início do relacionamento, esse tema auxiliava a pensar um pouco mais sobre os arranjos afetivos e as configurações dos casais. Não houve aproximações nessa questão, cada casal tem sua história que é única, apesar de que três dos casais se conheceram através de amigos, dois em festas (um no DCE²², outro no carnaval), outro casal pela internet, e o último pela igreja que freqüentavam.

Os próprios arranjos dos casais não são homogêneos, há casal que já morava junto antes de casar no religioso e no civil, uns que namoraram muitos anos antes de casar, outros com meses resolveram casar. Há diferenças entre religiões, uns muito religiosos, outros ateus, ou seja, cada casal apresentou uma história distinta.

²² No caso, na sede do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da UFJF, espaço no qual cursos e faculdades realizam diferentes festas, geralmente para comissões de formatura.

Posteriormente perguntei sobre o casamento, se tinham casado no civil e no religioso, o porquê da data escolhida, se tinham tido festa, e essas perguntas revelaram categorias interessantes apresentadas agora:

<i>Unidades Mínimas do Imaginário</i>	<i>Frases Ilustrativas</i>
<p>“Tempo de relacionamento”</p>	<p>“Oito meses” (casal 1).</p> <p>“Você lembra Bernardo? Lembra que ontem fez 26 anos?” (casal 2).</p> <p>“Total? Cinco anos e meio” (casal 3).</p> <p>“A gente começou dia primeiro de janeiro de 2002, vai fazer seis anos que a gente tá junto” (casal 4).</p> <p>“A gente namora há sete anos, namoramos sete anos e temos oito meses de casado” (casal 5).</p> <p>“Seis anos” (casal 6).</p> <p>“De namoro foram seis anos e de casado vai fazer 19 anos em novembro” (casal 7).</p>
<p>“Noivado”</p>	<p>“A gente não decidiu noivar não, a gente decidiu casar. O noivado é uma consequência, assim, uma formalidade” (casal 1).</p> <p>“Noivamos, foi um noivado simbólico, porque há 24 anos atrás, hoje não tem esse negócio de noivado, né?! Nós ficamos noivos uns seis meses antes de casar, só pra oficializar” (casal 2).</p> <p>“Aí nós noivamos com 4 anos, não 3, aí com 4 anos e meio de namoro nós casamos, que a gente tem um ano de casado agora” (casal 3).</p> <p>“A gente ficou três anos e pouquinho namorando. Porque assim, eu tava pensando em fazer alguma coisa diferente pra que a gente pudesse ficar noivos. Só que tudo que eu pensava em fazer ela pensava que era naquele dia” (casal 4).</p>

“Eu sempre achei que o noivado é uma coisa mais casual, mais pessoal. Eu não queria, tanto é que não teve jantar, almoço, aquela coisa combinada não, foi surpresa, a gente tava voltando da festa de formatura, a gente brigou na formatura inteira...” (casal 4).

“Essa questão de ficar noivos a gente até ia ficar, porque a gente tinha comprado a aliança tinha um tempão, então a gente até andava de aliança, mas não ficava noivo, porque assim eu não gosto desse tipo de ritual, de ficar noivo essas coisas, eu não dava muito importância pra isso e ele também não, então era besteira a gente ficar noivos, a gente tinha sete anos de namoro e ficar noivos, acho que não tinha necessidade daquilo” (casal 5).

“Tem gente que fica noivo anunciando um casamento, a gente não tinha aquela coisa de vamos ficar noivo, juntar dinheiro e vamos casar, não. A gente ficou noivo até pra fortalecer mais a relação, muito tempo, desgastado, pra ir dando um passo de cada vez. E quando a gente viu que dava, financeiramente, pra gente casar, se tivesse ficado um ano, três anos noiva, eu não tava ligada nesse tempo. Foi assim, o dia que deu a gente marcou” (casal 6).

“A gente pensava pra noivar pra gente casar, ia ficar noivo por ficar?” (casal 7).

“Casamento civil”

“O civil eu acho mais importante, no civil é mais isso é formalizar, não ficar aquela coisa assim ah, a gente com quarenta anos vivendo juntos e que que nós somos? Somos nada...” (casal 1).

“Aí a gente casou no civil e depois teve a cerimônia religiosa” (casal 3).

“Casamos no civil um dia antes, minha mãe nem foi no civil, nada... Só foram as duas testemunhas, a minha prima e a irmã dele, mas não teve nada, fui até de roupa de ginástica” (casal 6).

“Casamento religioso”

“A idéia era casar no civil e fazer uma cerimônia na minha religião, que é a Umbanda, e em fevereiro já marcamos na Igreja Católica, dia 16 de fevereiro” (casal 1).

“Casamos. Civil dia 24 e religioso dia 27 de dezembro de 84. A igreja era do lado da casa dela, ela quase que saiu andando” (casal 2).

“Foi um casamento tradicional, 14 de outubro. Eu queria casar na Igreja São Sebastião, e lá tem um dia do ano pra marcar os casamentos todos do ano seguinte. Tem que ir cedo, tem gente que vai e dorme, igual na Igreja da Glória” (casal 3).

“O casamento em si, por nós sermos religiosos, era muito importante, não uma solenidade simplesmente para cumprir um ritual de passagem, mas uma cerimônia mesmo de consagração do nosso casamento à Deus, então a gente teve orando, nós mesmos, pegamos o microfone oramos pela nossa união, as músicas que foram cantadas, são músicas que fazem parte da nossa vida, pedindo a benção de Deus sobre o nosso casamento” (casal 4).

“É, foi contra a vontade dele, foi uma vontade minha de casar na igreja. Ele não fazia questão de casar em nenhuma igreja. Eu até propus pra gente casar no sítio, uma coisa assim, mas também ele não queria, ele queria a festa... A proposta dele era a gente casar no civil, não chamar ninguém e aí fazia um jantar lá no sítio. Eu propus de casar no sítio, mas daí ficava muito difícil também” (casal 5).

“Minha mãe ia fazer 25 anos de casada aí eu pensei, vou aproveitar, e fazer uma coisa só. Foi uma cerimônia com duas comemorações. Se Deus quiser daqui a 6 anos será bodas de ouro dos meus pais e bodas de prata nossa” (casal 7).

“Festa”

“A gente não vai ter festa, ah, casar é muito caro, a gente chegou a essa conclusão agora, é muito caro. Não tem como você entrar na igreja sem música, não tem como você casar na igreja sem flor, não tem como você não distribuir um bem-casado na igreja, entendeu, não tem como você ir com qualquer vestido. Então existem condutas pré-estipuladas e que são muito caras” (casal 1).

“Então fizemos aqui, só que eu não tinha muito como acomodar pessoas, o apartamento era pequeno, eu morava na pensão, então a gente fez um almoço, mas

coisa simples, agora festa assim não” (casal 2).

“Tivemos, a nossa festa foi bem restrita, na verdade eu não queria festança, gastar muito... vi pro público que eu queria atingir não era tão caro e aí a gente resolveu fazer num salão de festas, foi um público seletto mesmo, mais família, amigos íntimos, aí fizemos e depois fomos pra lua-de-mel” (casal 3).

“Foi uma festa dos sonhos pra gente, mas a gente gastou uma grana... Eu queria muito a festa que eu não teria outra oportunidade de ter” (casal 4).

“Pra mim foi muito assim um cuidado de Deus com um sonho que a Diana tinha, a festa foi muito linda e foi muita gente” (casal 4).

“A gente fez uma festinha, íntima, não foi para todos os convidados, a gente convidou só os íntimos e mesmo assim a gente fez uma festa só pros parentes” (casal 5).

“Aí a festa foi lá no Dom Pedro, eu posso dizer que eu aproveitei do início ao fim da festa, optei por não ir de mesa em mesa cumprimentando, avisei quando cheguei ao salão, agradei a presença de todos. Aí desci ali na pista e dali eu não saí mais, do início ao fim e ele idem” (casal 6).

“Teve um pessoal que veio, a gente fez um almoço, era o pessoal mais chegado, coisa simples” (casal 7).

O casamento na camada média urbana se caracteriza como sendo uma escolha recíproca, baseada em critérios afetivos, sexuais e na noção de amor. Sendo assim, o casal moderno estrutura-se na crença do sentimento amoroso, no amor romântico.

Ainda que se baseie na escolha recíproca, Velho (2006) lembra bem a importância da opinião das famílias de origem na efetivação do matrimônio, vista na expressão “fazer gosto”. Geralmente a opinião por parte da família exerce alguma influência nas decisões sobre o casamento e podemos visualizar essa afirmação na frase de Fátima, do casal 6: *até os meus pais gostavam mais da idéia que os pais dele, os pais dele achavam que era mais fogo de palha, meus pais levaram mais a sério*, e em outro momento: *até porque o pai dele assim, não levava fé no*

casamento até na hora que de fato aconteceu. Essa afirmação corrobora o que expomos no subitem anterior, quando discutimos a importância das representações da família sobre o indivíduo.

Uma categoria que revelou diferentes significados foi o noivado. Cada casal imprimiu um sentido para o ato de ficar noivo. Dos sete casais entrevistados apenas um disse não ter “ficado noivo”, apesar de usar a aliança antes do casamento:

A gente até andava de aliança, mas não ficava noivo, porque assim eu não gosto desse tipo de ritual, de ficar noivo essas coisas, eu não dava muito importância pra isso e ele também não, então era besteira a gente ficar noivos, a gente tinha sete anos de namoro e ficar noivos, acho que não tinha necessidade daquilo (casal 5).

O mais interessante para visualizarmos aqui é que o casal usava a aliança, mas não se consideravam noivos, provavelmente porque, para eles, o noivado exigia algum ritual compartilhado socialmente. Diferente dos casais 4 e 6:

Eu sempre achei que o noivado é uma coisa mais casal, mais pessoal. Eu não queria, tanto é que não teve jantar, almoço, aquela coisa combinada não, foi surpresa (casal 4).

A gente saiu, mas a gente sabia o que ia acontecer, a gente escolheu a aliança juntos e tal, não era nada assim ohh. O nosso assim foi até mais racional, os dois pensando numa coisa (casal 6).

Além disso, a representação do noivado varia entre os casais, para uns é simbólico, para anunciar o casamento:

A gente não decidiu noivar não, a gente decidiu casar. O noivado é uma consequência, assim, uma formalidade (casal 1).

Noivamos, foi um noivado simbólico, porque há 24 anos atrás, hoje não tem esse negócio de noivado, né?! Nós ficamos noivos uns seis meses antes de casar, só pra oficializar (casal 2).

A gente pensava pra noivar pra gente casar, ia ficar noivo por ficar? (casal 7).

Para outro casal o noivado não tinha relação direta com o casamento, aconteceu para fortalecer os laços de afetividade da relação:

Tem gente que fica noivo anunciando um casamento, a gente não tinha aquela coisa de vamos ficar noivo, juntar dinheiro e vamos casar, não. A gente ficou noivo até pra fortalecer mais a relação, muito tempo, desgastado, pra ir dando um passo de cada vez (casal 6).

Apesar das diferentes significações sobre o noivado para os casais, esse é revelado sempre como um tempo intermediário entre o namoro e o casamento. Alguns casais noivaram por formalidade, para anunciar o casamento, outros para fortalecer a relação, nesse caso então o namoro é visto como uma relação “mais frágil” do que o noivado. Quando perguntados sobre o tempo de relacionamento, as respostas também variaram qualitativamente, alguns citaram o tempo de namoro mais o de casamento, outros apenas o que tinham de casados.

Sobre a cerimônia do casamento, em especial o religioso, vemos a ênfase de ser um evento social, nos quais códigos simbólicos são compartilhados socialmente, como na frase de Alice, casal 1:

Não tem como você entrar na igreja sem música, não tem como você casar na igreja sem flor, não tem como você não distribuir um bem-casado na igreja, entendeu, não tem como você ir com qualquer vestido. Então existem condutas pré-estipuladas e que são muito caras (casal 1).

Em outro momento ela expressa ainda essa questão: *e infelizmente por mais que a gente tenha muito bem determinado o que é o casamento pra gente, isso recai sobre a gente no meio social, infelizmente, mesmo que você negue isso, ache uma grande babaquice (casal 1).*

Além dessa questão social podemos entender o casamento como um ritual de comunhão, ou ritos positivos que tratam de atos de comunhão, como para Durkheim (1996). O ritual então, nesse caso do casamento, é um discurso simbólico que destaca alguns aspectos da realidade, tornando certos elementos do mundo social mais presentes que outros. Nesse sentido ele ressignifica certos elementos do mundo social, colocando-os em *close up* para lembrarmos Da Matta (1997). Para lembrarmos também seu exemplo do dedo, que muda de posição com o anel que marca o status matrimonial de uma pessoa, assim esse dedo de uma parte física de um corpo é visto como um elemento independente associado a uma posição social. Podemos encontrar outros exemplos de como os elementos são ressignificados no ritual do casamento nas falas dos nossos entrevistados, como:

Não tem como você ir com qualquer vestido (Alice, casal 1);

Eu nunca vi um vestido tão lindo, você acaba se identificando, foi da sua esposa, mas o vestido era bonito demais da conta (Daniel, casal 4);

Igual uma prima minha, casou semana passada, o véu não era o que ela queria, chorou, chorou, chorou, e no dia seguinte foi casar com a cara empapuçada porque o véu não era o que ela queria (Fátima, casal 6).

Assim, a cerimônia do casamento utiliza variadas linguagens enquanto ritual, seja através da linguagem verbal, as palavras proferidas por uma autoridade religiosa ou legal, ou o discurso de agradecimento dos noivos; a linguagem corporal, observada pelo vestuário típico da noiva, noivo e convidados; também pelos gestos como cortar o bolo, entrelaçar taças para o brinde e jogar o bouquet da noiva; por fim há outros elementos que contribuem para enriquecer essas linguagens simbólicas, como o local do casamento (igreja ou cartório), os enfeites desses locais, as músicas e a própria festa.

A festa, como rito, tem a função de proporcionar a coesão social, mantendo e renovando o sentimento de pertencimento e participação no grupo. Para Durkheim:

[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio [...] O homem é transportado para fora de si, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias (DURKHEIM, 1996, p. 236).

Nas festas o divertimento está em destaque, e é uma fuga das obrigações cotidianas. Depois da cerimônia o indivíduo volta ao seu dia-a-dia com mais entusiasmo. Assim, a festa reabastece a sociedade de energia, “no divertimento em grupo o indivíduo deixa de existir e passa a ser dominado pelo coletivo. Nesses momentos [...] reafirmam-se crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em grupo” (VIANNA, 1988, p. 52).

É o mesmo autor que afirma que a festa é um fator importante para a homogeneização da sociedade, esquecendo temporariamente as diferenças e enfatizando o sentimento de unidade. A festa pode ser então, como vimos, um fator de reafirmação de crenças e valores de um determinado grupo; já Da Matta (1997), mostra outro lado, quando a festa é encarada como um espaço onde são experimentadas novas configurações de relacionamento social, como no caso do carnaval.

No nosso caso específico, as festas de casamento auxiliam a reforçar a estrutura social, os valores e crenças de um determinado grupo. Na maioria dos

casos, quando foi uma “festa mais simples” ainda sim os casais fizeram algo mais íntimo, para família e alguns amigos:

Foi um público seletto mesmo, mais família, amigos íntimos (casal 3);

A gente fez uma festinha, íntima, não foi para todos os convidados, a gente convidou só os íntimos e mesmo assim a gente fez uma festa só pros parentes (casal 5);

Teve um pessoal que veio, a gente fez um almoço, era o pessoal mais chegado, coisa simples (casal 7).

Em dois casos os casais deram mais ênfase às festas que fizeram:

A festa foi muito linda e foi muita gente (casal 4);

A festa foi lá no Dom Pedro, eu posso dizer que eu aproveitei do início ao fim da festa, optei por não ir de mesa em mesa cumprimentando, avisei quando cheguei ao salão, agradei a presença de todos. Aí desci ali na pista e dali eu não saí mais, do início ao fim e ele idem (casal 6).

Há ainda o casal 1, que na ocasião da entrevista ainda não havia casado, mas apesar de não terem feito uma festa, saímos todos os amigos e parentes para um bar na cidade que estava reservado para a ocasião e festejamos o casamento.

Como todos os casais em algum momento da entrevista falaram algo sobre o custo da cerimônia de casamento, e que tiveram ou que planejar financeiramente ou fazer algumas concessões por conta do custo oneroso do casamento, da festa e da lua-de-mel, perguntei a eles hipoteticamente se tivessem que escolher entre a festa e a viagem de lua-de-mel. Dois casais me disseram que se tivessem que escolher fariam a festa, mas conseguiram conciliar os dois:

A gente planejou um tempão, eu era louca por uma festa, eu sempre quis a festa, pra mim era mais importante a festa do que a viagem, porque sempre pensei que a festa não poderia dar em outro momento, então eu não poderia dar uma festa de casamento daqui a cinco anos (casal 4);

Já pensamos em fazer festa, pensamos em não fazer, não sei, a gente não tinha com relação ao casamento aquele negócio sonho de princesa, muito idealizado, a gente sempre foi muito realista, sabe, colocamos no lápis, se a gente não fizer a festa, vamos viajar, mas viajar a gente pode viajar daqui a cinco anos, fazer a festa só vai ser agora, entendeu, aí chegamos nessa conclusão, a grana tava apertada, mas a gente conseguiu fazer o que a gente queria... (casal 6).

Os outros cinco casais afirmaram que escolheriam a lua-de-mel:

Bom, aí vem as opiniões, muita gente dá opinião, a minha mãe e o pai dele compartilham da mesma opinião que é: não façam festa, eu vi casos de pessoas que falaram que viagem de lua-de-mel é uma só se você deixar pra viajar, um ano depois, já não é a mesma coisa, quem viaja na lua-de-mel, depois faz as outras viagens, nunca vai ser igual àquela da lua-de-mel... Mesmo que seja pro mesmo lugar (casal 1);

Mas na verdade a gente tinha priorizado a viagem, seu pai que lançou a idéia da festa. A gente não faria a festa que fez com buffett, a gente faria uma coisa muito mais simples com um bolo e guaraná e teria investido na viagem. É igual você perguntou seria festa ou viagem, seria viagem com certeza (casal 3);

Viagem, a nossa opção não foi pela festa, foi pela lua-de-mel, foi por isso que a gente não fez uma festa grande (casal 5);

Viajar com certeza (casal 7).

Mas essa pergunta foi hipotética, pois como sabemos todos os casais, tendo que escolher ou não, viajaram em lua-de-mel. Suas viagens, expectativas e significações serão apresentadas no último subitem deste capítulo.

4.4. Lua-de-Mel

Por ser a lua-de-mel um assunto central desse trabalho de dissertação, foi também o assunto que mais tomou o tempo das entrevistas. Os casais falaram amplamente desde os motivos que os levaram a escolher determinado local para viverem a lua-de-mel, até as vivências da viagem e, em alguns casos, como foi a volta como casados.

Algumas categorias que serão agora apresentadas já foram pensadas e introduzidas no capítulo teórico, outras apareceram na análise dos discursos.

*Unidades Mínimas do
Imaginário*

Frases Ilustrativas

“Intimidade”

“Aí você conhece casais em lua-de-mel na viagem, faz programa juntos” (casal 3).

“E viajar recém casado também é legal, porque acaba aquela correria da organização, pronto acabou vamos relaxar, onde a gente ia começar mesmo a passar mesmo bastante tempo juntos, passar bastante tempo junto como casado, quando voltar é nova vida” (casal 3).

“Porque ali é um momento que você tá conhecendo muito mais profundamente a pessoa com quem você tá casando” (casal 4).

“Eu fiquei com raiva cheguei lá a Diana não queria ficar comigo, queria ir pra praia...” (casal 4).

“No segundo dia a gente conheceu as pessoas do hotel e a gente fez amizade com mais dois casais em lua-de-mel. Então a gente alugou um carro pra rodar tudo lá, que aí a gente rachava o carro, era um Doblô, eram três casais, cabia todo mundo” (casal 5).

“O negócio é o seguinte, a gente tava lá, só nós dois, não conhecíamos ninguém, fazíamos as coisas que gostamos de fazer, passeava, andava, fazia compra” (casal 6).

“Não interessava o lugar, interessava o nosso conhecimento maior, a gente ficar juntos” (casal 7).

“Exagero, intensidade”

“Quero praia, quero clima de festa, eu tava num momento de festividade” (casal 3).

“Na hora que a gente tava voltando bateu aquela depressão” (casal 3).

“Ficamos uma semana muito intensa” (casal 3).

“Fizemos uma lua-de-mel assim muito à vontade, sabe?! A gente teve um conforto, assim a gente quis aproveitar isso” (casal 4).

“Lazer”

“Lua-de-mel tem uma coisa que a Aline falou e é verdade, a gente não quer pejeja, a gente não quer trabalho” (casal 1).

“Muito bom, a gente achou perfeito pra lua-de-mel porque parece um paraíso e a gente foi numa época de baixa temporada em abril e tava mais tranqüilo” (casal 5).

“A casa enorme comia aquelas comidinhas de roça, não fazia não, a gente comprava lá pertinho” (casal 7).

“Romantismo”

“É, não é muito romântico, né?! A nossa pousada de Porto, é uma pousada de Charme (Roteiro de Charme) que não aceita nem criança nem cachorro, ou seja, pra casal que tá a fim de sossego, que teoricamente a lua-de-mel é pra um primeiro namoro, né?!” (casal 1).

“As pessoas falavam, ‘ah não é muito romântico não sei o quê’” (casal 3).

“Ineditismo”

“Viagem de lua-de-mel é uma só, se você deixar pra viajar um ano depois já não é a mesma coisa. Quem viaja na lua-de-mel, depois faz as outras viagens, nunca vai ser igual àquela da lua-de-mel...” (casal 1).

“A gente estava pensando em lugares que a gente não conhecia” (casal 1).

“Eu não queria ir com a Diana pra um lugar que ela já tinha ido, entendeu? A gente tinha que ir pra um lugar novo” (casal 4).

“Num prato assim, sem nada assim... tipo você tem o imaginário do casal é uma vez só assim de núpcias” (casal 4).

“Ah, o lugar era legal, era uma viagem internacional, eu nunca tinha saído pra fora do país ela também não.” (casal 6).

“Mas a lua-de-mel em si não era diferencial, se fosse casados ou noivos ou namorando, acho que não ia ser a diferença, entendeu?” (casal 6).

“Frustrações”

“A gente quase foi embora no primeiro dia, aí a CVC mandou uma van para nos mandar em outros hotéis, mas aí a gente acabou ficando por lá mesmo. No primeiro dia, assim eles batem na porta e entram, do nada... Assim casal em lua-de-mel, pelo amor de Deus. Nós ficamos indignados com isso. Então lá eles ficam com a chave, aí a camareira bate na porta, se você tiver dormindo, tomando um banho e não responder eles entram... eu achei isso muito chato. A agente de viagem tinha pedido um especial para núpcias, geralmente eles dão um espumante, uns bombons, chegamos lá não tinha nada disso, então quando mandaram pra gente tinha o espumante, as trufas parece que tinham sido feitas na hora” (casal 4).

“Eu fiquei com o pé machucado, tomei antibiótico 6 dias. Eu fiquei com o pé inchado ela também, o sapato machucou, então não aproveitamos assim...” (casal 6).

“Local da lua-de-mel”

Porto de Galinhas e Fernando Noronha: “a gente queria ir pro Taiti, é o nosso sonho de consumo, então foi outro processo delicado, porque a gente estava pensando em lugares que a gente não conhecia, nenhum dos dois, cogitamos o Caribe, mas a ilha que a gente queria conhecer a gente precisava de visto americano, então seria muito confuso.” (casal 1).

Teresópolis: “Na verdade o meu cunhado ofereceu, ele tinha pacote. É uma cidade comum” (casal 2).

“Olha, eu acho que essa coisa de lua-de-mel não tem muita preferência o lugar. A gente não tinha assim, preferência” (casal 2).

Natal: “Eu queria praia desde o início quero praia, quero clima de festa, eu tava num momento de festividade. E não chove tanto, lá tem 300 dias de sol por ano. A gente pesquisou, viu custo benefício, a gente viu que o preço tava bem interessante, do que de repente ir pra Costa do Sauípe que é bem mais caro e mais perto, os atrativos da cidade de Natal também me chamaram atenção o entorno de Natal também, o que tem nas redondezas, o próprio hotel que a gente ia ficar. Pipa tinha sido eleita uma das 10 melhores praias do Brasil” (casal 3).

Natal: “A gente ficou numa certa dúvida né?! Eu não fiquei em dúvida nenhuma, eu nunca fui pra lugar nenhum... Mas eu não queria, tipo assim, eu sempre ouvi falar muito bem de Fortaleza, mas a Di já tinha ido e eu

não queria ir com a Diana pra um lugar que ela já tinha ido” (casal 4).

“Eu não gosto muito de frio, então eu queria ir pra praia, sol e calor” (casal 4).

Porto de Galinhas: “Eu queria ir pra Gramado, era a minha primeira opção, eu queria sul, o problema é que não ia estar frio e perdia um pouco o sentido, abril o risco de estar calor era enorme e a gente ia pro sul e não ia aproveitar e aí a gente até pensou ‘o ano que vem a gente vai pro sul, mas no inverno’” (casal 5).

Buenos Aires: “Ah, o lugar era legal, e nordeste a gente não queria. Não é muito a minha cara e nem a dela” (casal 6).

Desterro do Melo: “Não interessava o lugar, interessava o nosso conhecimento maior, a gente ficar juntos” (casal 7).

“Hotel”

“A nossa pousada de Porto, é uma pousada de Charme (Roteiro de Charme) que não aceita nem criança nem cachorro, ou seja, pra casal que ta a fim de sossego” (casal 1).

“Não é como um hotel que tem café da manhã, você ocupava o apartamento, hotel turismo que chama. A gente comprava água mineral garrafa, comprava aquele suco de caju (é só tomar suco de caju que eu lembro da minha lua-de-mel)” (casal 2).

“No quarto do hotel tinha algumas coisas uma flor, uma cesta, vinho, frutas... O quarto era de frente pra praia, tinha quarto de fundos, o nosso era de frente pro mar, quando chegamos tava tudo preparado, esses mimos” (casal 3).

“O nosso hotel foi um negócio muito interessante, era um local que era tipo um mosteiro e eles montaram um resort, e é de um italiano que queria fazer principalmente pro pessoal da Europa, então eu me lembro de ter visto dois casais brasileiros e tinha aberto há pouco tempo para pacotes nacionais por isso o preço estava muito bom. Mas eu acho que eles não estavam preparados para receberem casais em lua-de-mel” (casal 4).

Analisando as categorias selecionadas em consonância com a teoria apresentada anteriormente, podemos notar que em algumas categorias expostas os discursos dos entrevistados não foram homogêneos, chegando em alguns casos a serem paradoxais, pois mesmo considerando que certos comportamentos e eventos são resultados de determinadas forças sociais que levam o indivíduo a agir de certo modo, não podemos perder de vista a margem de escolha deste mesmo indivíduo, ou o que Velho (1981) chamou de “dimensão consciente da vida social”:

É a velha idéia que os atores são joguetes de força impessoais e poderosas, nada mais fazendo do que confirmar através de suas ações o sentido da história. É evidente que não se trata de negar a existência de processos sociais condicionando e afetando os indivíduos. Também não se pretende negar o caráter envolvente e até determinante da cultura de determinada época e sociedade. Cumpre, no entanto, recuperando o caráter dinâmico do conceito de cultura, percebê-la enquanto expressão e criação de indivíduos interagindo, escolhendo, optando, preferindo (VELHO, 1981, p. 106).

A escolha é uma categoria recorrente em todos os discursos dos casais em vários e variados momentos. Como categoria, escolha é entendida como “uma característica individualista que responde à ‘independência’ do indivíduo em relação ao todo. Ele é o todo, e o todo basta” (SANTOS, 2001, p. 199). A margem relativa de escolha de indivíduos ou grupos é o que representa a noção de projeto para Velho (1981): “o projeto é uma forma de manipular e dar uma direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura. Implica sempre algum tipo de seleção em função de experiências, necessidades e estratégias particulares” (VELHO, 1981, p. 108-109). Desse modo a escolha individual é encarada como um elemento para compreensão de transformações da sociedade:

Portanto, seja o projeto de morar em Copacabana, *viajar à Europa*, de organizar um partido, de ficar rico, de fundar uma igreja, etc., está-se lidando com um tipo de ato consciente, por mais que saibamos que este não surgiu do éter, mas de possibilidades sócio-culturais determinadas (VELHO, 1981, p. 107, minha ênfase).

Essa idéia está presente em diversos momentos e podemos visualizar, através do ato de escolher (muitas vezes expresso verbalmente) essa manobra individual ou a “dimensão consciente da vida social”. Por conta disso não há homogeneidade nos discursos, as significações e sentidos da viagem de lua-de-mel,

apesar de apresentarem semelhanças, demonstram diferenças relevantes. E a escolha aparece permeando esses discursos, desde a escolha em fazer a viagem, até o local onde viver a lua-de-mel.

Assim como as categorias e frases típicas nos mostraram, a lua-de-mel é considerada um momento de prazer e de felicidade. O exagero é admitido porque é uma oposição simbólica ao cotidiano, no qual fazemos restrições, assim tudo é vivido com muita intensidade. Algumas falas estão permeadas por esse pensamento, no qual a idéia é de aproveitar muito a lua-de-mel.

Uma categoria recorrente nos casais foi a idéia de intimidade, como se os casais aproveitassem o momento de estarem a sós numa viagem para se conhecerem profundamente desfrutando desse momento. Essa idéia é expressa em algumas frases:

Não interessava o lugar, interessava o nosso conhecimento maior, a gente ficar juntos (casal 7).

Onde a gente ia começar mesmo a passar mesmo bastante tempo juntos, passar bastante tempo junto como casado, quando voltar é nova vida (casal 3).

Porque ali é um momento que você tá conhecendo muito mais profundamente a pessoa com quem você tá casando (casal 4).

O negócio é o seguinte, a gente tava lá, só nós dois, não conhecíamos ninguém, fazíamos as coisas que gostamos de fazer, passeava, andava, fazia compra (casal 6).

Contrário a essa idéia do casal, da intimidade, de ficarem a sós, está a de casais que contaram usufruir outras companhias durante a lua-de-mel. Dois casais citaram o fato de terem a companhia de outros casais em lua-de-mel:

No segundo dia a gente conheceu as pessoas do hotel e a gente fez amizade com mais dois casais em lua-de-mel. Então a gente alugou um carro pra rodar tudo lá, que aí a gente rachava o carro, era um Doblô, eram três casais, cabia todo mundo (casal 5).

Você conhece casais em lua-de-mel na viagem, faz programa juntos (casal 3).

Mesmo contradizendo o que aparentemente é pressuposto da lua-de-mel, ou seja, o casal desfrutar de momentos de intimidade, aproveitando ao máximo para ficarem a sós, os casais citados, que optaram por usufruir outras companhias na lua-de-mel, ainda sim tiveram algum critério nessa seleção, escolheram compartilhar

desse momento da viagem com outros casais que estavam naquele local por motivações em comum, assim, se aproximaram de casais que possuem a mesma identidade, corroborando a idéia da viagem de turismo como fator de consolidação de identidades, quando nos aproximamos, pela diferenciação, de nossos pares.

Resta ainda a última frase selecionada para essa categoria, onde Daniel do casal 4 disse: *eu fiquei com raiva cheguei lá a Diana não queria ficar comigo, queria ir pra praia... (casal 4)*, mas acredito que há aí uma conotação sexual, pois ele sugeriu que ela não quisesse ficar a sós com ele.

Outra característica importante para pensarmos a lua-de-mel e que permeou os discursos dos casais é a idéia de ineditismo, de um momento único. Esse ineditismo aparece de duas maneiras distintas, a primeira e mais recorrente é a idéia de que o casal deve passar a lua-de-mel num local desconhecido para os dois:

A gente estava pensando em lugares que a gente não conhecia (casal 1).

Eu não queria ir com a Diana pra um lugar que ela já tinha ido, entendeu a gente tinha que ir pra um lugar novo (casal 4).

Ah, o lugar era legal, era uma viagem internacional, eu nunca tinha saído pra fora do país ela também não (casal 6).

A ênfase é na viagem de lua-de-mel como um momento especial, único, irreversível. Se as viagens de turismo, no geral, pressupõem um rompimento, ainda que temporário, com o cotidiano, na lua-de-mel esse rompimento é ainda mais evidente. Outra idéia é que a lua-de-mel é um momento único, por isso deve ser aproveitado, pois não haverá oportunidade de vivê-lo novamente:

Viagem de lua-de-mel é uma só se você deixar pra viajar, um ano depois, já não é a mesma coisa. Quem viaja na lua-de-mel, depois faz as outras viagens, nunca vai ser igual àquela da lua-de-mel... (casal 1).

Num prato assim, sem nada assim... tipo você tem o imaginário do casal é uma vez só assim de núpcias (casal 4).

Esse pensamento é visto de outra maneira pelo casal 6:

Mas a lua-de-mel em si não era diferencial, se fosse casados ou noivos ou namorando, acho que não ia ser a diferença, entendeu? (casal 6).

Uma categoria interessante que surgiu em algumas falas foi a respeito das frustrações. De fato, realizar uma viagem, na qual dispensa-se tempo, dinheiro e planejamento e ter que lidar com imprevistos - nem sempre bem-vindo - causa decepções. Mas no caso, além de ser uma viagem importante, que em alguns casos

foi fruto de organização e sacrifícios financeiros, é também uma viagem que carrega um simbolismo especial, como vimos, é única, o primeiro momento do casal casado de fato. Talvez aí os imprevistos tomem uma proporção maior. A frase exposta acima (*num prato assim, sem nada assim... tipo você tem o imaginário do casal é uma vez só assim de núpcias, casal 4*) se referia ao que sentia Diana ante uma frustração de sua viagem, o fato do hotel não ter oferecido nenhum brinde ao casal em lua-de-mel e quando o fizeram, não prepararam de maneira especial, “num prato assim, sem nada”, em seguida ela demonstra a proporção na frase “o imaginário do casal é uma vez só assim de núpcias”, ou seja, além do deslize cometido pelo hotel, aconteceu numa ocasião que é considerada única na vida daquele casal. Essa categoria a que chamamos de “frustrações” está intimamente ligada a outra que é o fato da lua-de-mel ser considerada uma viagem ‘especial’, o fato das frustrações serem citadas e tomarem proporção só faz realçar a lua-de-mel como um momento único e especial.

Podemos refletir, a partir do exposto, sobre o papel do profissional de turismo que deve interpretar o imaginário desta viagem; na realidade o que está em jogo não é apenas a qualidade dos serviços prestados, mas além, as significações simbólicas que este tipo de viagem está revestido e a importância dos serviços turísticos na consolidação destes imaginários.

Essa idéia é estimulada no documento da EMBRATUR²³, no qual os especialistas devem planejar as viagens em cada detalhe, sendo que essa exigência para os que trabalham com o público em lua-de-mel é maior, pois há a ênfase de ser um momento especial no qual nada pode dar errado e a viagem deve ser inesquecível. Outra orientação da EMBRATUR no documento mencionado dirige-se às empresas que prestam serviços a recém-casados, que geralmente oferecem produtos específicos ao seu público como roteiros especializados, flores, garrafas de espumante em hotéis, dentre outros. A justificativa é que “o público a ser atingido é exigente e espera que as expectativas sejam superadas” (EMBRATUR, 2006, p.10). De acordo com nossos entrevistados a EMBRATUR segue com produtivas orientações, já que a maioria dos entrevistados destacou as especificidades dos serviços oferecidos em lua-de-mel sem serem perguntados diretamente sobre isso:

²³ Documento intitulado: “turismo de lua de mel: estudo preliminar das oportunidades para a comercialização no Brasil, com foco no mercado internacional, do segmento de Turismo de Lua de Mel”, publicado em 2006 pelo Ministério do Turismo.

No quarto do hotel tinha algumas coisas uma flor, uma cesta, vinho, frutas... O quarto era de frente pra praia, tinha quarto de fundos, o nosso era de frente pro mar, quando chegamos tava tudo preparado, esses mimos (casal 3).

E quando essas especificidades não são encontradas são motivos de frustração, ou seja, esses produtos especializados não são um diferencial, já fazem parte da viagem de lua-de-mel:

Mas eu acho que eles não estavam preparados para receberem casais em lua-de-mel. A agente de viagem tinha pedido um especial para núpcias, geralmente eles dão um espumante, uns bombons, chegamos lá não tinha nada disso, então quando mandaram pra gente tinha o espumante, as trufas parece que tinham sido feitas na hora (casal 4).

Outra contribuição da teoria que trabalhamos para nossa análise de dados é que a lua-de-mel é considerada uma viagem de turismo e também um ritual. Vimos que as viagens de turismo acontecem no tempo livre, mais especificamente, no tempo de lazer. Essa característica é visualizada em algumas falas, como: *“lua-de-mel tem uma coisa que a Alice falou e é verdade, a gente não quer peleja, a gente não quer trabalho” (casal 1)*, a conotação do lazer surge aí como oposição simbólica ao tempo de trabalho. Outra fala que também contribui ao nosso pensamento: *“a casa era enorme, comia aquelas comidinhas de roça, não fazia não, a gente comprava lá pertinho” (casal 7)*, o lazer é visto aí pela falta de obrigações, Geni que também é dona-de-casa enfatizou que em sua lua-de-mel ela não fazia comida, ou seja, não tinha obrigações e nem trabalho.

Quanto ao local no qual viajaram em lua-de-mel há uma profusão de motivações, para os quatro casais que viajaram para praia, podemos observar uma afinidade na motivação, pois buscaram na lua-de-mel, passear, se divertir, conhecer novos lugares, descansar. Outros dois casais, que são os casados há mais tempo não definiram as motivações sobre o local da lua-de-mel, sendo que ambos enfatizaram que o lugar não era mais importante. O outro casal, que foi a Buenos Aires, falou que o escolheu por questões práticas, por ser um local desconhecido e que estava dentro das limitações financeira de ambos. De uma maneira geral as escolhas seguem a tendência indicada pelo documento da EMBRATUR, na qual os brasileiros dão preferência a locais de praia e sol para viajarem em lua-de-mel.

O ritual é uma categoria importante para compreendermos a lua-de-mel. Assim como o casamento é um ritual de comunhão como afirmamos anteriormente,

a lua-de-mel pode ser entendida como um ritual de passagem, já que se trata de um momento de distanciamento dos indivíduos de sua estrutura social e um retorno com novo status, assim, no caso da lua-de-mel é um distanciamento no qual o indivíduo volta a sua sociedade de origem como casado: *e viajar recém-casado, onde a gente ia começar mesmo a passar mesmo bastante tempo juntos, passar bastante tempo junto como casado, quando voltar é nova vida (casal 3).*

Turner (1974) destaca duas fases importantes que caracterizam o ritual de passagem: a liminaridade e a communitas. A liminaridade é o momento intermediário entre o distanciamento e a reaproximação. É caracterizado também pelo distanciamento simbólico da estrutura hierárquica da sociedade, chamado por Turner de communitas.

Esse momento de liminaridade exige uma separação tanto física quanto de papéis, que Leach (1995) chama de marginalidade prolongada e exemplifica com a lua-de-mel. Podemos enxergar que na lua-de-mel, como momento liminar, o casal está ali para ser investido e ser reconhecido por seu novo papel de marido e mulher, separando de outros como os de filho, irmão, empregado, etc.

A lua-de-mel pressupõe uma separação momentânea da “vida comum”, é uma ruptura, ainda que superficial, onde imperam novas regras, geralmente diferentes das do mundo do trabalho. Como momento, a viagem de lua-de-mel é delimitada por duas oposições; a primeira, contrariamente ao cotidiano, é marcada pelo inusitado, pelo diferente da rotina do dia-a-dia e do mundo do trabalho como dito. A segunda oposição é ao próprio casamento, que é um evento público, com a presença de amigos e familiares, sendo que a lua-de-mel é um momento de intimidade e privacidade do próprio casal: *e viajar recém-casado também é legal, porque acaba aquela correria da organização, pronto acabou vamos relaxar (casal 3).* Essa idéia, da lua-de-mel como um momento de intimidade e privacidade do casal, após os rituais sociais do casamento e da festa pode ser expressa na frase que intitula esse trabalho de dissertação e é utilizada em nossa cultura: “enfim sós”.

Analisando as características aqui expostas que nos auxiliam a entender a lua-de-mel, como intimidade, ineditismo, momento de lazer (e divertimento) do casal, fica mais clara a afinidade desse evento com o imaginário, principalmente se assinalarmos uma qualidade essencial desse conceito: a afetividade, ou seja, o imaginário é uma interpretação de imagens, assim como são as representações sociais. Porém o imaginário está permeado pelo caráter afetivo, “é uma força, um

catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo, uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida” (SILVA, 2006, p. 10).

Se o imaginário é cimento social que permeia as interações, relações e representações que fazemos da vida social é ainda mais visível quando o que está em jogo são dimensões da vida social afetiva como o casamento e a lua-de-mel. Esses imaginários puderam ser percebidos, ainda que não medidos, nas entrevistas, nas falas e nas entrelinhas, tanto no local escolhidos pelos casais para viverem sua lua-de-mel, quanto nas motivações que os fizeram optar pela viagem e até no sentido desta viagem para os casais. Várias diferenças foram colocadas em jogo, alguns casais fizeram questão da viagem, a idealizaram como um sonho, outros nem tanto, poderiam fazê-la em outro momento, mas todos a viveram e com isso (re)significaram sua representação na cultura em que vivem.

CONCLUSÃO

Que teoricamente a lua-de-mel é pra ser um primeiro namoro, né?! Apesar de não ser mais o primeiro, vai ser namoro.

CASAL1

Todo caminho percorrido no decorrer deste trabalho de dissertação, desde a apresentação das teorias e conceitos que julgamos serem importantes para a compreensão das relações em jogo e para a construção do nosso olhar sobre eles; a demonstração sumária das entrevistas até a análise dos dados apresentando categorias e frases típicas e algumas reflexões sobre as representações selecionadas são a base das conclusões que trataremos neste momento.

É importante considerar que essa dissertação não pretende por um ponto final no tema. Temos consciência das limitações do trabalho, que compreendeu um grupo de pesquisa restrito. Esse grupo apresenta em comum o fato de morar na cidade de Juiz de Fora, pertencer à uma mesma camada social, ser casados e ter viajado em lua-de-mel. Há também diferenças consideráveis, alguns casaram em décadas diferentes, e distinções também ao fato de pertencerem a outros grupos culturais.

Além, devemos ter em mente que as conclusões apresentadas abrangem o contexto do grupo pesquisado. Variações diversas se apresentariam sobre o imaginário da lua-de-mel se ampliássemos o universo pesquisado de acordo com a renda, a idade, a época na qual casaram, o local onde casaram e vivem, dentre outras. Outras ainda poderiam ser percebidas se abrangêssemos casais que optaram por não viajar em lua-de-mel, casais divorciados, solteiros, etc. Pesquisas complementares poderiam considerar essas variações.

De um modo geral podemos concluir que a lua-de-mel é, para os casais entrevistados, um momento inédito, único, de intimidade e contrário às regras do

dia-a-dia. A maioria dos casais optou por um destino “sol e praia”, que está ligado também em nossa cultura à idéia de paraíso, um local sem pecado, o jardim do éden como lembrado no início do trabalho, dando destaque ao fato de passearem e conhecerem o local visitado. As representações da família de origem sobre o casamento, em especial a lua-de-mel, apareceram em alguns casos como fator de relevante influência na construção de imaginários sobre a viagem para os casais. Alice do casal 1, por exemplo, enfatizou o fato de sua irmã não ter gostado da lua-de-mel porque foi para a praia e só choveu, diferente dos casais 2 e 7 que afirmaram que ficaram mais dentro do hotel (ou em casa para o casal 7), não importando tanto o lugar, as cidades em que estavam.

Para os casais 2 e 7 o lugar não era o mais importante (*“olha, eu acho que essa coisa de lua-de-mel não tem muita preferência o lugar”* casal 2, *“não interessava o lugar, interessava o nosso conhecimento maior, a gente ficar juntos”* casal 7), eles salientaram a importância da oportunidade em ficarem juntos, na intimidade da viagem. Os casais em questão casaram há 23 e 19 anos respectivamente. A ênfase no discurso é dada pela lua-de-mel como um momento de intimidade do casal. Os outros cinco casais, casados há menos tempo, mais recentemente, salientaram a lua-de-mel como uma viagem de turismo, falaram bastante sobre os locais visitados, os hotéis nos quais se hospedaram. O discurso muda nos dois grupos apresentados, o primeiro enxerga a lua-de-mel como uma oportunidade para o casal ficar a sós²⁴ (*“a gente ficava mais no hotel, pra gente namorar”* casal 2, *“ficamos mais dentro de casa, tava frio”* casal 7); já no segundo grupo o discurso predominante foi sobre a viagem em si e pelo lugar que conheceram, pelo passeio (*“ficamos uma semana muito intensa, passeamos muito, descobrindo a cidade, conhecemos bem a cidade, todo o dia a gente saía”* casal 3, *“eu fiquei com uma raiva, cheguei lá e a Diana não queria ficar comigo, queria ir pra praia”* casal 4, *“a gente ficou num hotel perto da cidade e toda a noite a gente tava lá, no point”* casal 5).

²⁴ Não é possível afirmar a relação direta das atitudes dos casais com a atividade sexual, no sentido da lua-de-mel (junto com a noite de núpcias) ser o primeiro momento de intimidade sexual dos casais entrevistados. Ainda assim, pelo teor das nossas conversas posso inferir que ao contrário do que pode parecer por priorizarem o fato de ficarem a sós, no primeiro grupo, o casal 2 me pareceu que já tinham intimidade sexual antes do casamento, e o segundo grupo, o casal 4 não. Achamos por bem não realizar essa pergunta diretamente, mas em nenhum momento, mesmo que fizesse perguntas genéricas sobre a lua-de-mel (“como foi a lua-de-mel?”, “o que acharam da lua-de-mel?”, “me falem agora da lua-de-mel”) o assunto intimidade sexual veio à tona explicitamente. Algumas perguntas puderam nos auxiliar a pensar sobre esse assunto como: “vocês já tinham viajado sozinhos antes do casamento?”.

Ainda que tenha havido uma ênfase maior de alguns casais na lua-de-mel como uma viagem de turismo e outros como um momento, consideramos que toda lua-de-mel é uma viagem, ou seja, sem viagem não há lua-de-mel. O enfoque na viagem é visualizado também nas expectativas e escolhas com relação ao local visitado. A maioria dos casais enfatizou o desejo de ir a um local no qual nenhum dos dois conhecesse ainda, talvez um campo neutro onde começariam juntos (e separados, ainda que momentaneamente, da vida que tinham antes do casamento) uma nova vida (aproximando ao conceito ritual de passagem de Turner). Por ser um local desconhecido, sem lembranças anteriores, gera a consolidação de identidades como vimos ser uma característica das viagens de turismo. O fato de ambos estarem num local diferente, com pessoas diferentes, acaba, na distinção, reforçando a identidade do casal (concepção relacional de Barth), levando-nos a constatar que a lua-de-mel é uma experiência desconhecida que une ao reconhecimento. O casal, num local onde nunca estiveram antes, novo, acabam ressaltando, construindo e reforçando sua identidade, criando intimidade e conhecimento.

Nery (1998) nos auxilia a pensarmos sobre o prazer da viagem, em especial sobre o que acabamos de citar, quando nos traz a idéia dos três dispositivos: de sensibilidade, de desdobramento e de sublimação. O dispositivo de sensibilidade, nas palavras de Santos²⁵ (2001) se refere, numa viagem, à “capacidade de perceber a si mesmo e de perceber o outro [que] é estimulada, na medida em que se entra em contato com o diferente, com o não-familiar” (SANTOS, 2001, p. 200). Desse modo podemos concluir que a viagem de lua-de-mel conduz à construção da identidade do casal enquanto casal, primeiro por ser uma característica mesmo das viagens de turismo, de se reconhecer a si e aos outros, e também pelas próprias qualidades da lua-de-mel, por ser uma prática cultural que pressupõem momentos de encontro, conhecimento e intimidade.

O outro dispositivo citado por Nery, o dispositivo de desdobramento, se refere às especificidades trazidas pelo deslocamento provocado pela viagem turística, onde “o indivíduo pode expressar sentimentos, gestos e atitudes que, num momento cotidiano, não estariam sendo estimulados” (SANTOS, 2001, p. 204). Nesse sentido podemos aproximar, mais uma vez, à *communitas* de Turner (1974) na qual os indivíduos são regidos por uma lógica diferentes à do cotidiano, alguns sentimentos

²⁵ O referido trabalho é fruto de iniciação científica, cujo orientador é Paulo Roberto Albieri Nery.

e atitudes diferentes do dia-a-dia, em nosso caso, como o romantismo exacerbado, a alegria, a admiração, etc, são sentimentos que podem ser extravasados nesse momento da viagem.

A viagem de turismo é, portanto, um meio de aproximação, já que permite que experiências e vivências únicas sejam compartilhadas com quem se está viajando. Em especial as viagens de lua-de-mel, que são encaradas, muitas vezes, como um momento único e especial do casal. Além disso, viajar em lua-de-mel é também um símbolo de status que é compartilhado socialmente. Quando o primeiro casal entrevistado (na época o único que ainda não havia casado nem viajado) voltou da lua-de-mel, em fevereiro de 2008, mandaram recados aos amigos chamando para reuniões em sua casa. Eu mesma fui em uma dessas reuniões, onde eles mostraram as centenas de fotografias tiradas na viagem, contaram histórias dos locais visitados, mostraram souvenirs. Esse momento pós-lua-de-mel é onde o casal sai da intimidade e privacidade da viagem para compartilhar (ainda que não todas) as experiências com seu grupo. Esse momento, da volta da viagem, ao cotidiano ainda que diferenciado por uma nova vida, de casados, merece também uma outra pesquisa para dar conta dessas relações em jogo.

Esse exemplo das fotografias e dos souvenirs nos lembra o último dispositivo trabalhado por Nery, o dispositivo de sublimação, que é “a transferência de sentimentos que precisam ganhar forma palpável por meio de imagens que podem ser trazidas à lembrança” (SANTOS, 2001, p. 206), ou seja, é uma maneira de exteriorizar a vivência de uma nova experiência. Augè (1999) corrobora esse pensamento ao afirmar que os turistas pensam no “espetáculo” que proporcionarão aos que lhe rodeiam como familiares e amigos, apresentando as imagens das viagens. Assim para o autor muitas vezes a aposta da viagem é o retorno e a narrativa que possa fazer dela. Para Augè a narrativa é o que dá sentido à experiência do viajante, o que torna a viagem satisfação dos sentidos e possibilidade de conhecimento, seja de si mesmo seja do outro.

Viajar, portanto, consiste em ir e voltar modificado pelas experiências e momentos vividos. A viagem de turismo é sempre um ritual, no qual há deslocamento e geralmente pressupõe planejamento e expectativas, seja qual tipo for. A lua-de-mel, como vimos alhures, é também um ritual que encerra a condição dos recém-casados. Assim podemos concluir que a viagem de lua-de-mel implica aí dois tipos de rituais, um da viagem em si, e outro da lua-de-mel. Um momento

repleto de significações e sentidos, a lua-de-mel está permeada por imaginários que os discursos dos casais fez comprovar. No grupo que estudamos, o imaginário da lua-de-mel, ainda que apresente variações, é de um momento inédito, único, de intimidade e que apresenta características especiais já que é *“onde a gente ia começar mesmo a passar mesmo bastante tempo juntos, passar bastante tempo junto como casado, quando voltar é nova vida”* (casal 3).

Há ainda que ressaltarmos a identificação do imaginário num discurso ambíguo e contraditório, assim como nos lembrou Silva: “na abstração racional o contraditório deve ser expurgado. No concreto das práticas cotidianas, o paradoxo alimenta os imaginários” (SILVA, 2006, p. 21). Assim, num aparente paradoxo podemos visualizar o imaginário, a aura imponderável, perceptível, porém não quantificável. É percebido de maneira pontual em dois momentos das entrevistas. O primeiro, na entrevista 1, quando o casal esboça a prioridade de viajar em lua-de-mel alegando que as pessoas em sua volta disseram que a lua-de-mel é uma só, mesmo que volte para o mesmo lugar nunca vai ser igual, ainda que as pessoas em questão não tivessem, antes de casar, a vida que o casal 1 tinha, pois eles já moravam juntos. Não souberam explicar o porquê da lua-de-mel ser tão importante para um casal que já se sentia casado.

Outro momento no qual esse paradoxo pode ser percebido é com o casal 6 que enfatizou a falta de importância da lua-de-mel em frases como: *“a gente não tinha aquele negócio de sonho de princesa, muito idealizado... viajar a gente podia viajar daqui a cinco anos”, “sei lá, não era sonho ir pra Buenos Aires, sei lá, era um lugar legal dentro das nossas possibilidades”, “a lua-de-mel em si não era diferencial, se fossemos casados ou noivos ou namorando acho que não ia ser a diferença”, “se a gente tivesse ido dois meses antes de casar teria sido a mesma coisa”*. Ao mesmo tempo, mesmo salientando em alguns momentos o desinteresse pela lua-de-mel, eles ainda sim viajaram e para tanto fizeram algumas concessões, como as financeiras. Em duas ocasiões falaram das restrições financeiras: os pais de ambos auxiliaram a custear o casamento (a festa em especial) e em outro momento disseram que não gastaram tanto quando gostariam porque tinham a casa para montar. Se a viagem era desnecessária como frisaram e pelo percebido o casal não tinha finanças suficiente para arcar com o casamento, a festa, a casa, ou seja, para viajarem em lua-de-mel tiveram que fazer restrições, então por que viajaram? Por que não deixaram para viajar dali a cinco anos como sugeriu Francisco? Alguns

autores que utilizamos no decorrer deste trabalho nos ajudam a responder essas indagações como Durand (2001, 1988), Maffesoli (2007, 1987), Velho (2006, 1981, 1978), DaMatta (1997), Silva (2007, 2006), pois como vimos no caso apresentado, a contradição está cheia de significados já que percebemos nessa atitude o imaginário da lua-de-mel, que neste caso está além da vontade individual do casal, mas a viagem, a lua-de-mel, representa uma prática que é construída, reconstruída e reforçada socialmente e culturalmente.

Os dois casos apresentados são representativos porque demonstram a presença e importância do imaginário na cultura pesquisada. Ainda que novas formas de configurações de casamento tenham surgido, diferente de décadas atrás, a lua-de-mel continua sendo uma prática cultural significativa e repleta de sentidos que são reconstruídos e reinterpretados pelos atores sociais envolvidos.

Podemos afirmar que para os casais a lua-de-mel é uma viagem recheada de significados onde, num local distante da sua sociedade o casal inicia sua nova vida. É um momento que marca oposições claras: ao dia-a-dia, tempo de restrições, tempo do trabalho, de representar diversos papéis; e também ao casamento, com a agitação da organização, com a efervescência social da festa, convívio com várias pessoas. A lua-de-mel se diferencia de todos esses fatores: é um tempo de lazer, de exageros, de intensidades, sem obrigações a não ser descansar, passear, divertir, tempo de intimidade, de privacidade onde o casal põe em destaque sua nova posição social: de marido e mulher.

Estas características da lua-de-mel foram percebidas, ainda que de forma heterogênea, em todos os casais entrevistados. Quando tratamos da lua-de-mel, essas foram o cimento social que uniu todos os discursos e histórias tão distintas num primeiro momento. Devemos concluir, finalmente, que os significados compartilhados pelo grupo ressaltam a lua-de-mel como uma prática cultural que renova valores, resgata um sentimento de pertencimento e consolida identidades dos indivíduos com seu grupo social.

Assim, podemos considerar por fim, que as representações apresentadas pelo grupo pesquisado nos mostra que a lua-de-mel tem sido reinterpretada e reconstruída enquanto prática cultural, se mostrando como um importante fator de coesão social, sendo que seus sentidos e significados são compartilhados e negociados socialmente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In: ALMEIDA, A. M. de. (Orgs). **Pensando a família no Brasil – da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Editora da UFRRJ, 1987, p. 53-66.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AUGÈ, Marc. Voyage et tourisme. La vie comme r crite. **L'Homme**, Ann e 1999, Volume 39, N. 151. p.11-19.

BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETO, Margarida (orgs.), **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas - SP, Papirus Editora, 2001. p. 195-208.

BARRETO, Margarida. **Manual de inicia o ao estudo do turismo**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BILAC, Elisabete D ria. Sobre as transforma es nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara T. (Org). **Família em processos contemporâneos: inova es culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 43-61.

CASADAS COM OS MAIS JOVENS. Disponível em:
<<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VJS0-3076-20080307-317657,00.html>>.
Acesso em 10 março 2008.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. **A “Santiago de Compostela” brasileira: religião, turismo e consumo na peregrina o pelo Caminho da F **. 2006. 191 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – ICH, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro, In: VELHO, Gilberto. **Antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002, p 80-87.

CEMIM, Arneide Bandeira. A escola sociológica francesa e suas presenças nas teorias do imaginário. **Primeira versão**. Porto Velho, Universidade Federal de

Rondônia, Ano I, nº 38, set, 2001a. Disponível em:
<<http://www.primeiraversao.unir.br/numero038Arneide.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2007.

_____. Entre o cristal e a fumaça: afinal o que é imaginário? **Revista eletrônica do centro de estudos do imaginário**. Porto Velho, Universidade Federal de Rondônia. Ano I, nº 1, dez, 2001b. Disponível em:
<<http://www.cei.unir.br/artigo1.html>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, EDUSC, 1999.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira. In: ALMEIDA, A. M. de. (Orgs). **Pensando a família no Brasil – da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Editora da UFRRJ, 1987, p. 115-136.

_____. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”, IN: NUNES, Edson de Oliveira. (org), **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978. p. 23-35.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

EMBRATUR. **Turismo de lua de mel**: estudo preliminar das oportunidades para a comercialização no Brasil, com foco no mercado internacional, do segmento de Turismo de Lua de Mel. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2006.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo, Editora Hucitec, 1985.

FONSECA, Claudia. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara T. (Org). **Família em processos contemporâneos**: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995. p. 43-61.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

GOLDENBERG, Mirian. **Infel**: notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

_____. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro, Record, 2005.

_____. Sobre a invenção do casal. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 89-104, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara T. (Org). **Família em processos contemporâneos**: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995. p. 43-61.

IBGE dados sobre casamento em 2006. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1046&id_pagina=1>. Acesso em: 03 março 2008.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

_____. Cultura brasileira, uma abordagem antropológica. IN: **Sociedade e Estado**, vol. VIII, nº 1 e 2, 1994.

LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. **Cultura e comunicação**. Lisboa: Edições 70, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.15, 2001. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/15/a07v1n15.pdf>> . Acesso em: 15 jun. 2007.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 3ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1984.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa, Edições 70, 2001.

MOHERDAUI, Bel. **A vida sem casamento**. Veja. São Paulo, ano 39, n. 47, p. 84-92, 26 de nov. De 2006.

NATIONAL ASSOCIATION OF WEDDING MINISTERS, Honeymoon Statics. Disponível em <<http://www.aweddingministers.com/wedding/statistics.htm>>. Acesso em: 18 de março de 2008.

NERY, Paulo Roberto Albieri. **Viagem, passeio, turismo: estudo comparado do deslocamento como valor**. 1998. 242 f. Tese (Doutorado em antropologia social) – Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora: vivendo a história**. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1994.

PEIRANO, Mariza. **Rituais: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PRADO, Rosane Manhães. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. **Horizontes antropológicos**, n.20, p.205-224, vol.9, ISSN 0104-7183, out. 2003.

SALEM, Tânia. Família em camadas médias: uma perspectiva antropológica. **BIB** – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-80, 1º semestre 1986.

_____. Entrevistando famílias: notas sobre o trabalho de campo, IN: NUNES, Edson de Oliveira. (org), **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978. p. 47-64.

SANTOS, Ágatha Alexandre. Construção social da pessoa no turismo: um estudo de caso, IN: BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETO, Margarida (orgs.), **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas - SP, Papyrus Editora, 2001. p. 195-208.

SANTOS, Rafael José dos. Imagens do Turismo: cultura e lugares híbridos em Gramado e Canela, RS. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro : Intercom, 2005.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboço para um conceito**. Porto Alegre: Sulina, 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB5.PDF>> . Acesso em: 16 jun. 2007.

_____. Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

SIQUEIRA, Euler David. O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo. **Revista Hospitalidade**, v. 4, 2007, p. 01-20.

_____.; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Para uma etnografia do cartão postal: destaque para a garota carioca. **Teoria e Cultura**, v.1, 2006, p. 129-147.

TYLOR, Edward. **Primitive culture**. Londres, John Mursay, 1871.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: SESC Studio Nobel, 1990.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

_____. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A. M. de. (Orgs). **Pensando a família no Brasil** – da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Editora da UFRRJ, 1987, p. 79-87.

_____. **Individualismo e cultura** – Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **A utopia urbana** – um estudo da antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. Observando o familiar, IN: NUNES, Edson de Oliveira. (org), **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978. p. 36-46.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Sites consultados:

<http://www.aweddingministers.com/wedding/statistics.htm>

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1046&id_pagina=1

www.pjf.mg.gov.br.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>